



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE LETRAS

DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

ALTERNÂNCIA LOCATIVA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO:

UMA ABORDAGEM TEÓRICO-EXPERIMENTAL

Letícia da Cunha Silva

Brasília-DF

2018

LETÍCIA DA CUNHA SILVA

**ALTERNÂNCIA LOCATIVA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO:
UMA ABORDAGEM TEÓRICO-EXPERIMENTAL**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, para obtenção do título de doutor em Linguística.

Orientadora: Prof^a Dr^a Rozana Reigota Naves

BRASÍLIA-DF

2018

da da Cunha Silva, Leticia Alternância locativa no português brasileiro: uma abordagem teórico-experimental / Leticia da Cunha Silva; orientador Rozana Reigota Naves. -- Brasília, 2018. 226 p.

Tese (Doutorado - Doutorado em Linguística) - Universidade de Brasília, 2018.

1. Alternância locativa. 2. Mapeamento sintático. 3. Efeito holístico-partitivo. 4. Núcleo aplicativo. I. Reigota Naves, Rozana, orient. II. Título.

**ALTERNÂNCIA LOCATIVA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO:
UMA ABORDAGEM TEÓRICO-EXPERIMENTAL**

Letícia da Cunha Silva

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, para obtenção do título de doutor em Linguística, aprovada em 10 de agosto de 2018 na cidade de Brasília, pela Comissão Examinadora composta por:

Presidente: Prof. Dr^a Rozana Reigota Naves – UnB/PPGL

Membro interno: Prof. Dr^a Heloísa Maria Moreira Lima Salles – UnB/PPGL

Membro externo: Prof. Dr. Timothy Michael Gupton – UGA/USA

Membro externo: Prof. Dr. José Ferrari Neto – UFPB

Suplente: Prof. Dr. Marcus Vinícius da Silva Lunguinho – UnB/PPGL

Ao meu amado avô Sabino (*in memoriam*)

AGRADECIMENTOS

Gratidão é a palavra que resume essa trajetória de doutoramento. Sinto-me imensamente grata à Deus, pelo dom da vida e por guiar os meus passos.

Agradeço às instituições: Universidade de Brasília, a que devo toda minha formação; CAPES, cujas bolsas de estudos propiciaram o meu prosseguimento nos estudos; Universidade da Georgia, que me propiciou uma estadia inesquecível e me ensinou tanto em tão pouco tempo; FAP-DF, pelo apoio na apresentação dos trabalhos; ao *Statistical Consulting Center* (SSC-UGA) e à ESTAT/UnB, cujas orientações estatísticas foram fundamentais para esta pesquisa.

Agradeço à professora Rozana, que me acolheu sem restrições, me orientou com todo carinho e paciência, me ensinou e me apoiou com toda sua sensibilidade. Agradeço por estar sempre disponível e aberta; por me orientar aos domingos e nas férias; por ser mais que uma orientadora, uma companheira.

Ao meu supervisor no PDSE, o professor Timothy, por sua sensibilidade, gentileza, generosidade e profissionalismo.

Agradeço aos membros da banca, os professores Heloísa Salles, Timothy Gupton, José Ferrari Neto e Marcus Lunguinho, pelo tempo, disponibilidade e interesse em colaborar com a pesquisa. Agradeço também aos professores membros da banca do exame de qualificação, pelas sugestões e críticas ao projeto inicial.

Agradeço a todos os professores e funcionários do IL, pela atenção e eficiência, especialmente à Ângela e à Raquel.

Agradeço aos meus colegas do PPGL, que compartilharam comigo essa jornada, em especial, ao Humberto, parceiro fiel e amigo generoso; ao Marco Túlio e sua encantadora esposa, Márcia, e à Edite. Vocês me acolheram como se eu fosse da família de vocês e isso não tem preço!

Aos meus colegas da UGA, em especial, à Debora, minha *housemate*; à Cecília, minha vizinha; à Camila, meu anjo da guarda; à Adriana, pela amizade instantânea e eterna; à Taylor, minha gringa preferida, e à Marlize e Paulo, pelo carinho.

Aos meus amigos de longa data, Rayanna, Paloma, Janaína e Dayanny, e aos meus colegas de trabalho, que dividem as alegrias e as angústias diárias da profissão.

Aos participantes do V CIEL (Brasília: 2016), do XXVI Gelne (Recife: 2016), do VIII Romania Nova (Buenos Aires: 2016), do *Romance Languages Colloquium* (Athens: 2017), do XXXIII ENANPOLL (Florianópolis: 2018), por todas as dúvidas e contribuições, as quais impulsionaram o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos meus alunos de ontem e hoje.

Aos colaboradores da pesquisa.

Ao Gabriel, meu amor, por tudo que as palavras não são capazes de dizer.

Enfim, a todos os meus amigos e familiares queridíssimos, que me deram incentivo constante.

E àqueles que me deram tudo: mãe, pai, Fábio e Pedro.

"Hoje vemos como por um espelho, confusamente; mas então veremos face a face. Hoje conheço em parte; mas então conhecerei totalmente, como eu sou conhecido."

I Coríntios, 13

RESUMO

Nesta pesquisa, de cunho teórico-experimental, investigamos a interface entre sintaxe e semântica a partir do fenômeno da alternância locativa (doravante, AL) no português brasileiro (doravante, PB). A AL ocorre com verbos que denotam disposição ou remoção e são capazes de alternar seus argumentos entre as posições de complemento e de oblíquo, como em *João carregou o caminhão com areia* (alternante objeto)/ *João carregou areia no caminhão* (alternante oblíqua). Todavia, as possibilidades de alternância não são ilimitadas, como se verifica em *João lotou o caminhão com areia* /**João lotou areia no caminhão*. Nosso objetivo é descrever as peculiaridades desse tipo de alternância no PB em relação a outras línguas e propor uma análise das propriedades que licenciam esse fenômeno translinguisticamente. A metodologia da pesquisa baseia-se em três experimentos, a saber: um teste de aceitabilidade de sentenças sobre a influência do traço de número no argumento Tema (sob a pressuposição de que Temas plurais forçariam a interpretação locativa desejada para o PP); um teste de preenchimento de lacunas a partir de opções preestabelecidas, acerca do tipo de preposição selecionada com verbos de disposição; e um teste de interpretação de sentenças a partir de escolha entre imagens sobre o efeito holístico/partitivo entre as estruturas alternantes. A tese organiza-se da seguinte maneira: a introdução aborda as principais problemáticas relacionadas ao fenômeno; o capítulo 1 apresenta um panorama comparativo da AL entre línguas românicas e germânicas, à luz dos estudos de Levin (1993); Brinkmann (1997); Damonte (2005); Cifuentes (2008); Lenci (2012) dentre outros; o capítulo 2 discute os principais modelos teóricos, como Levin e Rappaport (1988); Hoekstra e Mulder (1990); Tenny (1994); Arad (1996) e outros; o capítulo 3 apresenta a metodologia e os resultados alcançados; o capítulo 4 retoma questões e dados discutidos previamente, a fim de fundamentar a proposta de análise desenvolvida também nesse capítulo. Os resultados dos experimentos apontam que: a) há maior aceitabilidade do argumento Tema no plural, indicando que a interpretação locativa está disponível para as sentenças com determinada configuração; b) a oposição holístico/partitivo não é categórica de uma das estruturas alternantes; e c) as preposições “com” e “de” estão em variação na alternante objeto. Baseando-nos nos trabalhos de Arad (1996, 1998); Pylkkänen (2000) e Salles e Naves (2009), propomos que as estruturas alternantes da AL são derivadas independentemente uma da outra, por meio da seleção, pelo verbo, da preposição relevante, que, como elemento que projeta o núcleo aplicativo baixo (interno ao VP), é responsável pelo mapeamento dos argumentos em cada uma das estruturas. Propomos, ainda, que projeções funcionais de natureza aspectual são responsáveis pela interpretação télica associada ao argumento interno da estrutura alternante objeto nas línguas em que o efeito holístico/partitivo se apresenta, forçando o movimento aberto do argumento interno na interpretação holística. Consideramos, por fim, que o núcleo aplicativo baixo pode ser preenchido pela preposição, nas línguas sem morfologia específica para AL, ou por um afixo, em línguas que expressam morfologicamente a alternância.

Palavras-chave: Alternância locativa. Mapeamento sintático. Efeito holístico-partitivo. Núcleo aplicativo.

ABSTRACT

This theoretical-experimental research investigates the interface between syntax and semantics based on the locative alternation phenomenon (henceforth, LA) in Brazilian Portuguese (henceforth, BP). The LA occurs with the spray/load verbs and removal verbs that can alternate between the complement and oblique positions, as in *John loaded the truck with sand* (object alternating structure)/ *John loaded sand on the truck* (oblique alternating structure). However, the possibilities of the alternation are not unlimited, as we can verify in *John filled the truck with sand*/**John filled sand on the truck*. We aim to describe the peculiarities of this kind of alternation in the BP in relation to other languages and propose an analysis of the properties that license this phenomenon translinguistically. The methodology of the research is based on three experiments: an acceptability judgments task about the influence of the number feature on the Theme argument (based on the assumption of the plural Themes would force the locative reading, required to the PP); a fill-in-gaps task of the pre-established options about the type of preposition selected with spray/load verbs; and a sentence interpretation task for picture choice between pictures of the holistic/partitive effect on the alternating structures. This dissertation is organized as following: the introduction section approaches the significant problems related to the phenomenon; Chapter 1 presents a comparative overview of LA between Romance and Germanic languages, in the light of the studies of Levin (1993); Brinkmann (1997); Damonte (2005); Cifuentes (2008); Lenci (2012) among others; Chapter 2 discusses the main theoretical models, as Levin e Rappaport (1988); Hoekstra e Mulder (1990); Tenny (1994); Arad (1996) and others; Chapter 3 presents the methodology and the results achieved; Chapter 4 takes up the research issues, and data discussed earlier, in order to justify our analysis proposal, also developed in this chapter. The results of the experiments indicate that: a) there is greater acceptability of the argument plural Themes, indicating that locative reading is available for sentences in that configuration; b) the holistic/partitive opposition is not categorical in both alternating structures, and c) the prepositions "with" and "of" are in variation in the alternating object structure. Based on the works of Arad (1996, 1998); Pytkänen (2000) and Salles e Naves (2009), we propose that the alternating structures of LA are derived independently of each other by the verb selection of the relevant preposition, that in its turn, as an element that projects the low applicative head (internal to the VP), is responsible for mapping the arguments in each one of the alternating structures. We also propose that functional projections of aspectual nature are responsible for the telic interpretation associated with the internal argument of the object alternating structure in the languages with holistic/partitive effect, forcing the open movement of the internal argument in the holistic interpretation. Finally, we consider the low applicative head can be expressed by the preposition, in languages without specific morphology for LA, or by an affix, in languages that express the alternation morphologically.

Keywords: Locative alternation. Syntactic mapping. Holistic-partitive effect. Applicative head.

LISTA DE SIGLAS, ABREVIATURAS E CONVENÇÕES

ACC	Acusativo	? Marca de gramaticalidade duvidosa
AL	Alternância locativa	
COL	Change of location	
COS	Change of state	
ARTD	Artigo definido	
AUX	Auxiliar	
DEC	Declarativo	
GEN	Genitivo	
INST	Instrumental	
LOB	Locativo-oblíquo	
LOD	Locativo-objeto	
LOS	Locativo-sujeito	
MAL	Marcação de alternância locativa	
NOM	Nominativo	
PARTP	Particípio passado	
PAS	Passado	
PB	Português brasileiro	
PERF	Perfectivo	
P-PREF	Prefixo preposicional	
TOB	Tema-objeto	
*	Marca de agramaticalidade	

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Exemplo de cálculo das diferenças no teste de Wilcoxon _____	114
Tabela 2 – Exemplo de ordenação das diferenças e atribuição de postos no teste de Wilcoxon _____	115
Tabela 3 – Frequência das diferenças entre as condições Tema singular e plural para o verbo “retirar” _____	117
Tabela 4 - Frequência das diferenças entre as condições Tema singular e plural para o verbo “afastar” _____	118
Tabela 5 - Frequência das diferenças entre as condições Tema singular e plural para o verbo “limpar” _____	119
Tabela 6 – Frequência das diferenças entre as condições Tema singular e plural para o verbo “libertar” _____	120
Tabela 7 - Frequência das diferenças entre as condições Tema singular e plural para o verbo “extrair” _____	121
Tabela 8 - Frequência das diferenças entre as condições Tema singular e plural para o verbo “remover” _____	122
Tabela 9 - Proporção de respostas para o verbo “banhar” no experimento II _____	132
Tabela 10 - Proporção de respostas para o verbo “carregar” no experimento II _____	133
Tabela 11 - Proporção de respostas para o verbo “cobrir” no experimento II _____	134
Tabela 12 - Proporção de respostas para o verbo “encher” no experimento II _____	135
Tabela 13 - Proporção de respostas para o verbo “plantar” no experimento II _____	136
Tabela 14 - Proporção de respostas para o verbo “revestir” no experimento II _____	137
Tabela 15 - Comparativo entre verbos no experimento II _____	138
Tabela 16 - Proporção de respostas para o verbo “banhar” no experimento III _____	147
Tabela 17 - Proporção de respostas para o verbo “carregar” no experimento III _____	147
Tabela 18 - Proporção de respostas para o verbo “cobrir” no experimento III _____	148
Tabela 19 - Proporção de respostas para o verbo “encher” no experimento III _____	149
Tabela 20 - Proporção de respostas para o verbo “plantar” no experimento III _____	150
Tabela 21 - Proporção de respostas para o verbo “revestir” no experimento III _____	151

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Síntese dos resultados do experimento I _____	123
Gráfico 2 – Proporção de respostas exclusivas _____	138
Gráfico 3 – Proporção de respostas para a preposição “com” _____	139
Gráfico 4 – Proporção de respostas para a preposição “com” e “de” em sentidos diferentes _____	139
Gráfico 5 – Proporção de respostas ambíguas: comparativo entre verbos _____	152
Gráfico 6 – Proporção de respostas holísticas: comparativo entre verbos _____	153

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Exemplo de tarefa do experimento I _____	113
Figura 2 – Exemplo de tarefa do experimento II _____	127
Figura 3 – Exemplo de tarefa do experimento III _____	143

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Padrões sintáticos e semânticos da alternância locativa: línguas germânicas e línguas românicas _____	75
Quadro 2 – Verbos empregados no experimento I _____	112
Quadro 3 – Verbos empregados nos experimentos II e III _____	128
Quadro 4 – Síntese das hipóteses de trabalho e resultados para os verbos investigados _____	155

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
1 Situando a pesquisa	17
2 Delimitando o objeto	19
3 Expondo problemas	24
4 Definindo objetivos e estrutura da tese	32
CAPÍTULO 1 - DESCRIÇÃO TRANSLINGUÍSTICA DA ALTERNÂNCIA LOCATIVA	34
1.1 ALTERNÂNCIA LOCATIVA NAS LÍNGUAS GERMÂNICAS	37
1.1.1 Inglês	37
1.1.2 Alemão e Holandês.....	43
1.2 ALTERNÂNCIA LOCATIVA NAS LÍNGUAS ROMÂNICAS.....	49
1.3 SÍNTESE DA AL EM LÍNGUAS GERMÂNICAS E ROMÂNICAS.....	56
1.4 ALTERNÂNCIA LOCATIVA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES	59
1.5 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS.....	65
CAPÍTULO 2 - O PROBLEMA DO MAPEAMENTO.....	66
2.1 ABORDAGENS PROJECIONISTAS	67
2.1.1 Interface Restringida pela Estrutura de Evento	67
2.1.2 Interface Restringida Aspectualmente.....	70
2.1.3 Estrutura de evento vs. delimitação	75
2.2 ABORDAGENS CONFIGURACIONAIS	79
2.2.1 Abordagem sintática com uma projeção TA	79
2.2.2 Abordagem sintática com projeções aspectuais	81
2.3 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS.....	82
CAPÍTULO 3 - INVESTIGAÇÃO SOBRE A ALTERNÂNCIA LOCATIVA NO PORTUGUÊS DO BRASIL	87
3.1 SOBRE A ABORDAGEM EXPERIMENTAL.....	87
3.2 SOBRE OS JULGAMENTOS DE ACEITABILIDADE	89

3.3	PARTICIPANTES	93
3.4	EXPERIMENTO I: TRAÇO DE NÚMERO RELACIONADO AO TEMA	94
3.4.1	Delineamento experimental.....	94
3.4.2	Metodologia estatística	96
3.4.3	Resultados.....	99
3.4.4	Análise dos resultados do experimento I.....	105
3.5	EXPERIMENTO II: EQUIVALÊNCIA ENTRE AS PREPOSIÇÕES “COM” E “DE”	109
3.5.1	Delineamento experimental.....	109
3.5.2	Metodologia estatística	112
3.5.3	Resultados.....	114
3.5.4	Análise dos resultados do experimento II.....	120
3.6	EXPERIMENTO III: INTERPRETAÇÃO HOLÍSTICA/PARTITIVA ENTRE AS ALTERNANTES	124
3.6.1	Delineamento experimental.....	125
3.6.2	Metodologia estatística	128
3.6.3	Resultados.....	129
3.6.4	Análise dos resultados do experimento III	135
3.7	CONSIDERAÇÕES PARCIAIS.....	137
 CAPÍTULO 4 - EM DIREÇÃO A UMA ANÁLISE DA ALTERNÂNCIA LOCATIVA EM PORTUGUÊS BRASILEIRO		140
4.1	A EXPRESSÃO GRAMATICAL DA ALTERNÂNCIA LOCATIVA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO	141
4.1.1	Sobre o apagamento do determinante no Tema.....	141
4.1.2	Sobre as preposições selecionadas em LOD	144
4.2.	A INTERPRETAÇÃO DAS ESTRUTURAS ALTERNANTES.....	146
4.2.1.	Sobre a propriedade Tema Incremental.....	146
4.2.2.	Sobre a propriedade afetação e a ambiguidade holístico-partitivo.....	147
4.3.	O PROBLEMA DO MAPEAMENTO E A DERIVAÇÃO DAS ESTRUTURAS ALTERNANTES	148
4.3.1.	Sobre classes verbais e aspectualidade.....	149

4.3.2 Uma proposta de análise da Alternância Locativa para o PB combinando núcleos aplicativos e projeções aspectuais	150
---	-----

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	158
----------------------------------	------------

REFERÊNCIAS	161
--------------------------	------------

APÊNDICES

ANEXOS

INTRODUÇÃO

1 Situando a pesquisa

A relação entre forma e conteúdo (ou entre gramática e conceitualização) tem sido uma questão central dos estudos linguísticos desde antes do estabelecimento da linguística como ciência. Esse tema intrigou pensadores e pesquisadores desde Platão ([séc. V a.C.] 2001) a Saussure ([1916] 2012) e ainda é alvo de questões pertinentes para uma compreensão mais adequada do funcionamento das línguas humanas, seja no âmbito do signo, da palavra ou da sentença.¹ Embora esses dois elementos sempre estivessem relacionados, não raro foram investigados separadamente, constituindo objetos de estudo distintos e distantes. Nas últimas duas décadas, observou-se uma retomada do protagonismo da relação entre estrutura e significado na agenda da teoria linguística, dessa vez, atualizada sob a forma de interface sintaxe e semântica lexical, sob o arcabouço teórico gerativista.

A identificação dos possíveis pontos de interseção entre sintaxe e semântica lexical e dos mecanismos que regulam tal relação é especialmente relevante na investigação das alternâncias sintáticas, entendidas como a capacidade de alguns predicados expressarem seus argumentos em distintas configurações sintáticas.² De fato, as alternâncias parecem desafiar a teoria linguística no que se refere ao mapeamento de propriedades semânticas em determinadas posições sintáticas (*linking*).³ As múltiplas opções de expressão dos argumentos de um verbo podem incluir mudança no número de argumentos, bem como diferentes combinações possíveis desses argumentos na estrutura argumental (RAPPAPORT HOVAV e LEVIN, 1998, doravante RH&L). No entanto, tal variedade de combinações não é ilimitada, como se pode imaginar, uma vez que nem todo verbo é compatível com qualquer configuração sintática e verbos com significados muito próximos diferem

¹ As edições mais recentes dessas obras a que tivemos acesso referem-se aos anos de 2001 e 2012, respectivamente, porém, a obra de Saussure teve a primeira publicação em 1916 e, a de Platão, segundo estudiosos, remete ao século V a.C.

² As alternâncias sintáticas são uma prova da autonomia da sintaxe, concebida como um sistema computacional, uma vez que a relação entre dado item e a configuração da sentença não é direta. (SALLES, comunicação pessoal).

³ Seguindo Naves (2005), optamos pela tradução do termo *linking* como mapeamento porque a tradução literal *ligação* já é utilizada na teoria gerativa para referir-se ao termo *binding*.

quanto às combinações disponíveis, como verificamos no contraste entre *carregar* e *lotar*, no sentido de *encher* (a interpretação de *carregar* como *transportar* é gramatical em alguns casos):⁴

- (1)
- a. Ele carregou/lotou a van.
 - b. Ele carregou/*lotou as mercadorias.
 - c. Ele carregou/*lotou as mercadorias na van.
 - d. *Ele carregou/lotou as mercadorias com a van.
 - e. Ele carregou/lotou a van com as mercadorias.
 - f. A van lotou/?carregou com as mercadorias.
 - g. A van lotou/?carregou.
 - h. As mercadorias lotaram/? carregaram a van.
 - i. *As mercadorias carregaram/lotaram.

Partindo do pressuposto de que deve haver alguma informação implícita que remete à configuração sintática disponível para cada verbo – ou para conjuntos de verbos, como postula Levin (1993) –, caso contrário, o falante não saberia distinguir as alternâncias possíveis das impossíveis (como representado em (1)), as teorias de interface entre sintaxe e semântica lexical supõem a existência de uma correlação sistemática entre estrutura projetada e propriedades semânticas dos itens lexicais (ARAD, 1998). Diante disso, os principais problemas com os quais se deparam as pesquisas nessa área se referem à natureza das informações semânticas relevantes para a sintaxe e ao(s) mecanismo(s) que associam a informação semântica à estrutura sintática, isto é, às regras de mapeamento.

Diferentes propostas têm sido elaboradas por distintas modelagens da teoria da gramática no intuito de responder essas questões. Cada modelagem/arquitetura se caracteriza por um conjunto de parâmetros adotados para lidar com a relação entre gramática e conceitualização. No âmbito do Programa Minimalista (CHOMSKY, 1995 e seguintes), em que se insere esta tese, a modelagem assume os seguintes fundamentos relativos à interface entre sintaxe e semântica lexical:

⁴ Os julgamentos aqui expostos não são absolutos, podendo variar inclusive no plano dialetal, principalmente em relação às sentenças (1f) e (1g).

- (i) Concepção de Léxico como um repositório que fornece itens compostos de feixes de traços abstratos, a partir dos quais as sentenças são derivadas;⁵
- (ii) As expressões linguísticas são geradas por um sistema computacional e enviadas para os níveis de representação correspondentes, a forma lógica (*Logical Form*) e a forma fonética (*Phonetic Form*), em determinando momento da derivação (*spell out*);
- (iii) A Faculdade da Linguagem (FL), própria da espécie humana, interage com outros sistemas que possibilitam o uso efetivo da língua (desempenho), os chamados sistema *Conceitual-Intensional* (C-I) e sistema *Articulatório Perceptual* (A-P). As representações geradas em A-P e C-I possuem natureza distinta e restringem a faculdade de linguagem por meio do Princípio da Interpretação Plena (*Principle of Full Interpretation*), o qual prevê todas e apenas as informações diretamente relevantes para a sua interpretação.

A abordagem acima, bem como a concepção de linguagem como uma faculdade inata ao ser humano, e de gramática como um conjunto de regras fixadas para uma língua particular (CHOMSKY, 1981, 1995 e seguintes), constituem os pressupostos teóricos básicos que fundamentam esta pesquisa.

2 Delimitando o objeto

Primeiramente, é importante caracterizar a alternância locativa (AL) de modo geral, para responder as seguintes perguntas: Afinal, qualquer alternância sintática envolvendo um sintagma Locativo é considerada AL? O que distingue a AL de outros tipos de alternância sintática? Que tipos de predicado participam da AL? Que classes semânticas de verbos e argumentos estão presentes nesse tipo de alternância?

⁵ O léxico é um conjunto de elementos lexicais, cada um deles sendo um sistema articulado de traços. O léxico específica, para cada um desses elementos, as suas propriedades fonéticas, semânticas e sintáticas, que são idiossincráticas, e nada mais [...]”. (CHOMSKY, 1995, p. 118, tradução nossa). No original: *The lexicon is a set of lexical elements, each an articulated system of features. It must specify, for each such element, the phonetic, semantic, and syntactic properties that are idiosyncratic to it, but nothing more [...]*

A alternância locativa (AL) consiste na possibilidade de um verbo transitivo ou intransitivo poder expressar o argumento Locativo em diferentes posições sintáticas, a exemplo de sentenças como:

- (2) a. O João carregou o trigo no caminhão.
 b. O João carregou o caminhão de/com trigo.
- (3) a. A água transbordou do copo.
 b. O copo transbordou (de água).

Levin (1993) afirma que a AL está relacionada a verbos que denotam o preenchimento ou esvaziamento de superfícies ou recipientes com/de alguma substância ou material. Portanto, os chamados verbos de disposição ‘*putting subtype*’, como *carregar* em (2), e verbos de remoção ‘*removing subtype*’, como *transbordar* em (3), sintetizam o significado compartilhado pelos verbos que participam desse tipo de alternância. Outra propriedade semântica relacionada à AL é o fato de ela envolver a expressão de argumentos Tema e Locativo com propriedades peculiares: o Tema denota uma entidade cuja localização é modificada, *locatum*, já o Locativo é passível de ocupação/desocupação, *location* (LEVIN, 1993).⁶ Nesta tese, referimo-nos a esses constituintes simplesmente como Tema e Locativo.⁷

Em cada par de sentenças, há duas configurações sintáticas distintas para o mesmo evento. Cada uma delas expressa pontos de vista particulares sobre o evento: enquanto (2a) e (3a) descrevem uma mudança de lugar do Tema (*change of location* – COL); (2b) e (3b) descrevem uma mudança de estado do Locativo (*change of state* – COS) (LEVIN, 1993, 2002).⁸

Em predicados transitivos, como (2), a AL ocorre com Locativos que alternam entre as configurações de oblíquo e de objeto direto. Em predicados intransitivos, o Locativo alterna entre oblíquo e sujeito, como em (3). Há casos também em que o argumento Tema pode ser suprimido

⁶ Duarte (1998) traduz os termos *locatum* e *location* para argumentos como *localizado* e *localização*.

⁷ Seguindo a convenção, os termos empregados neste trabalho para designar papéis temáticos estão grafados com inicial maiúscula a fim de destacá-los do uso corrente.

⁸ As estruturas COL e COS são também chamadas de: *device sentence/ location sentence* (FRASER, 1971); *theme-object alloframe/ location-object alloframe* (ROSEN, 1996); *figure-object/ ground-object* (GROPEN *et al*, 1991); *with variant/ locative variant* (LEVIN, 1993); *construção locativa/ construção não locativa* (MAIA, 1998), entre outros.

quando o Locativo assume a posição de objeto, provocando alteração na estrutura argumental, como verificamos a seguir:⁹

- (4) a. A faxineira aspirou a sujeira do carpete.
 b. A faxineira aspirou o carpete (*da sujeira).

A despeito das distintas terminologias empregadas na literatura para remeter a cada uma das variantes da AL com predicados transitivos, nesta tese, referimo-nos a elas como “alternante oblíqua” (LOB) e “alternante objeto” (LOD), para quando o Locativo ocupa a posição de oblíquo (2a) e de objeto direto (2b), respectivamente. Quando o Locativo ocupa a posição de sujeito, em configurações intransitivas, denominamos tal estrutura como “alternante sujeito” (LOS), a exemplo de (3b). Vale ressaltar que a alternante objeto, por exemplo em (4a), é ambígua no português brasileiro (doravante PB), admitindo uma leitura genitiva e outra locativa, a qual é assumida em (4b). Retomaremos com mais detalhes esse ponto na seção 1.4 (capítulo 1).

Em relação à pergunta “O que distingue a AL de outros tipos de alternância sintática?”, dentre as alternâncias que envolvem alteração da estrutura argumental, alguns casos de alternância de sujeito instrumento e a alternância causativo-incoativa podem ser, eventualmente, confundidas com AL, por terem uma estrutura semelhante a (3).

Na alternância de sujeito instrumento em (5), há um argumento possivelmente interpretado como Locativo em “do vestido”, mas não é ele que configura a alternância. Nesse caso, o argumento relevante é o instrumento “sabão”, que alterna entre as posições de sujeito e oblíquo, cuja realização é opcional:

- (5) a. João removeu a mancha do vestido (com sabão).
 b. O sabão removeu a mancha do vestido.

⁹ Os dados de português brasileiro (PB) nesta tese foram produzidos pela pesquisadora, a partir de seu conhecimento internalizado da língua. Os que constam da parte teórica e descritiva da tese foram submetidos a julgamentos de aceitabilidade não controlados, e os que constam da parte experimental foram utilizados exclusivamente para os testes controlados. Para outro *corpus* de verbos, incluindo os que se submetem à alternância locativa, e suas respectivas diáteses em PB, cf. Cançado et al. (2017).

Na alternância causativo-incoativa, há um Locativo/*container*, cuja realização como sujeito ocasiona uma configuração intransitiva, exatamente como em (3):

- (6) a. O motorista lotou a van.
 b. A van lotou (de passageiros).

Embora (6) seja um caso legítimo de AL, envolvendo alteração da estrutura argumental; nesta tese, restringimos o estudo da AL aos predicados com Locativo, que não alteram a estrutura argumental das estruturas alterantes, ou seja, aos predicados transitivos; uma vez que a ocorrência desse fenômeno em predicados intransitivos parece ser rara no PB, ainda que seja produtiva em outras línguas, como no inglês.¹⁰ Para os fins desta pesquisa, a AL é compreendida como uma alternância de objeto, no sentido de que afeta apenas os argumentos internos de verbos triargumentais, mantendo o argumento externo sintaticamente estável (LEVIN, 1999, 2003, 2006).

Dentre as alternâncias que não alteram a estrutura argumental, isto é, as alternâncias de objeto, a AL tem sido, não raro, tomada como hiperônimo para todos os casos de intercâmbio entre os argumentos internos a VP. Especialmente, construções com verbos de fixação, como a representada em (7), são muitas vezes classificadas como AL devido a sua semelhança estrutural com construções como a representada em (2). Contudo, Levin (1993) destaca que tais verbos constituem uma classe semântica distinta daquela que integra a AL, formando um tipo particular de alternância de objeto, a alternância de impressão de imagem.

- (7) a. Ela gravou a data de casamento na aliança.
 b. Ela gravou a aliança com a data de casamento.

A chamada alternância de material/produto (LEVIN, 1993, 2003) também é identificada como um subtipo de AL, pois alguns verbos de criação e transformação exibem uma estrutura semelhante às alternantes LOB e LOD, como em (8a) e (8b).¹¹ No entanto, o argumento

¹⁰ São casos como *Birds sang in the trees./ The trees sang with birds*. (LEVIN, 1993, p.235), cuja tradução literal no português resulta agramatical ‘Pássaros cantaram nas árvores/As árvores cantam com pássaros’.

¹¹ Além das citadas alternâncias de impressão de imagem e alternância material/produto, Levin (2003) cita mais dois tipos de alternância de objeto: i) with/against, como: *Sam hit the fence with a stick/Sam hit a stick against the fence*, significando ‘Sam topou na cerca com uma vara/Sam topou uma vara contra a cerca’; ii) body-part possessor ascension, como: *Terry slapped me on the back/Terry slapped my back*, significando ‘Terry me deu um tapa nas costas/Terry deu um tapa nas minhas costas’.

interpretado como Locativo nessas construções não é um Locativo *stricto sensu*, mas, antes, um material empregado para dar origem a um resultado/criação específico:

- (8) a. O artista esculpiu o rosto da mulher na madeira.
 b. O artista esculpiu a madeira com o rosto da mulher.

Convém, pois, discernir o lugar das alternâncias de impressão de imagem e de produto/material no presente estudo. Considerando a definição de Levin (1993) sobre AL, os verbos de fixação e os verbos de criação representam tipos particulares de alternância, uma vez que não denotam exatamente as noções de preenchimento ou esvaziamento. Consequentemente, os argumentos dessas construções não exibem as características típicas de *locatum* e *location*. Destarte, adotando um critério comparativo, desconsideramos a alternância material/produto a alternância de impressão de imagem como subclasses da AL.

Retomando a pergunta inicial “Afinal, qualquer alternância sintática envolvendo um Locativo é considerada AL?”, verificamos que nos casos da alternância de sujeito instrumento, o Locativo não é o argumento relevante (cf. (5)). Já nas alternâncias de impressão de imagem (7) e de material/produto (8), apesar de haver um Locativo alternando de posição; o tipo semântico do verbo não é disposição/remoção.

Diante disso, assumimos que é necessário preencher algumas condições para caracterizar a AL transitiva, são elas: i) condição fundamental – troca de posições sintáticas entre o argumento Locativo e o argumento Tema; ii) presença de verbos de disposição ou remoção; iii) presença de argumento Locativo *stricto sensu*.

Quando tais requisitos não são atendidos, não há a ambiguidade genitivo-Locativo característica da alternante objeto, mencionada anteriormente. Os dados de (9) a (12) preenchem o requisito fundamental da alternância de posições sintáticas entre Locativo e Tema, ainda assim, não caracterizam AL, pois (9) e (10) infringem a condição (ii) (não há verbos de disposição ou de remoção) e (11) e (12), a condição (iii) (não se trata de um Locativo *stricto sensu*):

- (9) a. A faxineira viu a sujeira do carpete.
 b. A faxineira viu o carpete com a sujeira.

- (10) a. O ladrão achou as joias do cofre.
b. O ladrão achou o cofre com as joias.
- (11) a. A faxineira limpou a cera do ouvido.
b. A faxineira limpou o ouvido com cera.
- (12) a. O ladrão roubou as joias da princesa.
b. O ladrão roubou a princesa com joias.

Por outro lado, em (13), a condição fundamental é violada, pois apesar de haver um verbo de disposição e um argumento Locativo *stricto sensu*, não há revezamento entre as posições sintáticas, o que caracteriza essencialmente qualquer alternância sintática:

- (13) a. O menino pôs o CD na capa certa.
b. *O menino pôs a capa certa com o CD.¹²

Em síntese, circunscrevemos a AL, neste estudo, aos predicados transitivos cujos argumentos internos alternam entre as posições de complemento e oblíquo, formados por verbos que denotam disposição ou remoção de entidades interpretadas como Tema e Locativo *stricto sensu*.¹³

3 Expondo problemas

A definição da AL em termos de papéis temáticos (Tema e Locativo) ou de classes semânticas (disposição, remoção, fixação), como exposto na seção anterior, pode motivar uma explicação reducionista para distinguir predicados alternantes de não alternantes. O raciocínio por trás da vinculação de uma classe semântica a um tipo de alternância (PINKER, 1989; LEVIN,

¹² Em (13b), causa estranhamento a falta de um Locativo na sentença, requerido pelo verbo “pôr”, a exemplo de: “O menino pôs a capa certa com o CD na estante”.

¹³ O grupo de predicados investigados neste estudo corresponde às classes *spray/load*; *clear transitive*; *wipe*, postuladas por Levin para o inglês (1993), conforme exploraremos no Capítulo 1.

1993) provém das implicações para a aquisição, no sentido de que seria supostamente custoso ao dispositivo de aquisição de língua distinguir o comportamento sintático dos verbos caso por caso. Sendo assim, acredita-se que:

[...] certos verbos compartilham entre si certos componentes de significado, formando grupos semânticos que têm um comportamento sintático semelhante, de tal sorte que a eficiência com que as crianças adquirem o sistema linguístico está garantida. (NAVES, 2005, p. 7)

Curiosamente, verbos membros da mesma classe e/ou com significados muito próximos não expressam seus argumentos da mesma maneira, o que enfraquece a hipótese de que a alternância ocorreria em função de determinadas classes semânticas. Em (14), *destituir* e *demitir* integram a classe dos verbos de remoção, mas apenas o primeiro participa da AL no PB. Em (15), *borrifar* e *derramar* também podem ser usados como sinônimos nos contextos apresentados, mas o segundo não entra na AL no PB.

- (14) a. O presidente destituiu/demitiu José da gerência.
 b. ?? O presidente destituiu/*demitiu a gerência de José.
- (15) a. Ana borrifou/derramou perfume na roupa.
 b. Ana borrifou/*derramou a roupa com perfume.

Embora pareça inegável a estreita relação entre classes semânticas e alternâncias sintáticas, a exemplo da relação entre as classes de remoção e disposição com a AL, os dados em (14) e (15) sugerem que a classe semântica não é o fator determinante, ou o único fator decisivo, para o mapeamento dos argumentos em posições sintáticas, haja vista a existência de verbos não alternantes no interior de classes aptas a alternar. Surge, então, a questão central desta pesquisa: Quais são as propriedades preponderantes, capazes de distinguir predicados alternantes de não alternantes na AL, e qual a natureza de tais propriedades?

Por um bom tempo, os papéis temáticos foram apontados como o tipo de propriedade semântica relevante sintaticamente, devido a sua aparente influência em vários processos sintáticos. Chamamos essa forma de conceber o mapeamento de *interface restrita tematicamente*.

As primeiras abordagens nessa linha sugeriam o mapeamento em termos de *Hierarquias Temáticas*, devido a algumas regularidades entre certos papéis temáticos e posições sintáticas. Por exemplo, Agentes geralmente ocupam a posição de sujeito, enquanto Locativos geralmente são adjuntos. As hierarquias temáticas requerem uma relativa ordem entre os papéis temáticos, que regula o mapeamento em posições sintáticas. Quanto mais proeminente na hierarquia for o papel temático, mais chance ele tem de ocupar posições sintáticas mais altas. Contudo, há várias versões de hierarquias temáticas, com diferentes ordens de proeminência, a depender do fenômeno em análise, como se verifica a seguir:

- (i) Jackendoff (1972): Agente > Locativo/Fonte/Objetivo > Tema
- (ii) Foley & Van Valin (1984): Agente > Efeito > Locativo > Tema > Paciente
- (iii) Bresnan & Kanerva (1989): Agente > Beneficiário > Recipiente/Experienciador > Instrumento > Tema/Paciente > Locativo
- (iv) Grimshaw (1990): Agente > Experienciador > Meta/Fonte/Locativo > Tema
- (v) Pesetsky (1995): Causa > Experienciador > Meta/Locativo > Tema
- (vi) Baker (1997): Agente/Causativo/Experienciador > Tema > Benefactivo/Locativo

Tamanha variabilidade compromete o efeito universal desses construtos teóricos. Diante disso, algumas propostas teóricas postularam que o mapeamento fosse guiado, de maneira universal, por papéis temáticos. Destacam-se a Hipótese do Alinhamento Universal – UAH (PELMUTTER & POSTAL, 1984) e a Hipótese da Marcação Temática Universal – UTAH (BAKER, 1988). A UAH assevera que: “Existem princípios da gramática universal que preveem a relação inicial denotada para cada nome em uma dada sentença a partir do significado da sentença” (tradução nossa).¹⁴ A UTAH, por sua vez, prevê que: “Relações temáticas idênticas entre os itens são representadas por relações estruturais idênticas entre aqueles itens no nível da estrutura profunda” (tradução nossa).¹⁵ Como apontado por Tenny (1994), apesar de universais, essas hipóteses são bastante vagas com relação aos mecanismos de mapeamento entre papéis temáticos

¹⁴ No original: *Universal Alignment Hypothesis (UAH): There exist principles of universal grammar which predict the initial relation borne by each nominal in a given clause from the meaning of the clause.* (PELMUTTER & POSTAL, 1984 *apud* TENNY, 1994, p. 117)

¹⁵ No original: *Universal Theta Assignment Hypothesis (UTAH): Identical thematic relationships between items are represented by identical structural relationships between those items at the level of D-structure.* (BAKER, 1988 *apud* TENNY, 1994, p. 117)

e posições sintáticas, às relações semânticas relevantes para a sintaxe e ao estatuto que elas têm na estrutura argumental. Grosso modo, tanto a UAH quanto a UTAH não explicam explicitamente como se dá a conexão entre estrutura temática e estrutura semântica.

Dowty (1991) apresenta um modelo bem mais preciso de interface restrita tematicamente, por meio da Teoria dos Protopapeis, segundo a qual existem apenas dois papéis temáticos gerais, o protoAgente e o protoPaciente. Ambos são definidos pelo conjunto de propriedades previstas, podendo acarretar todas ou apenas uma delas, e o mapeamento ocorre da seguinte maneira: o argumento com o maior número de acarretamentos previstos para o protoAgente realiza-se como sujeito; o argumento com mais acarretamentos previstos para o protoPaciente realiza-se como objeto; e o argumento com menos acarretamentos previstos para o protoPaciente realiza-se como oblíquo. Uma das críticas dirigidas a esse modelo é o fato de que nele não há proibições sobre a presença de dois Agentes ou dois Pacientes na mesma sentença, como em *Maria encontrou João*, em que ambos os argumentos são candidatos igualmente potenciais a Agente. Todavia, segundo Fillmore (1965, *apud* TENNY 1994, p. 104), não há uma simetria verdadeira entre tais argumentos, pois o objeto é mais passivo, de sorte que a sentença apresenta apenas um Agente, como evidenciado inclusive pela estrutura passiva analítica: *João foi encontrado por Maria*.

De modo geral, as principais críticas aos modelos de interface restrita tematicamente indicam a ausência de uma teoria rigorosa acerca dos papéis temáticos, incluindo a ausência de uma definição formal e distintiva entre os diferentes papéis temáticos postulados. Por exemplo, até aqui, referimo-nos aos argumentos internos a VP das estruturas alternantes de AL como Tema e Locativo, porém, esses rótulos poderiam ser outros, mais específicos, como *Locatum* e *Location*, ou menos específicos, como Paciente e Alvo. A proliferação de papéis temáticos adaptados a eventos particulares compromete o seu valor explicativo na teoria da gramática.

Por outro lado, a própria atribuição dos papéis temáticos é convencional em certa medida, tendo em vista que “exemplos típicos são baseados em situações típicas em que uma sentença poderia ser usada” (BOUCHARD, 1995, p. 45, tradução nossa).¹⁶ Por exemplo, embora se possa argumentar que, em boa parte dos casos de AL, o argumento externo é um Agente, no par de sentenças *João manchou a parede com tinta/ ?João manchou tinta na parede*, causa também é um papel temático apto a descrever o participante *João*. Acontece que há uma preferência de interpretação para *João* como Agente dada uma situação prototípica que o falante infere, como

¹⁶ No original: *Typical examples are just that – they are based on typical situations in which the sentences can be used.*

aquela em que João pega a tinta (ou um recipiente contendo tinta) e joga-a espontaneamente na parede. Entretanto, pode ser que *João* tenha manchado a parede com tinta acidentalmente – não se sabe. O autor ressalta que, na ausência de contexto, é justamente a situação prototípica de uso que é atribuída à sentença e que determina, portanto, os papéis temáticos. Todavia, os fatores que determinam a prototipicidade de uso de uma sentença não são fatores gramaticais, mas antes pragmáticos, como a frequência, por exemplo. Quanto mais frequente uma situação, mais prototípica ela se torna e mais afeita a ser correlacionada a determinados papéis temáticos.

Além disso, papéis temáticos não são entidades discretas, mas sim entidades heterogêneas, compostas por várias outras propriedades, como explicitado pelos protopapeis de Dowty (1991), em que o protoPaciente acarreta as propriedades afetação e imobilidade, entre outros, enquanto o protoAgente acarreta volição, consciência, causação, etc. Tal complexidade dos papéis temáticos sugere uma reformulação dessas abordagens, no sentido de que, se os papéis temáticos não são os responsáveis pelo mapeamento, talvez alguma(s) das suas subpropriedades seja(m).

Nesse sentido, a noção de Tema Incremental, postulada por Dowty (1991), como uma subpropriedade do protoPaciente, presente em predicados télicos, que denota uma entidade modificada à medida que o evento transcorre, é muitas vezes identificada como a propriedade determinante para a AL, como no exemplo (2), retomado abaixo:

- (16) a. O João carregou o trigo no caminhão.
 b. O João carregou o caminhão de trigo.

Percebe-se uma relação isomórfica de espaço/tempo entre o argumento interno e o evento: em (16a), o trigo sofre mudança de lugar conforme é colocado no caminhão; já em (16b), o caminhão sofre mudança de estado, isto é, vai ficando carregado conforme João coloca o trigo nele. Como veremos adiante (Capítulo 2), elementos na posição de objeto direto são mais propícios a desempenhar o papel de Tema Incremental (DOWTY, 1991), caracterizado justamente pela isomorfia espaço/tempo. Contudo, em eventos de duração mínima (culminações/pontos), é inviável atribuir o papel de Tema Incremental ao argumento interno direto, como em:¹⁷

¹⁷ Adotamos as traduções de Duarte e Brito (2003) para as classes aspectuais *accomplishment* e *achievement*, quais sejam, ‘processo culminado’ e ‘culminação’ ou ‘ponto’, respectivamente.

- (17) a. O presidente destituiu José da gerência.
 b. ?? O presidente destituiu a gerência de José.

Segundo Bouchard (1995), o baixo poder explicativo dos tradicionais papéis temáticos e de eventuais subpropriedades, como Tema Incremental, advém da natureza dessas relações. Sob a ótica do autor, o conteúdo dos papéis temáticos é situacional, ou seja, expressa situações do mundo real, e não realmente o significado linguístico dos constituintes da sentença. A identificação de papéis temáticos baseia-se no conhecimento de mundo do falante acerca de determinada situação e no conhecimento pragmático sobre sentenças, e esse tipo de informação não afeta a gramática. Isso implica dizer que o que determina o papel temático de um DP não são restrições semânticas requeridas pelo verbo, mas sim, propriedades reais de entidades do mundo, tais como tamanho, animacidade, entre muitas outras, de natureza física, não gramatical. Vejamos o exemplo a seguir para ilustrar a tese de Bouchard (1995) sobre a inadequação dos papéis temáticos numa abordagem seletiva de semântica:

- (18) a. A menina esguichava colônia no pescoço.
 b. ? A menina esguichava o pescoço com colônia.

No dado acima, contribuem para a inaceitabilidade de (18b) as restrições materiais das entidades referidas pelos argumentos, no caso, é necessário um argumento direto com propriedades líquidas. No entanto, se um argumento é líquido ou sólido não é gramaticalmente relevante. A sentença é bem formada, mas é pragmaticamente inviável.

Em nossa concepção, noções como Locativo, Tema Incremental, recipiente e superfície são propriedades dos referentes, reconhecidas pelo conhecimento de mundo do falante, e não, propriedades do significado dos itens lexicais. Por isso, são gramaticalmente irrelevantes, o que não quer dizer que sejam irrelevantes para a interpretação e a descrição da sentença. Segundo Bouchard (1995), a distinção entre esses dois conceitos – referente, situação a que nos referimos no uso, e, significado, representação semântica abstrata do referente – permite excluir da teoria semântica o conhecimento de mundo. Por esse motivo, a abordagem semântica defendida pelo autor é chamada de seletiva: apenas uma mínima parte abstrata do significado é relevante para o processamento gramatical, os aspectos situacionais do significado não fazem parte da gramática.

Existiriam, portanto, dois tipos de semântica: os aspectos situacionais ficariam restritos à semântica situacional (S-semântica) e os aspectos mais abstratos da representação semântica que afetam diretamente a gramática estariam no domínio da semântica gramatical (G-semântica).

Assumindo, portanto, a concepção de semântica seletiva de Bouchard (1995), empregamos, ao longo deste estudo, os papéis temáticos e propriedades afins (recipiente, Tema Incremental, Locativo, etc.) apenas com valor descritivo, para nos referirmos aos participantes do evento.

Ao lado do mapeamento, a interpretação das estruturas alternantes constitui outro problema central no estudo da AL. O chamado efeito holístico-partitivo (ANDERSON, 1971) está frequentemente relacionado a esse fenômeno e supõe uma leitura parcial da alternante LOB e uma leitura télica ou holística da alternante LOD. A título de exemplificação, (19a) recebe uma leitura parcial – o vestido não ficou totalmente bordado com paetês –, ao passo que (19b) favorece uma leitura télica – o vestido ficou inteiramente bordado com paetês.

- (19) a. Ana bordou paetês no vestido.
 b. Ana bordou o vestido com paetês.

Contudo, caracterizar esse efeito de maneira polar não é tarefa trivial. A interpretação holística precisa ser discutida, tendo em vista que a ideia de completude ou de afetação total pode não ser de todo verdadeira. Embora a leitura preferencial pareça ser holística no PB, em ambas as alternantes, a interpretação partitiva está latente. Consideramos que as estruturas (19a) e (19b) são ambíguas, em razão das interpretações de que os paetês cobriram todo o vestido ou apenas uma parte, como a barra. Em outras palavras, ainda que os paetês tenham sido igualmente distribuídos ao longo do vestido pode ser que nem toda a superfície do vestido tenha sido afetada.

Em todo caso, qualquer variação na configuração sintática implica uma variação no significado (BEAVERS, 2008), mas nem toda alteração no significado pressupõe alteração na configuração sintática, uma vez que nem todos os componentes do significado verbal são interpretados pela sintaxe. Sendo assim, a mínima divergência de interpretação, seja em termos de afetação ou em outros termos, enfraquece um suposto caráter parafrástico entre as alternantes na AL. Se, por um lado, o que suscita a impressão da existência de paráfrases entre as duas sentenças é um evento em comum, por outro lado, paráfrases nunca são exatamente equivalentes (BOUCHARD, 1995). Podemos imaginar que, sob determinadas condições de verdade, ou seja,

em condições de uso similares, qualquer uma das alternantes seria verdadeira, resguardando, claro, as intenções do falante para a escolha de uma ou outra. Birkmann (1997, p. 1) explicita tais condições com a seguinte anedota em alemão:

Voltando para o estacionamento depois de um jogo de futebol, um homem vê seu carro todo coberto de tinta e exclama: “Vândalos sujaram meu carro com tinta!”, mas se esse homem for um artista que queria pintar o estádio no pôr do sol logo depois do jogo, ele provavelmente estaria mais preocupado com o que aconteceu à sua tinta e então exclamaria “Vândalos sujaram minha tinta no carro!”.¹⁸ (tradução nossa)

Conceber paráfrases desse modo implica uma relação de polissemia para as estruturas alternantes, no sentido de que são diferentes expressões de um mesmo evento, em condições de uso similares. Nesse caso, não podemos incorrer no erro apontado por Bouchard (1995) como efeito redutor, em que dois elementos diferentes, mas com o mesmo uso, tendem a receber a mesma representação semântica, ou seja, o mesmo significado, pois “expressões que são equivalentes em seus usos não são conceitualmente equivalentes” (BOUCHARD, 1995, p.46).¹⁹ Em relação à AL, isso significa que, apesar da aparente paráfrase, cada alternante deve ter uma representação semântica específica.²⁰

Por conseguinte, o problema da identidade das estruturas alternantes vem à tona: há entre as estruturas alternantes uma forma base, subjacente, que derive a outra ou, são duas estruturas diferentes, sem relação de precedência de uma sobre a outra? Em outras palavras: há entre as sentenças alternantes uma relação análoga à polissemia lexical, um mesmo item com diversos usos, ou uma relação análoga à homonímia, itens distintos com o mesmo uso? Se aplicarmos um critério minimalista, parece mais viável que exista um único verbo com uma representação semântica abstrata geral, que pode ser aplicado em diversos contextos de uso, facilitando a aquisição.

Sendo assim, assumimos que há um mesmo verbo para as duas estruturas alternantes, contudo, a diferença de interpretação entre as estruturas alternantes não é devida ao verbo em si, mas ao predicado: a combinação entre o verbo e o objeto é que gera as distintas leituras para a

¹⁸ No original: *On returning to the parking lot after a soccer game to find paint all over his car, a man is likely to be rather absorbed by what happened to his car, and so might exclaim ‘Vandals sprayed my car with paint!’ But if he is an artist who wanted to paint the stadium in the sunset right after the game, he might be more concerned about what happened to his paint and so exclaim ‘Vandals sprayed my paint on a car!’*

¹⁹ No original: (...) *expressions that are equivalent in their uses are not conceptually equivalent.*

²⁰ O termo homonímia, que denota uma relação entre itens lexicais, é aqui empregado analogamente para caracterizar sentenças em oposição à relação de polissemia.

sentença. Em outras palavras, o mesmo verbo apresenta significados distintos quando participa de diferentes predicados: ao selecionar a preposição “com” ou “em”.

Em resumo, a problemática relativa à alternância locativa pode ser formulada através das seguintes questões: (i) problema do mapeamento: quais são as propriedades preponderantes, capazes de distinguir os predicados alternantes dos não alternantes na AL, e qual a natureza de tais propriedades? (ii) problema da interpretação: o contraste semântico entre as alternantes da AL pode ser realmente definido em termos de efeito holístico-partitivo? Se não, que outro conteúdo semântico subjaz a cada alternante? e (iii) problema da identidade: as alternantes são geradas independentemente na sintaxe ou uma deriva da outra?

4 Definindo objetivos e estrutura da tese

A fim de enfrentar a problemática mencionada, o nosso objetivo é investigar e descrever as propriedades semânticas envolvidas na alternância locativa e como elas são interpretadas conceitualmente, gerando diferentes configurações estruturais no PB. Para isso, pretendemos: a) comparar e analisar criticamente diferentes abordagens teóricas sobre as alternâncias no âmbito da Gramática Gerativa e b) refinar a caracterização da AL no PB, com vistas a propor uma análise dessas construções.

A hipótese central desta tese é que ambas as alternantes da AL ocorrem no PB e que elas se comportam como descrito para as línguas românicas em geral (que serão discutidas ao longo da tese), apresentando predominantemente as seguintes propriedades:²¹

- (i) Possibilidade de apagamento do determinante em relação ao Tema na alternante objeto;
- (ii) Aceitação da preposição adicional “de” na alternante oblíqua, em variação com a preposição “com”;
- (iii) Ambiguidade entre interpretação holística e partitiva na alternante objeto.

Para alcançar nossos objetivos, no capítulo 1, realizamos um breve panorama translinguístico da AL, dividindo os estudos sobre as línguas em dois grupos: línguas germânicas e românicas. No

²¹ Intuitivamente, percebemos que as estruturas alternantes podem apresentar uma variação de frequência de uso para certos verbos (por exemplo, que “João carregou o caminhão com feno” seja mais usual que “João carregou feno no caminhão”), mas isso não constitui o objeto e não foi testado nesta tese.

capítulo 2, discutimos as abordagens teóricas acerca do Tema, agrupadas basicamente em teorias projecionistas ou configuracionais. Dadas as observações feitas para o PB, desenvolvemos hipóteses sobre a caracterização do fenômeno nessa língua e testamos essas hipóteses no capítulo 3. Uma vez que a literatura sobre o tema é quase inexistente, bem como é bastante restrita a ocorrência de estruturas alternantes em *corpus*, a aplicação de uma metodologia experimental possibilitará uma descrição mais apurada do fenômeno em português brasileiro.²² Baseando-nos nos resultados apresentados no capítulo 3, retomamos as questões de pesquisa e propomos uma análise da AL no capítulo 4, que é seguido das considerações finais.

²² Outros trabalhos sobre alternância locativa no português são Maia (1996, 1998) e Duarte (1998), ambos para o português europeu, e Rodrigues e Wachowicz (2005), sobre a aquisição da AL no PB.

CAPÍTULO 1

DESCRIÇÃO TRANSLINGUÍSTICA DA ALTERNÂNCIA LOCATIVA

Desde a década de 1960, com os primeiros estudos acerca da alternância locativa (AL) no inglês (PARTEE, 1965; FILLMORE, 1968), o crescente interesse dos linguistas por esse fenômeno tem sido acompanhado pelo progressivo reconhecimento do fenômeno em diversas línguas. Destacam-se os estudos pioneiros sobre a AL no francês (BOONS, 1973), no húngaro (MORAVCSIK, 1978), no japonês (FUKUI, MIYAGAWA e TENNY, 1985), no berber (GUERSSEL, 1986) e no holandês (HOEKSTRA e MULDER, 1990), entre outros, os quais revelaram a versatilidade do fenômeno em relação à sua farta descrição para o inglês.

Com o avanço das pesquisas, verificou-se que tanto o comportamento dos verbos que permitem a AL quanto os mecanismos morfossintáticos de expressão dos argumentos verbais variam translinguisticamente. Apesar da aparente natureza idiossincrática, os dados indicam a existência de padrões consistentes entre tipos linguísticos (HUNTER, 2008), o que sugere uma possível variação paramétrica na distribuição do fenômeno entre as línguas. A seguir, apresentamos uma amostra concisa da variação translinguística da AL, com base em dados extraídos de trabalhos científicos sobre o tema em línguas que dividimos em dois grupos (germânicas e românicas). Os dados estão seguidos da tradução em português (a tradução nem sempre é gramatical – casos em que será incluída a informação de que se trata de tradução literal “Lit”).²³

²³ Adotamos as regras de Leipzig para glosas (BICKEL, COMRIE, HASPELMATH, 2008). Optamos, contudo, por não distinguir a morfologia verbal das línguas exemplificadas no intuito de salientar apenas as marcas morfológicas relevantes para o fenômeno em análise. As abreviações empregadas estão disponíveis na lista de abreviaturas. Ademais, para a interpretação dos dados, encontram-se grifadas as estruturas relevantes em cada par contrastivo de sentenças. Os parênteses foram empregados a fim de indicar a possibilidade de omissão de dada estrutura.

- (1) Francês (HIRSCHBÜLER, 2003, p.1):
- a. Jean a chargé des briques dans le camion.
 Jean AUX carregado os tijolos dentro do caminhão
 ‘João carregou os tijolos no caminhão’
- b. Jean a chargé le camion de briques.
 Jean AUX carregado o caminhão de tijolos
 ‘João carregou o caminhão de tijolos’
- (2) Alemão (HIRSCHBÜLER, 2003, p.1):
- a. Er lud das Heu auf den Wagen.
 ele carregou o feno em o caminhão
 ‘Ele carregou feno no caminhão’
- b. Er be-lud den Wagen mit Heu.
 ele MAL-carregou o caminhão com feno
 ‘Ele carregou o caminhão com feno’
- (3) Japonês (KISHIMOTO, 2009, p.40):
- a. John-ga panki-o kabe-ni nut-ta.
 John-NOM tinta-ACC muro-em lambuzar-PAS
 ‘John lambuzou tinta no muro’
- b. John-ga kabe-o penki-de nut-ta.
 John-NOM muro-ACC tinta-com lambuzar-PAS
 ‘John lambuzou o muro com tinta’
- (4) Coreano (KIM, 1999, p.50):
- a. Yumi-ka mwul-ul cep-ey chaywu-ess-ta.
 Yumi-NOM água-ACC copo-LOC encher-PAS-DEC
 Lit.: ‘Yumi encheu água no copo’
- b. Yumi-ka cep-ul mwu-lo chaywu-ess-ta.
 Yumi-NOM copo-ACC água-com encher-PAS-DEC
 ‘Yumi encheu o copo com água’
- (5) Chinês (PAO, 1994, p.206):
- a. Wo ba shui zhuang zai pingzi li.
 eu MAL água encher em garrafa dentro
 Lit.: ‘eu enchi água na garrafa’
- b. Wo ba pingzi zhuang le shui.
 eu MAL garrafa encher PERF água
 ‘eu enchi a garrafa com água’

- (6) Espanhol (MATEU, 2000, p.2):
- a. Juan cargó heno en el carro.
 Juan carregou feno em o carro
 ‘João carregou feno no carro’
- b. Juan cargó el carro con heno.
 Juan carregou o carro com feno
 ‘João carregou o carro com feno’
- (7) Russo (DUDCHUK & PSHEHOTSKEYA, 2006, p.1):
- a. Ivan (za)-lil toplivo v bak.
 Ivan MAL-derramou combustível no tanque
 ‘João derramou o combustível no tanque’
- b. Ivan za-lil bak topliv-om.
 Ivan MAL-derramou tanque combustível-INSTR
 Lit.: ‘João derramou o tanque com combustível’
- (8) Húngaro (MORAVSIK, 1978, p.258):
- a. Rá-rakta a szén-át a szerkér-re
 MAL-carregar o feno-ACC o carro-em
 ‘carregar o feno no carro’
- b. Meg-rakta a szerkér-et széná-val
 MAL-carregar o carro-ACC feno-com
 ‘carregar o carro com feno’

Notamos que algumas línguas, como o francês e o espanhol, expressam a AL por meio da mudança na ordem dos argumentos internos. Outras línguas, devido ao seu sistema casual, permitem uma ordem mais flexível, a exemplo do japonês e do coreano; enquanto outras, além da ordem, dispõem de marcação morfológica específica para demonstrar esse tipo de alternância, a qual designamos genericamente pela sigla MAL – marcação de alternância locativa. O chinês apresenta a partícula *ba*, precedendo o objeto direto em ambas as alternantes. Já o alemão exibe um prefixo verbal na alternante LOD, enquanto o russo exibe o mesmo prefixo verbal nas duas alternantes. Por sua vez, o húngaro exibe prefixos verbais distintos para cada uma das alternantes.

Notamos, também, que a maioria dos verbos exemplificados denotam uma semântica comum, a de preenchimento, mas a distribuição irregular dos membros dessa classe entre as línguas indica que o padrão concebido para o inglês não corresponde à diversidade da AL entre as línguas

(HIRSCHBÜHLER, 2003).²⁴ Por exemplo, francês, alemão e espanhol permitem AL com o verbo *carregar*, mas não com o verbo *encher*, exibindo um padrão contrário ao do coreano e chinês.

Neste capítulo, descrevemos brevemente a AL em línguas particulares, distribuídas em dois grupos – línguas germânicas e línguas românicas (seções 1.1 e 1.2, respectivamente) –, a fim de conceber um panorama mais amplo desse fenômeno, com base na literatura sobre o tema. O objetivo imediato do contraste entre os dados é fornecer meios de caracterizar a AL no português brasileiro (PB), contrastivamente com outras línguas, como será discutido na seção 1.4. Em última instância, a comparação translinguística provê indícios das propriedades lexicais universais relevantes para a sintaxe, bem como dos mecanismos de mapeamento encontrados nos diferentes grupos de línguas. Finalizamos o capítulo na seção 1.5, com a síntese das ideias apresentadas.

Cabe ressaltar que as descrições a seguir não se pretendem exaustivas, mas, antes, representativas da diversidade translinguística exibida pela AL e reportada pela literatura a que tivemos acesso, salientando-se os dados díspares para efeito de contraste por meio do grifo na estrutura relevante em cada par. Assim como os dados de (1) a (8), as transcrições de dados de outras línguas neste capítulo estão acompanhadas da tradução (por vezes, literal), a fim de capturar a essência da estrutura na língua nativa, ainda que as sentenças possam ser agramaticais no PB.

1.1 ALTERNÂNCIA LOCATIVA NAS LÍNGUAS GERMÂNICAS

1.1.1 Inglês

Como já mencionado, os primeiros estudos acerca da AL, ainda na década de 1960, partiram do inglês, cuja regularidade do fenômeno, aliada ao grande interesse pela interface entre sintaxe e léxico nas décadas seguintes, multiplicou os estudos, tornando essa língua, provavelmente, a mais bem descrita no tocante à AL. A obra de Levin (1993) destaca-se como um marco na descrição das alternâncias sintáticas em geral, ao propor uma ampla e detalhada classificação dos verbos alternantes e não alternantes, distribuídos por tipo de alternância detectada na língua inglesa. As classes verbais postuladas por Levin (1993) e os critérios utilizados para distingui-las têm servido de referência para estudos sobre alternâncias em diversas línguas, segundo diferentes perspectivas

²⁴ Destacamos as limitações da comparação translinguística, tendo em vista que o modo como traduzimos determinada sentença de uma língua para outra é restringido pela concepção de mundo adotada em cada língua que, por sua vez, é refletida pelo léxico (SALLES, comunicação pessoal). Daí que muitas vezes, as traduções aqui empregadas não são gramaticais no PB.

teóricas. Por esses motivos, tomamos como referência para a nossa investigação a descrição feita pela autora para o inglês em 1993 e em trabalhos posteriores.

Levin (1993) situa a AL entre as diáteses que envolvem os argumentos internos ao VP, ao lado das alternâncias dativa e benefactiva, entre outras.²⁵ Sob essa ótica, a autora divide os verbos do inglês que participam da AL, inicialmente, em cinco classes, conforme o significado lexical e a transitividade, a saber:

I. *SPRAY/LOAD* – verbos transitivos com sentido adlativo, isto é, denotam preenchimento, revestimento, depósito ou distribuição.²⁶

(9) a. Jack sprayed paint on the wall.
 Jack chapiscou tinta sobre o muro
 ‘Jack chapiscou tinta no muro’

b. Jack sprayed the wall with paint.
 Jack chapiscou o muro com tinta
 ‘Jack chapiscou o muro com tinta’

(LEVIN, 1993, p. 51)

II. *SWARM* – representam a contraparte intransitiva da classe *spray/load*, mas alternam o Locativo entre as posições de oblíquo e sujeito. Não há Agente nas estruturas alternantes dessa classe.²⁷

(10) a. Bees are swarming in the garden.
 abelhas estão enxameando em o jardim
 Lit.: ‘As abelhas estão enxameando o jardim’

b. The garden is swarming with bees.
 o jardim está enxameando com abelhas
 Lit.: ‘O jardim está enxameado de abelhas’

(LEVIN, 1993, p. 54)

²⁵ Nesse contexto, as alternâncias de diátese são entendidas como “alternâncias na expressão dos argumentos verbais, algumas vezes acompanhada de mudança no significado”. (Ibid., p.2, tradução nossa). No original: [...] *diathesis alternations— alternations in the expressions of arguments, sometimes accompanied by changes of meaning—verbs may participate in.*

²⁶ O termo adlativo (aditivo) remete ao caso de algumas línguas como o basco, húngaro e o turco, que denota aproximação, inverso ao ablativo, que denota afastamento.

²⁷ Em inglês, se o sujeito é humano, verbos como *swarm* e *teem*, podem denotar agentividade em sentido figurado como em *Fans are swarming the field.* (GUPTON, comunicação pessoal).

III. *CLEAR* – verbos transitivos com sentido ablativo, isto é, denotam remoção de substâncias e são melhor caracterizados como verbos de mudança de estado.²⁸

(11) a. Henry cleared dishes from the table.
Henry limpou louças a partir de a mesa
'Henry limpou as louças da mesa'

b. Henry cleared the table of dishes.
Henry limpou a mesa de louças
'Henry limpou a mesa de louças'

(LEVIN, 1993, p. 52)

IV. *WIPE* – expressam as mesmas noções que a classe *clear*, mas não permitem que o Tema seja expresso na configuração LOD, ou seja, o Tema como oblíquo é agramatical (*TOB). Subdivide-se nas subclasses maneira (cf. (12)) e instrumento (cf. (13)):

(12) a. Helen wiped the fingerprints off the wall.
Helen limpou as marcas de dedo fora de a parede
'Helen limpou as marcas de dedo da parede'

b. Helen wiped the wall (*of fingerprints).
Helen limpou a parede de marcas de dedo
'Helen limpou a parede das marcas de dedo'

(LEVIN, 1993, p. 53)

(13) a. Carla shoveled the snow from the walk.
Carla empurrou com uma pá a neve a partir de a calçada
'Carla empurrou a neve da calçada'

b. Carla shoveled the walk (*of snow).²⁹
Carla empurrou com uma pá a calçada de neve
Lit.: 'Carla empurrou a calçada com neve'

(LEVIN, 1993, p. 127)

²⁸ Cf. introdução, seção 2 (p. 20).

²⁹ Assumimos os julgamentos de Levin (Ibid.) a título de exemplificação, mas reconhecemos divergências entre falantes nativos do inglês sobre dados do tipo (13b), admitindo a aceitabilidade de estruturas como em *Carla shoveled the sidewalk of snow* (exemplo sugerido gentilmente pelo professor Timothy Gupton (c.p.)).

V. *INTRANSITIVE CLEAR* – representam a contraparte intransitiva da classe *clear*, com o Locativo alternando entre as posições de oblíquo e sujeito. Assim como na classe II, essa forma da AL não admite Agente nas estruturas alternantes.

- (14) a. Clouds cleared from the sky.
 Nuvens limpam a partir de o céu
 ‘As nuvens desobstruíram o céu’
- b. The sky cleared (?of clouds).
 o céu está limpo de nuvens
 ‘O céu está desobstruído de nuvens’

(LEVIN, 1993, p.55)

Em trabalhos posteriores (LEVIN, 2003; 2006), a autora agrupa esses verbos em duas grandes classes: verbos de disposição, que compreendem as classes I e II, e verbos de remoção, que compreendem as classes III a V. Tendo em vista que o objeto da presente pesquisa limita-se à alternância do argumento Locativo entre as posições de objeto direto e oblíquo (LOD e LOB, respectivamente), desconsideramos, na descrição a seguir, as classes II e V, que exibem a configuração Locativo-sujeito (LOS).

Curiosamente, no interior das referidas classes, há subconjuntos de verbos que não alternam, permitindo o Locativo apenas em uma única configuração.³⁰ Entre os verbos de disposição, verbos do tipo *fill* ‘encher’ permitem apenas a alternante LOD, como verificamos em (15), enquanto os dos tipos *put* ‘pôr’; *funnel* ‘afunilar’ e *coil* ‘enrolar’, por exemplo, aceitam tão somente a alternante LOB, como exemplificado em (16):

- (15) a. *June covered the blanket over the baby.
 June cobriu o cobertor sobre o bebê
 Lit.: ‘June cobriu o cobertor sobre o bebê’
- b. June covered the baby with a blanket.
 June cobriu o bebê com um cobertor
 ‘June cobriu o bebê com um cobertor’

- (16) a. Tamara poured water into the bowl.
 Tamara pôs água dentro de a bacia
 ‘Tamara pôs água na bacia’

³⁰ Para uma lista mais detalhada das classes verbais alternantes e não alternantes do inglês, seus membros e características, consultar Levin (1993).

- b. *Tamara poured the bowl with water.
 Tamara pôs a bacia com água
 Lit.: ‘Tamara pôs a bacia com água’

(LEVIN, 1993, p. 51)

Por seu turno, as subclasses de verbos de remoção *remove* ‘remover’, *banish* ‘banir’ e *steal* ‘roubar’ exibem apenas a configuração LOB (cf. (17)), contrariamente à subclasse *cheat* ‘trapacear’, que se restringe à configuração LOD (cf. (18)):

- (17) a. The thief stole the painting from the museum.
 o ladrão roubou a pintura a partir de o museu
 ‘O ladrão roubou a pintura do museu’

- b. *The thief stole the museum of the painting.
 o ladrão roubou o museu de a pintura
 Lit.: ‘O ladrão roubou o museu da pintura’

- (18) a. *The doctor cured the pneumonia from Pat.
 o médico curou a pneumonia a partir de Pat
 ‘O médico curou a pneumonia de Pat’

- b. The doctor cured Pat of pneumonia.
 o médico curou Pat de pneumonia
 ‘O médico curou Pat de pneumonia’

(LEVIN, 1993, p. 52)

No inventário de Levin (1993), muitos verbos estão relacionados à AL, o que resulta em uma impressão de alta produtividade desse tipo de diátese no inglês. Contudo, um exame cauteloso desse repertório revela que, embora os verbos alternantes sejam numerosos nessa língua, são ainda mais abundantes os não alternantes: dos 212 verbos de disposição elencados, apenas 49 permitem a AL e, entre os verbos de remoção, apenas 60 dos 193 alternam.

Uma característica marcante da AL em inglês refere-se à seleção da preposição introdutora do argumento oblíquo nas alternantes. Nos verbos de disposição, a alternante LOB (denominada *locative variant*) aceita as preposições *into/onto/under* ‘em, sob’, enquanto a alternante LOD (denominada *with variant*) combina-se exclusivamente com a preposição *with*:

- (19) a. Jessica loaded boxes into/onto/under the wagon.
 Jessica carregou caixas em/sobre/sob o vagão
 ‘Jessica carregou caixas em/sobre/sob o vagão’
- b. Jessica loaded the wagon with boxes.
 Jessica carregou o vagão com caixas
 ‘Jessica carregou o vagão com caixas’

(LEVIN, 1993, p. 118)

Quanto aos verbos de remoção, na alternante LOB, a preposição *from* ‘de’ (no sentido de origem) alterna com a preposição *off* ‘de’ (no sentido de exterioridade); já na alternante LOD, a única preposição possível é *of* ‘de’ (no sentido de lugar, posição), denominada *of variant*:

- (20) a. Helen wiped the fingerprints off/from the counter.
 Helen limpou as digitais fora de/a partir de o balcão
 ‘Helen limpou as digitais do/no balcão’
- b. Helen wiped the counter (*of fingerprints).³¹
 Helen limpou o balcão de digitais
 ‘Helen limpou o balcão das digitais’

(LEVIN, 1993, p. 125)

Outro aspecto formal digno de nota é a ausência do determinante antes do argumento Tema de ambos os tipos de verbo (de disposição e de remoção), especialmente na alternante LOB. O conjunto de dados do inglês mostra uma prevalência do apagamento do determinante diante do Tema, ao contrário do Locativo, que é sempre precedido de determinante. Retomamos a seguir o exemplo (9), a título de exemplificação:

- (21) a. Jack sprayed paint on the wall.
 Jack chapiscou tinta sobre o muro
 ‘Jack chapiscou tinta no muro’
- b. Jack sprayed the wall with paint.
 Jack chapiscou o muro com tinta
 ‘Jack chapiscou o muro com tinta’

(LEVIN, 1993, p. 51)

³¹ Julgamentos fornecidos pelo professor Ph.D Timothy Gupton (c.p.), falante nativo do inglês.

No que tange à interpretação das alternantes, Levin (1993, p. 50) afirma que todas as formas da AL no inglês exibem o chamado efeito holístico-partitivo, isto é, quando na posição de objeto, o Locativo recebe uma interpretação holística, no sentido de que implica uma leitura de afetação completa. Contudo, a própria autora reconhece que nem sempre tal implicação é alcançada, como vem sendo demonstrado por diversos estudos.

RH&L (2002) elencam também a possibilidade de encaixar uma estrutura resultativa em ambas as alternantes como uma propriedade da AL no inglês, o que se verifica em (22):

- (22) a. Kerry wiped the table clean.
 kerry limpou a mesa limpa
 ‘Kerry limpou a mesa’
- b. Kerry wiped the crumbs off the table.
 Kerry limpou os farelos fora da mesa
 ‘Kerry limpou os farelos da mesa’

(RAPPAPORT HOVAV e LEVIN, 2002, p. 269)

Em resumo, no inglês, a AL está relacionada às noções de disposição e remoção, havendo uma considerável vantagem dos verbos não alternantes sobre os alternantes. Além disso, a seleção de uma preposição única na alternante LOD, a tendência de apagamento do determinante precedendo o Tema na alternante LOB, a interpretação holística do Locativo na posição de objeto e a possibilidade de encaixamento de estruturas resultativas são as principais propriedades da AL reportadas nessa língua.

1.1.2 Alemão e Holandês

O alemão apresenta um sistema de expressão bastante complexo em relação à AL, que pode ou não envolver marcação morfológica no verbo na alternante LOD. Segundo Brinkmann (1997), a marcação morfológica por meio do prefixo *be-* é a forma mais produtiva de AL nessa língua, mas nem sempre é requerida. Em alguns predicados, a marcação com o prefixo *be-* é obrigatória; em outros, é facultativa, possibilitando uma configuração da AL similar ao inglês; outros predicados ainda, dispõem dos chamados prefixos preposicionais (P-prefixos), em lugar do *be-*, para marcar morfológicamente o Locativo na configuração de objeto.

Consoante Brinkmann (1997), o prefixo *be-* tem origem na preposição *bei* do alemão, que, em estágios remotos, denotava relações espaciais. No alemão moderno, porém, não é mais possível identificar uma relação semântica direta entre o prefixo *be-* e a preposição *bei*, uma vez que há várias e distintas classes de verbos que, combinadas ao prefixo *be-*, podem denotar lugar, percepção, manipulação de material, elocução, emoção, entre outros sentidos.

A contraparte oblíqua dos verbos Locativos é introduzida pelas preposições topológicas *auf*, que denota uma superfície externa, ou *an*, que denota contato entre o Tema e o Locativo:³²

- (23) a. Ted schmiert Butter auf die Tischdecke.
 Ted lambuzou manteiga em a toalha de mesa
 ‘Ted lambuzou manteiga na toalha de mesa’
- b. Ted be-schmiert/schmiert die Tischdecke mit Butter.
 Ted MAL-lambuzou/lambuzou a toalha de mesa com manteiga
 ‘Ted lambuzou/ a toalha de mesa com manteiga’
- (24) a. Petra hängte Sterne an den Christbaum.
 Petra pendurou estrela em a árvore de natal
 ‘Petra pendurou a estrela na árvore de Natal’
- b. Petra be-hängte/hängte den Christbaum mit Sternen.
 Petra MAL-pendurou /pendurou a árvore de natal com estrela
 Lit.: ‘Petra pendurou/ a árvore de Natal com estrela’

(BRINKMANN, 1997, p. 80)

Brinkmann (1997, p. 82) argumenta que, além de uma função morfossintática (marcação morfológica do verbo na alternante Locativo objeto), o prefixo *be-* exibe um efeito semântico que interfere diretamente na estrutura argumental: restringe-se às construções com sentido ablativo (movimento para fora). Por esse motivo, *container verbs* e *content verbs*, que requerem um Locativo do tipo recipiente (sentido adlativo), não aceitam a prefixação com *be-*, como ilustrado em (25) e (26).³³

³² Além dos verbos locativos com o prefixo *be-*, há outras classes semânticas verbais que realizam a alternância entre uma estrutura preposicionada (LOB) e uma estrutura com prefixo verbal (LOD), elencadas por Brinkmann (1997, p. 84-87).

³³ *Content verbs* e *container verbs* são verbos que lexicalizam o elemento movido e a sua localização e correspondem aos argumentos *locatum verbs* e *location verbs*, respectivamente (LEVIN, 1993).

- (25) a. Sie stopften Wax in das Loch.
 eles entupiram cera em o buraco
 Lit.: ‘Eles entupiram cera no buraco’
- b. Sie *be-stopften/stopften das Loch mit Wax.
 eles MAL-entupiram/entupiram o buraco com cera
 ‘Eles entupiram o buraco com cera’
- (26) a. Er quetschte seine Wäsche in den Koffer.
 ele enfiou sua roupa em a mala
 ‘Ele enfiou sua roupa na mala’
- b. Er *be-quetschte/quetschte den Koffer mit seiner Wäsche.
 ele MAL-enfiou/enfiou a mala com sua roupa
 Lit.: ‘Ele enfiou a mala com sua roupa’

(BRINKMANN, 1997, p. 80)

Mesmo predicacões que poderiam, *a priori*, aceitar o verbo prefixado com *be-* (verbos de contato de superfície), tornam-se agramaticais quando selecionam um recipiente, como em (27) e (28).

- (27) Ted be-wirft die Wand/*den Abflug (mit Dreck).
 Ted MAL-derrubou o muro/ a loja (com lixo)
 Lit.: ‘Ted derrubou o muro/a loja (com lixo)’
- (28) Sue be-giebt den Braten/*das Glas (mit Wasser).
 Sue MAL-derramou o assado/ o copo (com água)
 Lit.: ‘Sue derramou o assado/o copo (com água)’

(BRINKMANN, 1997, p. 81)

Por outro lado, certos *content verbs*, a exemplo de *schmierem* ‘lubrificar/lambuzar’, dispensam o prefixo *be-* no seu uso habitual ou em expressões idiomáticas (29a), mas o exigem quando combinados a um Tema que desempenhe função de modificador (29b). Já com alguns *container verbs*, o prefixo *be-* parece ser facultativo, admitindo duas formas para a alternante LOD, como ilustrado em (30b).

- (29) a. die Achsen (mit Spezialöl) schmier
 os eixos (com óleo especial) lubrificar
 ‘Lubrificar os eixos (com óleo especial)’
- b. die Tischdecke mit Butter *schmier/be-schmier
 a toalha de mesa com manteiga lambuzar/MAL-lambuzar
 ‘Lambuzar a toalha de mesa com manteiga’

(BRINKMANN, 1997, p. 77)

- (30) a. Sie luden Heu auf den Wagen.
 eles carregaram feno em o caminhão
 ‘Eles carregaram feno no caminhão’
- b. Sie be-luden/luden den Wagen mit Heu.
 eles MAL-carregaram/carregaram o caminhão com feno
 ‘Eles carregaram o caminhão com feno’

(BRINKMANN, 1997, p.76)

Os prefixos preposicionais (P-prefixos) são preposições que podem se tornar prefixo sob determinadas circunstâncias, sem que isso implique alterações fonológicas. Dentre os muitos P-prefixos do alemão, *unter* ‘em’ (31) e *über* ‘sob’ (32) são produtivos na AL de objeto, exercendo a mesma função do prefixo *be-*:

- (31) a. Der Bäcker mengte Kakao unter den Teig.
 o padeiro misturou cacau em a massa
 ‘O padeiro misturou cacau na massa’
- b. Der Bäcker unter-mengte den Teig (mit Kakao).
 O padeiro P-PREF-misturou a massa (com cacau).
 ‘O padeiro misturou a massa (com cacau)’
- (32) a. Der Autoverkäufer malte rote Farbe über die Roststelle.
 o vendedor de carros pintou vermelha tinta sob o local enferrujado
 ‘O vendedor de carros pintou tinta vermelha sob o local enferrujado’
- b. Der Autoverkäufer über-malte die Roststelle (mit roter Farbe).
 o vendedor de carros P-PREF-pintou o local enferrujado (com vermelha tinta)
 ‘O vendedor de carros pintou o local enferrujado (com tinta vermelha)’

(BRINKMANN, 1997, p. 83)

Para Sweep (2010), em relação à AL, o holandês combina os sistemas do inglês e do alemão. Se por um lado, o holandês dispõe de uma marcação morfológica similar à do alemão, por meio do prefixo *be-*, por outro lado, em muitos casos, a marcação é dispensável, o que o aproxima do inglês.

- (33) a. hij laadde hooi op de wagen.
 ele carregou feno em o caminhão
 ‘Ele carregou feno no caminhão’
- b. hij (be-)laadde de wagen met hooi.
 ele (MAL-)carregou o caminhão com feno
 ‘Ele carregou o caminhão com feno’

(SWEEP, 2010, p. 15)

O mesmo autor afirma, ainda, que verbos de remoção, que são essencialmente ablativos, são incompatíveis com o prefixo *be-* (restrito a construções ablativas). Sendo assim, no holandês, verbos de remoção dispõem de outros prefixos para expressar AL, evitando um efeito redundante.

- (34) a. ruimen: af-ruimen; räumen/ abräumen
 limpar: P-PREF\limpar
- b. borstelen: af-borstelen; bürsten/ abbürsten
 escovar: P-PREF\escovar³⁴

(SWEEP, 2010, p. 15)

Do mesmo modo, a restrição topológica do prefixo *be-* a construções ablativas explica porque certas construções do holandês exigem tal prefixação, ainda que em outros contextos a alternância seja facultativa, como no caso de *laden* ‘carregar’. Em (35a), bem como no alemão (cf. (33b)), o prefixo *be-* é facultativo com *container verbs*, que são essencialmente adlativos; já em (35b), o prefixo é obrigatório para restringir o sentido ablativo, pois o Locativo *ezel* ‘burro’ não comporta uma leitura adlativa, isto é, o burro carrega a carga em cima e não dentro, como o carro.

³⁴ Os prefixos *AF-* e *AB-* correspondem às noções de ‘para baixo’ e ‘de’ no português.

- (35) a. de auto met (spullen) be-laden/laden
o carro com coisas (MAL)-carregado
'o carro carregado com coisas'
- b. de ezel met (spullen) be-laden/*laden
o burro com coisas MAL-carregado
'o burro carregado com coisas'

(SWEEP, 2010, p. 12)

Conforme Mulder (1992, *apud* MATEU, 2000), o prefixo *be-* no holandês ocorre em distribuição complementar com o adjetivo *vol* 'cheio' (cf. (36)), havendo essas duas possibilidades de marcação morfológica nessa língua. O mesmo comportamento é observado no alemão, com o adjetivo *voll* 'cheio' (cf. (37)).

- (36) a. hij be-hangt de muur met foto's./ hij hangt de muur vol met foto's.
ele MAL-pendurou o muro com fotos/ ele pendurou o muro cheio com fotos'
Lit.: 'Ele pendurou o muro com fotos'
- b. *hij be-hangt de muur vol met foto's.
ele MAL-pendurou o muro cheio com fotos
Lit.: 'Ele pendurou o muro cheio com fotos'

(MULDER, 1992, *apud* MATEU, 2000, p.22-23)

- (37) a. Der Bauer be-lud den Wagen mit Heu./ Der Bauer lud den Wagen voll mit Heu.
o fazendeiro MAL-carregou o caminhão com feno/ o fazendeiro carregou o caminhão cheio com feno
'O fazendeiro carregou o caminhão com feno'
- b. *Der Bauer be-lud den Wagen voll mit Heu.
O fazendeiro MAL-carregou o caminhão cheio com feno
'O fazendeiro carregou o caminhão cheio com feno'

(FRENSE & BENNET, 1996, *apud* SWEEP, 2010, p. 4)

Segundo o autor, a possibilidade de encaixar um sintagma resultativo na alternante LOD nessas línguas evidencia o efeito holístico-partitivo entre as alternantes. A alternante não prefixada, com *vol*, propicia uma interpretação atributiva, enquanto a alternante prefixada, com *be-*, indica uma interpretação de afetação total do Locativo:

- (38) a. hij hangt de muur vol met foto's.
 ele pendurou o muro cheio com fotos
 Lit.: 'Ele causou ao muro ficar no estado cheio de fotos'
- b. hij be-hangt de muur met foto's.
 ele MAL-pendurou o muro com fotos
 Lit.: 'Ele causou ao muro tornar-se totalmente afetado por meio da atividade de pendurar'
- (MULDER, 1992, *apud* MATEU, 2000, p. 23)

1.2 ALTERNÂNCIA LOCATIVA NAS LÍNGUAS ROMÂNICAS

A AL, em geral, aparenta ser numericamente bem menos produtiva nas línguas românicas, em comparação com as línguas germânicas. Contudo, esse não é o caso do espanhol, segundo Cifuentes (2008). Baseando-se na análise de Iwata (2008) sobre o inglês, Cifuentes (2008) desconsidera a subclasse *wipe* como uma representante legítima dos verbos de remoção, uma vez que os membros dessa classe especificam lexicalmente maneira ou instrumento, sendo a remoção um resultado desejável, mas não um componente lexicalizado no verbo.³⁵ Restando, portanto, apenas os quatro verbos pertencentes à subclasse *clear* (*clear* 'clarear', *clean* 'limpar', *drain* 'drenar', *empty* 'esvaziar'), a produtividade da AL cai bruscamente dentre os verbos de remoção do inglês; enquanto no espanhol, o autor arrola 32 verbos de remoção que permitem AL. Os dados a seguir foram extraídos de Cifuentes (2008, p. 8-59) e estão acompanhados da contraparte em inglês.³⁶

- (39) a. Purificar las acciones hechas de su vida
 *Purify bad deeds from his life
 'Absolver os pecados de sua alma'
- b. Purificar de su vida las acciones hechas
Purify his life of bad deeds
 'Absolver sua alma de pecados'

³⁵ Segundo a análise de Iwata (op.cit., p.62), os verbos da classe *wipe* podem ser tratados da mesma maneira que os verbos *spray/load*, sendo a única diferença entre essas duas classes, o tipo de substância representada pelo Tema.

³⁶ Para uma lista abrangente dos verbos de remoção em espanhol, consultar Cifuentes (Ibid.).

- (40) a. Eliminar los malos olores de la casa
 Eliminate odours from one's house
 'Eliminar os odores da casa'
- b. Eliminar la casa de malos olores
 *Eliminate one's house of odours
 'Eliminar a casa de odores'

Línguas românicas admitem uma preposição adicional (*of*) na alternante LOD de verbos de disposição (DAMONTE, 2005), como nos dados do catalão, em (41).

- (41) Ell va carregar el camió amb/de totxos.
 Ele AUX carregar o caminhão com/de tijolos
 'Ele carregou o caminhão com/de tijolos'

(MATEU, 2000, p. 15)

Todavia, segundo Bleótu (2014), tal generalização parece não se confirmar, pois, no romeno, a alternante formada pela preposição *of*, como em (42), não é realmente usada pelos falantes:

- (42) Am încârcat camionul de nisip
 ter1^{sg} carregado caminhão de areia
 'Eu tinha carregado o caminhão de areia'

(BLEÓTU, 2014, p. 191)

Nas línguas em que a generalização de Damonte (2005) é confirmada, ou seja, em que a alternância entre as preposições *of/with* é permitida, as estruturas exibem diferentes propriedades. Quanto ao significado, a variante românica equivalente à *of*, 'de', permite a leitura com ou sem Agente; enquanto a equivalente à *with*, 'amb, com', permite apenas a leitura agentiva (Mateu, 2000), como exemplificado pelo dado do catalão em (43).

- (43) a. El dipòsit s'omple d'aigua.
o tanque é cheio de água
'O tanque encheu de água'
- b. El dipòsit s'omple amb aigua.
o tanque é cheio com água
Lit.: 'O tanque foi cheio com água (por alguém)'

(MATEU, 2000, p.16)

Quanto às propriedades sintáticas, a variante *of* seleciona indefinidos ou plurais nus, enquanto a variante *with* seleciona geralmente definidos (DAMONTE, 2005), como que se verifica no italiano em (44) e (45), respectivamente:

- (44) a. Ho caricato il camion di sabbia/tubi.
AUX carregado o caminhão de areia/tubos
'Eu tenho carregado o caminhão de areia/tubos'
- b. *Ho caricato il camion della sabbia.
AUX carregado o caminhão da areia
'Eu tenho carregado o caminhão da areia'
- (45) a. Ho caricato il camion con la sabbia.
AUX carregado o caminhão com a areia
'Eu tenho carregado o caminhão com a areia'
- b. *Ho caricato il camion con sabbia/tubi.
AUX carregado o caminhão com areia/tubos
'Eu tenho carregado o caminhão com areia/tubos'

(DAMONTE, 2005, p.94)

No caso dos verbos de remoção, Cifuentes (2008) avalia que, no espanhol, esse tipo de verbo não aceita a construção com a preposição *with* (cf. (46)), pois tal construção, apesar de existente na língua, não é, de fato, uma estrutura alternante, visto que atua como complemento do objeto e não do verbo. Além da diferença sintática, o significado das sentenças também é alterado: a construção iniciada pela preposição *of* indica o rompimento da relação de posse entre Locativo e Tema por meio do deslocamento do Tema do interior do Locativo, já na construção iniciada pela preposição *with* essa relação ainda é visível, já que ambos integram o mesmo constituinte, como fica evidenciado em (47).

- (46) Absolver su alma de/*con pecados (agramatical na leitura alternante)
Absolver sua alma de/com pecados
'Absolver sua alma de/com pecados'

- (47) Absolver [su alma] [de pecados]/ Absolver [su alma [com pecados]]
Absolver sua alma de pecados/ absolver sua alma com pecados
'Absolver sua alma de pecados/ Absolver os pecados da sua alma'

(CIFUENTES, 2008, p.61)

Por outro lado, as línguas românicas assemelham-se às germânicas na tendência de apagamento do determinante antes do Tema em uma das alternantes, notadamente na alternante LOD, a exemplo de (48a) do italiano. Segundo Cifuentes (2008), no espanhol, o elemento introduzido pela preposição *of* pode ou não ser precedido pelo determinante, mas geralmente, o determinante só é requerido quando o argumento está especificado, como em (49b).

- (48) a. Caricare il camion di fieno/libri/carbone/latte/sabbia
carregar o caminhão de feno, livros, carvão, leite, areia
'Carregar o caminhão de feno, livros, carvão, leite, areia'
- b. Caricare il/la/i feno/libri/carbone/latte/sabbia sul camion
carregar ARTD feno, livros, carvão, leite, areia no caminhão
'Carregar o feno, os livros, o carvão, o leite, a areia no caminhão'

(LENCI, 2012, p.17)

- (49) a. Absolvió su alma de pecados.
absolveu sua alma de pecados
'Absolveu sua alma de pecados'
- b. Absolvió su alma de los pecados cometidos en su juventud.
absolveu sua alma de os pecados cometidos em sua juventude
'Absolveu sua alma dos pecados cometidos em sua juventude'

(CIFUENTES, 2008, p.62)

As línguas românicas também parecem expressar o efeito holístico-partitivo: o Locativo é interpretado como parcialmente afetado na posição de oblíquo e como totalmente afetado na posição de objeto, como fica evidenciado nos dados do português europeu com adversativas:

- (50) a. O decorador pintou flores na parede da sala, mas esta não ficou totalmente pintada.
 b. *O decorador pintou a parede da sala com flores, mas esta não ficou totalmente pintada.

(DUARTE, 1998, p. 94):

O teste mostra que a alternante LOD resulta agramatical diante de uma adversativa (50b) em decorrência de uma incompatibilidade semântica, uma vez que a oração adversativa expressa a incompletude da ação, ao passo que a matriz aponta para a consecução total e completa da ação, o que não ocorre na alternante LOB (50a), em que é perfeitamente aceitável a leitura de que a ação foi executada, mas não implica necessariamente que a extensão completa da superfície tenha sido afetada pela ação.

Lenci (2012, p. 16) sugere que o contraste semântico entre as alternantes da AL vai muito além do efeito holístico-partitivo, ao menos na classe *spray/load*. O *corpus* do italiano, investigado pelo autor, revela que, em termos de uso, os Locativos selecionados pela preposição na alternante LOB têm um sentido físico (*auto* ‘carro’; *camion* ‘caminhão’; *spalla* ‘ombro’, *furgone* ‘van’, *aereo* ‘avião’, etc), ao passo que os selecionados pela preposição na alternante LOD assumem um sentido figurado (*vote* ‘voto’, *personaggio* ‘personagem’, *scelta* ‘escolha’, *settore* ‘setor’, *evento* ‘evento’, etc). Nesse contexto, uma das alternantes é mais propícia a assumir uma interpretação metafórica, tal qual como constatado por Dowty (2000) acerca dos verbos da classe de *swarm* ‘abundar’. No caso dos verbos de disposição, essa interpretação é atribuída à alternante LOD (51b) e (51c), como se verifica no contraste com (51a):

- (51) a. Gianni ha caricato il fieno sul camion.
 Gianni AUX carregado o feno em caminhão
 ‘Gianni carregou o feno no caminhão’
 b. Caricare il voto di significato politico
 carregar o voto de significado político
 ‘Carregar o voto de significado político’
 c. Caricare il giocatore di troppe responsabilità
 carregar o jogador de muitíssimas responsabilidades
 ‘Carregar o jogador de muitíssimas responsabilidades’

(LENCI, 2012, p. 16)

Segundo Lenci (2012, p.16-17, tradução nossa), o contraste é ainda maior do que a oposição entre nomes com sentido figurado e com sentido denotativo:

nem todos os argumentos possíveis de um verbo podem ser alternativamente realizados como objeto direto ou como oblíquo, apenas alguns nomes podem aparecer legitimamente em ambas as variantes, enquanto outros parecem estar restritos a apenas uma delas.³⁷

Em (52), o Tema *significato* acomoda-se como oblíquo, mas parece rejeitar a posição de objeto direto na alternante LOB, corroborando a afirmação de Lenci (2012):

- (52) a. caricare la vita umana di significato
 carregar a vida humana de significado
 ‘carregar a vida humana de significado’
- b. ?? caricare il significato sulla vita umana
 carregar o significado na vida humana
 ‘carregar o significado na vida humana’

(LENCI, 2012, p.17)

Segundo RH&L (1998; 2008) e Mateu (2000), as línguas românicas exibem apenas casos simples de AL e rejeitam casos de alternância complexa (cf. (53), em que há uma estrutura resultativa encaixada na estrutura causativa, como ilustrado no exemplo do romeno:

- (53) a. *Ion a frecat globul de cristal curat de urmele degetelor. (AP resultativo)
 Ion AUX esfregado bola de cristal limpa de marcas dedosGEN
 Lit.: ‘João esfregou a bola de cristal limpa de digitais’
- b. *Ion a frecat urmele degetelor de pe globul de cristal. (PP resultativo)
 Ion AUX esfregado marcas dedosGEN de na bola de cristal
 Lit.: ‘John esfregou as digitais da bola de cristal’

(BLEOTU, 2014, p. 189-190)

Bleotu (2014, p.193) destaca que as línguas românicas, com exceção do italiano, permitem a leitura atributiva diante do adjetivo *plin/pieno* ‘cheio’; mas rejeitam uma leitura resultativa

³⁷ No original: *In fact, the key fact is that not all the possible noun arguments of a verb like ‘caricare’ can be alternatively realized as a direct object or as a prepositional complement headed by ‘su’.*

marcada pela ordem nome-adjetivo. Na sequência, são apresentados os dados do romeno (54), italiano (55) e inglês (56).

(54) Romeno:

Ion a încarcat carul plin cu fân.
 Ion carregado carroça cheio com feno

Leitura atributiva: ‘Ion carregou a carroça (que já estava) cheio de feno’

Leitura resultativa: ‘*Ion carregou a carroça (até que este ficasse) cheio de feno’

(55) Italiano:

Gianni caricato il camion pieno di fieno.
 Gianni carregou o caminhão cheio de feno

Leitura atributiva: ‘Gianni carregou o caminhão (que já estava) cheio de feno’

Leitura resultativa: ‘Gianni carregou o caminhão (até que este ficasse) cheio de feno’

(56) Inglês:

John loaded the cart full of hay.
 John carregou o carro cheio de feno

Leitura atributiva: ‘John carregou o carrinho (que já estava) cheio de feno’

Leitura resultativa: ‘John carregou o carrinho (até que este ficasse) cheio de feno’

(BLEOTU, 2014, p.189-193)

Finalmente, o ponto mais controverso relacionado à AL, exibido nas línguas românicas, refere-se à morfologia. Embora, em geral, à semelhança do inglês, essas línguas não marquem morfologicamente alguma das estruturas alternantes, como ocorre em diversas outras línguas (cf. (2), (5), (7) e (8)), alguns estudos expõem dados que desafiam a uniformidade morfossintática entre elas. Conforme Munaro (1994, *apud* MATEU, 2000, p.24), à semelhança do alemão, alguns verbos do italiano são prefixados na alternante LOD. Porém, nessa língua, ao invés de um único prefixo que licencie a alternância (como o *be-* do alemão), há um conjunto de prefixos, o que se verifica em (57)-(59).

- (57) a. Gianni ha fornito merce avariata a Paolo.
Gianni AUX guarnecido mercadoria danificada para Paolo
'João guarneceu mercadoria danificada para Paolo'
- b. Gianni ha ri-fornito Paolo di mercê avariata.
Gianni AUX MAL-guarnecido Paulo de mercadoria danificada
Lit.: 'João guarneceu Paulo de mercadoria danificada'

- (58) a. spagere sale sul tavolo.
espalhar sal na mesa
'Espalhar sal na mesa'
- b. co-spagere il tavolo di sale.
MAL-espalhar a mesa de sal
Lit.: 'espalhar a mesa de sal'

- (59) a. seminare cartacce sul prato.
distribuir cascalho no campo
'Distribuir cascalho no campo'
- b. di-seminare il prato di cartacce.
MAL-distribuir o campo de cascalho
Lit.: 'Distribuir o campo de cascalho'

(MUNARO, 1994, p. 367-368 *apud* MATEU, 2000, p. 24).

Por outro lado, no romeno, Bleotu (2014) relata a existência de verbos prefixados em ambas as alternantes, e não somente na LOD (*a încărca* 'carregar'), outros são prefixados somente na alternante LOB (*a îngrămădi* 'empurrar') e outros, sequer, participam da alternância locativa (*a îmbutelia* 'engarrafar').

1.3 SÍNTESE DA AL EM LÍNGUAS GERMÂNICAS E ROMÂNICAS

De modo geral, a previsão de Hunter (2008) sobre a existência de padrões entre tipos linguísticos em relação à AL (mencionada na introdução deste capítulo) parece se confirmar. Inicialmente, em termos de restrições, os verbos que permitem a AL nas línguas germânicas são mais frequentes que nas línguas românicas, resguardando-se, obviamente, o repertório lexical de cada língua particular.

A forma de expressão das alternantes é outro fator distintivo entre línguas germânicas e românicas: as primeiras dispõem de um sistema de prefixação no verbo na alternante LOD,

enquanto as últimas não dispõem desse expediente, à exceção de alguns dados do italiano (MUNARO, 1994, *apud* MATEU, 2000). Embora possuam o recurso da prefixação, as línguas germânicas podem alternar sem qualquer marcação morfológica, pois o prefixo, nesses casos, é bastante restritivo quanto ao tipo de verbo e de argumentos selecionados. Além disso, nas línguas germânicas, diferentes verbos selecionam diferentes prefixos na alternante LOD, como os P-prefixos *unter* e *über* do alemão.

Em relação à seleção da preposição na alternante LOD, as línguas germânicas requerem uma preposição específica (*with*, *mit*, *met*), enquanto as românicas parecem aceitar uma preposição adicional nessa alternante: além do *com* equivalente a *with*, admitem a preposição *de*, equivalente a *of*. Contudo, a legitimidade da *with phrase* na alternante LOD tem sido questionada por alguns estudos, como o de Cifuentes (2008), que afirma que a configuração com *with phrase* no espanhol não é, de fato, uma estrutura alternante, mas, antes, uma estrutura distinta da AL, do ponto de vista semântico e sintático, ao menos no que se refere a verbos de remoção. Como veremos na seção seguinte, no PB há também uma ambiguidade genitivo/Locativo da alternante objeto, mas parece que, nesse caso, a *with phrase* é a forma marcada para a AL, enquanto a *of phrase* é aquela que favorece a ambiguidade (cf. seção 1.4).

A possibilidade de leitura resultativa é um aspecto de contraste interessante. Línguas germânicas podem encaixar um sintagma resultativo em qualquer uma das alternantes da AL, o que parece ser impossível nas línguas românicas. Mesmo quando permitem um adjetivo do tipo *full* na alternante, tal inclusão provoca uma leitura atributiva, ao invés da resultativa, observada nas línguas germânicas.

Por outro lado, a ausência de determinante diante do argumento tema na alternante LOB parece ser uma preferência em ambos os grupos de línguas examinados. Embora possa ser expreso, há uma tendência de apagamento do determinante no conjunto de dados analisados. *A priori*, também o efeito holístico-partitivo parece ser compartilhado entre os dois grupos de línguas, no sentido de que o Locativo da alternante LOD é interpretado preferencialmente como totalmente afetado.

Diante disso, parece-nos bem clara a regularidade exibida entre dois grupos de línguas, a saber: línguas germânicas e românicas assemelham-se quanto ao efeito holístico-partitivo e à tendência de apagamento do determinante no Tema, mas as primeiras o fazem na alternante LOB e as últimas, na alternante LOD. Entretanto, exibem o padrão inverso em relação à: i) restrição

quanto aos verbos alternantes; ii) seleção de preposições na alternante LOD; iii) marcação morfológica em alguma das alternantes; iv) interpretação resultativa da sentença na presença de um sintagma resultativo encaixado.

Não obstante, esses padrões parecem ser flexíveis, uma vez que há exceções no interior de cada conjunto de línguas. Por exemplo, a ausência de prefixos torna a língua inglesa morfológicamente idêntica às românicas, ao passo que a discrimina das germânicas. Em contrapartida, entre as línguas românicas, o italiano é um caso excepcional, em que se observa a presença de um conjunto de prefixos na alternante LOD, além de aceitar a leitura resultativa diante do adjetivo *pieno* ‘cheio’. Nessa perspectiva, o inglês se assemelha às línguas românicas, enquanto o italiano se comporta como uma língua germânica.³⁸

Enfim, uma importante distinção semântica foi apontada por Lenci (2012), qual seja, o tipo de nomes selecionados pelas preposições em cada uma das alternantes. Segundo o autor, a alternante LOD é mais frequentemente empregada com sentido metafórico, como revela o *corpus* do italiano acerca dos verbos *spray/load*. Todavia, com exceção do inglês, que foi a língua objeto do estudo de Dowty (2000), que, por sua vez, inspirou a pesquisa de Lenci (2012), esse contraste ainda não pôde ser atestado em outras línguas.

A seguir, elaboramos um quadro sintético do comportamento das línguas germânicas e românicas descritas nas seções 1.1. e 1.2.

Quadro 1 - Padrões sintáticos e semânticos da alternância locativa:
línguas germânicas e línguas românicas

	Restrição	Marcação morfológica	Preposição adicional na alternante LOD	Determinante no Tema	Leitura resultativa	Efeito holístico-partitivo
Inglês	-	-	+	-	+	+
Alemão	-	+	+	-	+	+
Holandês	-	+	+	-	+	+
Espanhol	+	-	-	-	-	+
Catalão	+	-	-	-	-	+
Romeno	+	+	-	-	-	+
Italiano	+	+	-	-	+	+

³⁸Esses resultados podem indicar uma variação microparamétrica entre os grupos de línguas.

1.4 ALTERNÂNCIA LOCATIVA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

A escassez de estudos não permite uma descrição completa da AL no PB. Sendo assim, nosso olhar foi bastante incipiente, no sentido de buscar as principais características desse fenômeno, partindo das propriedades já expressas em outras línguas.

Primeiramente, constatamos que a AL é um fenômeno raro no PB, se comparado a línguas como inglês e alemão, e até mesmo com as românicas, como o italiano, em que os estudos reportam ser esse um fenômeno relativamente comum. Ao testar informalmente algumas sentenças com a estrutura de AL em PB, verificamos que uma das alternantes, muitas vezes, é marginal, embora presente, como mencionado na introdução da tese (cf. seção 2). Examinemos os exemplos a seguir para ilustrar nossa argumentação:

(60) João carregou o caminhão com areia.

a. João carregou [o caminhão com areia].

Leitura genitiva: João carregou o caminhão, que já continha areia, com outra coisa.

b. João carregou [o caminhão] [com areia].

Leitura locativa: João carregou o caminhão, que estava vazio, com areia.

(61) A faxineira aspirou a sujeira do carpete.

a. A faxineira aspirou [a sujeira do carpete]

Leitura genitiva: A faxineira aspirou a sujeira que pertencia ao carpete.

b. A faxineira aspirou [a sujeira] [do carpete]

Leitura locativa: A faxineira aspirou a sujeira que estava no carpete (para o chão).

Os exemplos mostram que, com verbo de disposição (cf. (60)), a alternante objeto pode assumir uma leitura genitiva (primária), em que o oblíquo é adjunto do objeto, e uma leitura locativa (secundária), em que o oblíquo é adjunto do VP; já com verbo de remoção (cf. (61)) a alternante oblíqua é ambígua. Se considerarmos apenas a leitura genitiva, então, a existência da AL em PB torna-se discutível, mas isso tem muito mais a ver com a prototipicidade no uso de certa estrutura que com a possibilidade de alternância da configuração sintática em si. Em outras palavras, só porque uma estrutura ou interpretação não é muito frequente não quer dizer que não exista ou seja agramatical. De fato, a produtividade não é uma preocupação para os estudos

formalistas. Nesse caso, o reconhecimento de uma leitura locativa, mesmo que latente para (60) e (61), implica a aceitabilidade da estrutura, pois os falantes são capazes de opinar e interpretar sobre sentenças que não produzem corriqueiramente.

A fim de demonstrar a ambiguidade presente nas estruturas alternantes, aplicamos alguns testes de constituição, amplamente empregados na literatura, a saber:

Pronominalização:

- (62) a. João carregou o caminhão [com isso].
b. João carregou [isso].

- (63) a. A faxineira aspirou a sujeira [disso].
b. A faxineira aspirou [isso].

Topicalização:

- (64) a. [Com areia], João carregou o caminhão.
b. [O caminhão com areia], João carregou.

- (65) a. [Do carpete], a faxineira aspirou a sujeira.
b. [A sujeira do carpete], a faxineira aspirou.

Clivagem:

- (66) a. Foi [com areia] que João carregou o caminhão.
b. Foi [o caminhão com areia] que João carregou.

- (67) a. Foi [do carpete] que a faxineira aspirou a sujeira.
b. Foi [a sujeira do carpete] que a faxineira aspirou.

Negação:

- (68) a. João carregou o caminhão [não com areia], mas sim com feno.
b. João carregou [não o caminhão com areia], mas sim o com feno.

- (69) a. A faxineira aspirou a sujeira [não do carpete], mas sim do sofá.
 b. A faxineira aspirou [não a sujeira do carpete], mas sim a do sofá.

Passivização:

- (70) a. [O caminhão] foi carregado com areia pelo João.
 b. [O caminhão com areia] foi carregado pelo João.

- (71) a. [A sujeira] foi aspirada do sofá.
 c. [A sujeira do sofá] foi aspirada.

Como mostram os dados (62) -(71), é possível substituir por um pronome, mover para a posição de tópico, clivar, negar e transformar em passiva o Locativo somente ou juntamente com o Tema. Ora, os testes de constituência não desfazem a ambiguidade, pelo contrário, a evidenciam. Todavia, ao deixar o oblíquo adjacente ao verbo, a leitura locativa é favorecida, como se verifica nos dados a seguir:

- (72) a. João carregou [com areia] [o caminhão].

Leitura locativa: João carregou a areia para dentro do caminhão.

- b. *João carregou [com areia o caminhão]. (agramatical na leitura genitiva)

- (73) a. A faxineira aspirou [do carpete] [a sujeira].

Leitura locativa: A faxineira aspirou a sujeira de cima do carpete para fora.

- b. *A faxineira aspirou [do carpete a sujeira]. (agramatical na leitura genitiva)

- (74) a. O juiz absolveu [do réu] [as acusações].

Leitura locativa: O juiz absolveu as acusações de dentro do réu.

- b. *O juiz absolveu [do réu as acusações]. (agramatical na leitura genitiva)

- (75) a. O ladrão furtou [do cofre] [as joias].

Leitura locativa: O ladrão furtou as joias de dentro do cofre.

- b. *O ladrão furtou [do cofre as joias]. (agramatical na leitura genitiva)

(76) a. O governo retirou [de casa] [os moradores].

Leitura locativa: O governo retirou os moradores de dentro de casa.

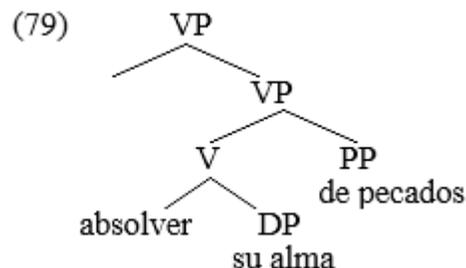
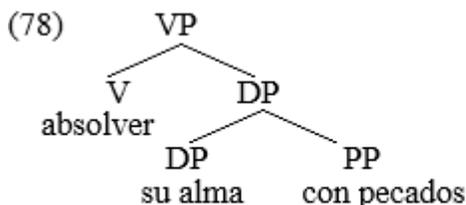
b. *O governo retirou [de casa os moradores]. (agramatical na leitura genitiva)

(77) a. O veterinário curou [do cão] [a febre].

Leitura locativa: O veterinário curou a febre de dentro do cão.

b. *O veterinário curou [do cão a febre]. (agramatical na leitura genitiva)

Partindo da proposta de Cifuentes (2008) para verbos de remoção na alternante LOD do espanhol (cf. seção 1.2), é possível traçar um paralelo para o PB. Segundo o autor, para esses verbos, há uma ruptura da relação de posse na estrutura iniciada pela preposição “de”, de tal maneira que o PP passa a ser argumento do verbo, configurando-se um caso de construção com locativo. Por outro lado, na estrutura iniciada pela preposição “com”, a relação de posse é mantida, estando o PP ligado sintaticamente ao complemento verbal, como mostram, respectivamente, as estruturas em (78) e (79), para as sentenças do espanhol, citadas anteriormente em (49).



Observamos que, com verbos de disposição, o efeito é exatamente o contrário: a preposição “de” propicia uma leitura genitiva, enquanto a preposição “com” propicia uma leitura locativo (por exemplo: “carregar o caminhão de areia” propicia uma leitura genitiva para o PP introduzido pela preposição “de”, de maneira que é possível acrescentar um Tema/conteúdo, como em “carregar o caminhão de areia com feno”).

A proposta de Cifuentes (2008), portanto, relaciona-se diretamente com a adjacência do Tema ao verbo, pois sendo a ordem predeterminada (genitivo-locativo), isto é, o constituinte mais externo tende a ser interpretado como conteúdo/Tema e o mais interno como genitivo/Locativo, a

relação de posse também é rompida ao deslocar o oblíquo para uma posição adjacente ao verbo, restando assim apenas a leitura locativa. Acreditamos que outro contexto que desfaz ambiguidade locativo/genitivo refere-se aos Temas no plural, devido a uma leitura genérica que daí decorre, a qual é incompatível com outro determinante do tipo genitivo, restando, então, somente a leitura locativa. Tal hipótese será testada no experimento I (cf. capítulo3).

Além das evidências já elencadas, na fase experimental da pesquisa, colocamos à prova a alternante objeto de verbos de disposição nos experimentos II e III, em que todas as sentenças-alvo foram desse tipo (cf. capítulo 3). Embora o objetivo desses testes não fosse verificar a aceitabilidade da alternante objeto em si, os contextos ilustrados restringiam a leitura locativa, pressupondo, na execução da tarefa, que essas estruturas fossem aceitáveis.

Assumindo, pois, a legitimidade da AL no PB, outro aspecto digno de investigação é a existência ou não de uma preposição adicional na alternante objeto com verbos de disposição, ou seja, queremos saber se a estrutura em (80a) pode ser convertida em (80b) sem prejuízo para a interpretação locativa. Supondo que o PB, como as demais línguas românicas, admite a preposição “de”, resta-nos saber se “de” e “com” são semanticamente equivalentes, ou seja, se produzem o mesmo sentido nessa alternante da AL.

- (80) a. João carregou o caminhão com feno.
b. João carregou o caminhão de feno.

Em primeiro lugar, observamos que, nem todos os verbos que permitem a AL, aceitam a variante com a preposição *de*:

- (81) a. A mulher regou água nas plantas.
b. A mulher regou as plantas com água/ *de água.
- (82) a. O chef temperou vinagre na salada.
b. O chef temperou a salada com vinagre/*de vinagre.
- (83) a. Ana bordou paetês no vestido.
b. Ana bordou o vestido com paetês/*de paetês.

A fim de expandir nossas impressões sobre a distribuição das preposições *com* e *de* na alternante objeto da AL no PB, elaboramos um experimento em que o falante deve escolher entre elas e relatar se elas produzem ou não o mesmo sentido (cf. capítulo 3). O índice de aceitabilidade dessas preposições pode nos indicar certa predominância de uma delas e fornecer evidências acerca do seu significado.

É importante ressaltar ainda que, a despeito da aceitabilidade de uma preposição adicional na alternante objeto, essa alternante ainda é mais restritiva do que a alternante oblíqua em relação ao tipo de preposição selecionada pelo verbo em ambos os conjuntos de línguas. Com efeito, a alternante oblíqua comporta distintas preposições em inglês (cf. (19)-(20)) e alemão (cf. (23)-26)). Em PB, verbos de remoção comportam, na alternante LOB, além da preposição “de”, a preposição “sobre” e as locuções “acima de” ou “para fora de”; enquanto os verbos de disposição admitem além da preposição “em” e suas contrações, a preposição “para” e a locução “para dentro”.

Sobre o apagamento do determinante relacionado ao Tema na alternante oblíqua, também necessitamos testar empiricamente tal predisposição. No capítulo 3, o primeiro experimento empregou apenas nomes nus e contrastou a aceitabilidade das sentenças na condição plural e singular.

Quanto ao efeito holístico-partitivo, embora muitas línguas apresentem evidências morfológicas favoráveis a esse efeito (cf. seções 1.1 e 1.2), consideramos que essa oposição não é categórica em PB. Particularmente, consideramos que a alternante objeto é ambígua, isto é, pode assumir uma interpretação partitiva, além da holística, que é padrão, como exemplificado a seguir com a inclusão de um modificador:

- (84) a. João encheu a taça de Maria com vinho até a metade.
 b. João encheu a taça de Maria com vinho até a borda.

Além disso, o teste com adversativas (DUARTE, 1998), mencionado na seção 1.2., parece não funcionar para o PB (cf.(85)). Também testamos empiricamente a possível ambiguidade nas interpretações no experimento III, relatado no capítulo 3.

- (85) O decorador pintou a parede da sala com flores, mas esta não ficou totalmente pintada, pois ele pintou só até a metade.

Por ora, essas são as primeiras observações acerca da AL no PB. Discutimos alguns pontos polêmicos e esboçamos reflexões, as quais serão retomadas no capítulo 3, a partir de uma abordagem experimental.

1.5 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Neste capítulo, apresentamos um breve panorama sobre a AL em dois grupos de línguas, germânicas e românicas, verificando suas semelhanças e diferenças. Na ausência de estudos sobre o fenômeno em PB, esse foi um ponto de partida fundamental para nos fornecer parâmetros de descrição. Finalizamos o capítulo com uma discussão preliminar sobre as características da AL no PB, na qual advogamos em favor da: a) ocorrência das duas alternantes da AL no PB; b) possibilidade de leitura genitiva e locativa em certos casos; c) existência de uma preposição adicional na alternante objeto com alguns verbos de disposição e d) ambiguidade das interpretações holística e partitiva também na alternante objeto com verbos de disposição.

A hipótese inicial é de que há uma frequência desigual entre as alternantes, de tal maneira que a estrutura marcada pode ser menos usada e, portanto, menos reconhecida pelos falantes, mas não é agramatical. Pretendemos, contudo, submeter uma amostra dos verbos e verificar sua aceitabilidade por meio de testes controlados de julgamento de sentenças. Adicionalmente, pretendemos testar também a propensão dos falantes para a preposição “de” ou “com” na alternante objeto, o efeito do apagamento do determinante no Tema na alternante oblíqua, bem como a interpretação das alternantes no que concerne ao efeito holístico-partitivo.

Essas questões constituem o objeto deste estudo e serão abordadas em detalhes no capítulo 3 desta tese. Antes, porém, revisaremos no próximo capítulo algumas das principais abordagens teóricas sobre o tema, a fim de buscar a adequação explicativa para o fenômeno da AL.

CAPÍTULO 2

O PROBLEMA DO MAPEAMENTO

Para lidar com o problema do mapeamento das propriedades semânticas especificadas no item lexical em determinadas posições sintáticas, muitas propostas têm sido desenvolvidas no âmbito da linguística gerativa.

Esse é um problema complexo que perpassa outras questões. Primeiramente, é necessário definir quais são as propriedades semânticas relevantes para a sintaxe, partindo do pressuposto de que nem toda informação semântica é relevante gramaticalmente, conforme propõe Bouchard (1995). Em segundo lugar, é preciso investigar a orientação do mapeamento, ou seja, se são as propriedades semânticas que determinam as posições sintáticas ou se a interpretação semântica é determinada em virtude de certa posição sintática. Elucidadas essas questões, o problema do mapeamento em si pode ser analisado: quais posições sintáticas correspondem exatamente a determinadas propriedades semânticas ou vice-versa.

Os primeiros modelos de mapeamento articulavam papéis temáticos à estrutura sintática, como mencionado na introdução deste trabalho, a exemplo das hierarquias temáticas (JACKENDOFF, 1972; FOLEY e VAN VALIN, 1984; BRESNAN e KANERVA, 1989; GRIMSHAW, 1990; PESETSKY, 1995; BAKER, 1997), da UAH (PELMUTTER e POSTAL, 1984), da UTAH (BAKER, 1988), e da teoria dos protopapeis (DOWTY, 1991).

Neste capítulo, distribuimos as propostas mais recentes sobre a interface entre sintaxe e semântica lexical conforme a concepção de orientação do mapeamento. De um lado, as abordagens projecionistas (seção 2.1 e respectivas subseções) consideram que as informações semânticas relevantes para a sintaxe estão codificadas no item lexical e são projetadas na estrutura sintática (da semântica/léxico para a sintaxe). No outro extremo, as abordagens configuracionais (seção 2.2 e respectivas subseções) consideram que a interpretação semântica é determinada pela sintaxe (da sintaxe para a semântica).³⁹ Ao longo das seções, selecionamos algumas propostas que

³⁹Adaptamos o termo *constructional approach* (L&RH, 2005) para *abordagens configuracionais* para evitar confusão com propostas no âmbito da gramática das construções.

consideramos mais representativas dentro de cada abordagem, e, nas considerações parciais, apresentamos as ponderações pertinentes a cada uma das propostas no que diz respeito à nossa pesquisa.

2.1 ABORDAGENS PROJECCIONISTAS

As estruturas léxico-conceituais (*Lexical Conceptual Structure* – LCS) foram desenvolvidas como uma alternativa de representação semântico-lexical para os papéis temáticos. Baseadas na decomposição de predicados, as LCS são um tipo de representação que envolve uma proposição estruturada, composta por primitivos (previamente estabelecidos), variáveis (argumentos a serem preenchidos) e colchetes, que servem para indicar as relações hierárquicas na estrutura (como exemplificaremos adiante). Nessa abordagem, a decomposição é usada com o intuito de revelar quais padrões estruturais semânticos estão por trás de cada tipo de alternância.

A maioria dos modelos projecionistas apoia-se na estrutura conceitual para explicar a AL, como é o caso dos trabalhos de Levin e Rappaport (doravante L&R, 1988) e RH&L (1998, 2008), os quais recorrem à estrutura interna do evento (simples ou complexa) para distinguir verbos alternantes de não alternantes. Outros modelos, como o de Tenny (1987, 1992, 1994), propõem que o mapeamento é regulado por propriedades aspectuais. Nas seções 2.1.1 e 2.1.2, discutimos esses dois modelos de interface, a que chamamos, respectivamente, de interface restringida pela estrutura de evento e interface restringida aspectualmente. Tais modelos estabelecem um diálogo frutífero, que será retomado na seção 2.1.3.

2.1.1 Interface Restringida pela Estrutura de Evento

L&R (1988) propõem que a estrutura conceitual (LCS) projeta a estrutura sintática (*Predicate Argument Structure* – PAS, cf. ZUBIZARRETA (1987)) por meio de regras de mapeamento (*linking rules*), tais como: “associe o papel de Agente com a variável do argumento externo na PAS; associe o papel de Tema ou Paciente com a variável do argumento direto na PAS” (L&R, 1988, p. 20, tradução nossa).⁴⁰

⁴⁰ No original: *Linking rules: i) link the Agent role with the external argument variable in the PAS; ii) Link the theme or Patient role with the direct argument variable in the PAS; (...).*

Sob essa ótica, cada alternante da AL tem uma LCS, que projeta uma PAS específica, como ilustrado a seguir para as alternantes LOB e LOD, em (1) e (2), respectivamente:⁴¹

(1) LOB:

LCS→ LOAD: [X cause [y to come to be at z]/LOAD]

(L&R, 1988, p. 26)

PAS→ LOAD: x (y, P_{loc} z)

(L&R, 1988, p. 20)

(2) LOD:

LCS→ LOAD: [[X cause [z to come to be in STATE]] BY MEANS OF [X cause [y to come to be at z]/LOAD]

(L&R, 1988, p. 26)

PAS→ LOAD: x (y, P_{with} z)

(L&R, 1988, p. 20)

O modelo de L&R (1988) é bastante custoso do ponto de vista da aquisição porque sobrecarrega o léxico ao permitir que um mesmo verbo tenha diferentes LCS, tornando-a, por hipótese, mais lenta. As autoras reformulam o modelo em trabalhos posteriores (RH&L, 1998; 2008). Nesse novo modelo, o significado verbal é formado por um componente idiossincrático, a raiz, e um componente estrutural, responsável pelo significado compartilhado por uma classe de verbos, a estrutura de evento. Por sua vez, a raiz distingue os verbos de uma mesma classe entre si. O inventário de estruturas de evento disponíveis é bastante limitado e cada raiz é compatível com uma das categorias ontológicas de estrutura de evento, como estado, estado resultante, coisa, material, superfície/*container*, maneira e instrumento:

(3) maneira → [x ACT <MANNER>]

(4) instrumento → [x ACT <INSTRUMENT>]

(5) *container* → [x CAUSE [y BECOME AT <CONTAINER>]]

⁴¹ Segundo as autoras, o participante associado à variável y é um argumento da raiz e não da estrutura, e como tal, não tem realização obrigatória, sendo sublinhado na representação.

- (6) causa interna → x [<STATE>]
 (7) causa externa → [[x ACT] CAUSE [y BECOME <RESULT-STATE>]]
 (RH&L, 2008, p. 4)

Segundo as autoras, a raiz é ilimitada em relação ao conteúdo codificado, mas limitada quanto ao modo como participa do evento, como argumento ou modificador. Além disso, cada raiz relaciona-se a apenas uma categoria ontológica, de sorte que o conteúdo real da raiz não é gramaticalmente relevante (RH&L, 08, p. 14), o que é favorável para uma teoria que tem que dar conta da uniformidade e rapidez com que a aquisição ocorre, ou seja, conceber o conteúdo semântico da raiz lexical como um componente não relacionado diretamente à sintaxe torna a aquisição menos dependente de fatores pragmáticos. Sendo assim, verbos que codificam significados diversos expressam uma mesma categoria ontológica, como os de AL *load* e *spray*, relacionados à categoria maneira em (3). Contudo, em termos aspectuais, propriedades como telicidade, podem ser relevantes para a sintaxe, no sentido de que a telicidade é mais ou menos implicada pelo próprio verbo, como será discutido no capítulo 4.

Partindo da complementaridade entre verbos de maneira e de resultado (TALMY, 1985, 1991), RH&L (2008) sugerem que as raízes de resultado especificam mudanças escalares e as raízes de maneira especificam mudanças não-escalares (BEAVERS,).⁴² Em síntese, mudanças escalares são direcionadas para os valores de um único atributo, como *fall* ‘cair’, enquanto mudanças não-escalares falham em especificar a direção da mudança, como em *jog* ‘fazer uma caminhada ao ar livre’, como explicam as autoras:

O verbo *jog* ‘fazer uma caminhada ao ar livre; andar a um ritmo constante’ envolve um específico padrão de movimento das pernas, o qual é diferente, por exemplo, do padrão associado a *walk* ‘caminhar’. Além disso, mesmo que haja uma sequência de mudanças especificada para *jog*, coletivamente, essas mudanças não representaram uma mudança nos valores de um atributo único, nem é algum dos elementos na sequência de mudanças privilegiado como sendo o ponto inicial necessário do movimento; isto é, aquele que pode iniciar a ação *jogging* ao mover primeiro a perna esquerda ou a direita. (RH&L, 2008, p. 12, tradução nossa)⁴³

⁴² Uma escala é definida como um conjunto de graus, pontos ou intervalos que indicam valores de medição (RH&L, 2008).

⁴³ No original: [...] *the verb ‘jog’ involves a specific pattern of movements of the legs, one that is different, for example, from the pattern associated with ‘walk’. Furthermore, even though there is a sequence of changes specified by ‘jog’, collectively these changes do not represent a change in the values of a single attribute, nor is any one element in the*

A associação entre verbos de maneira e mudanças não-escalares é um fator decisivo para a AL, de acordo com RH&L (08). Tais verbos estão inerentemente relacionados a estruturas de evento simples (cf. (3)), as quais podem ser aumentadas, o que lhes proporciona mais opções de realização argumental, permitindo assim a alternância. Contudo, as alternantes da AL têm estruturas de evento complexas, formadas por um subevento de causa e um subevento de resultado — implicando uma mudança escalar (cf. (7)). Os subeventos de resultado podem ser de diferentes tipos (adição, remoção, criação, etc.), de modo que as alternantes podem ser distinguidas pelo tipo de resultado associado, tais como localizado ou existente, como se verifica em (2). Desse modo, (2a) implica um resultado localizado (mudança de lugar) para a variável *y*, já (2b) implica um resultado existente (mudança de estado) desse argumento.

Todavia, ter uma estrutura de evento simples é necessário, mas não é o suficiente para que um verbo participe de AL, conforme as autoras. Além disso, o verbo deve descrever uma maneira que propicie vários tipos de resultado. Verbos cuja raiz descreve uma maneira usada para obter um resultado muito específico não permitem a alternância. Por exemplo, o verbo de maneira *load* não implica um resultado tão específico quanto *fill*, que também é considerado de maneira (uma vez que, no sentido literal, um caminhão pode ficar parcialmente carregado, mas não parcialmente cheio); já o verbo *put* não implica maneira, pois é um verbo de resultado. Nesse caso, apenas *load* participa da AL.

2.1.2 Interface Restringida Aspectualmente

Tenny (1994) defende que o mapeamento é regulado por um subconjunto de propriedades aspectuais, denominada delimitação (*delimitedness*), a qual se refere à presença de um ponto final nítido, definido e inerente ao evento.⁴⁴ Sua hipótese, conhecida como Hipótese da Interface Aspectual (*Aspectual Interface Hypothesis* – AIH), é assim formulada: “Os princípios universais

sequence of changes privileged as being the necessary starting point of motion; that is, one can start jogging by moving one's left leg first or one's right leg first.

⁴⁴ A propriedade de delimitação sempre esteve presente nos estudos da linguagem, ainda que implícita em variadas terminologias, como na classificação de eventos de Vendler (1967) e na distinção entre processos culminados e não culminados (MOENS e STEEDMAN, 1988).

de mapeamento entre estrutura temática e estrutura argumental sintática são regidos por propriedades aspectuais relacionadas à medição.” (TENNY, 1994, p.115-116, tradução nossa).⁴⁵

Seguindo Zubizarreta (1987) e R&L (1988), Tenny (1994) assume uma arquitetura da gramática formada por um nível de representação puramente sintático (estrutura argumental), separado do nível de representação léxico-semântico. Para a autora, apenas os argumentos internos contribuem para a delimitação do evento, desempenhando os chamados *papeis aspectuais*, a saber: Medida (*measure*), que mensura o progresso do evento e atribui a ele um ponto final inerente (8); Término (*terminus*), que impõe externamente um ponto final ao evento; e Trajetória (*path*), que, juntamente com o Término, provê uma Medida *default* ao evento (9):⁴⁶

(8) John ate an apple up. [Medida]

‘John comeu uma maçã’

(TENNY, 1994, p. 23)

(9) John climbed the ladder to the top. [Trajetória; Término]

‘John subiu a ladeira até o topo’

(TENNY, 1994, p. 73)

A autora esclarece que os papeis aspectuais não dispensam os papeis temáticos clássicos, uma vez que essas categorias referem-se a propriedades distintas. Os papeis temáticos carregam um tipo de informação bem mais ampla do que a contida nos papeis aspectuais, que são de natureza estritamente aspectual. Alguns papeis temáticos não contêm nenhuma informação aspectual relevante, como é o caso de Locativos temporais e espaciais; outros distinguem-se aspectualmente pela capacidade de serem modificados ou não ao longo tempo, como instrumento e material; outros, ainda, não se diferenciam aspectualmente, como os pares Agente/instrumento e beneficiário/maleficiário. Além disso, não há uma equivalência exata entre papeis temáticos e aspectuais. Por exemplo, embora a Meta seja comumente um Término, se associado com um verbo

⁴⁵ No original: *The Universal principles of mapping between thematic structure and syntactic argument structure are governed by properties relating to measuring-out.*

⁴⁶ Optamos por grafar os papeis aspectuais com inicial maiúscula (a exemplo dos papeis temáticos), diferentemente do padrão adotado por Tenny no texto original (termos em maiúsculas), a fim de não confundi-los com os primitivos semânticos, que são habitualmente grafados em maiúsculas.

de trajetória, como *climb* ‘subir’, é interpretado como Medida em (10), uma vez que o fim do evento de *escalar* coincide com o fim da *montanha*.

(10) John climbed the mountain. [Meta]; [Medida]

‘John subiu a montanha’

(TENNY, 1994, p. 100)

Nesse modelo, o mapeamento dos papéis aspectuais se dá em posições sintáticas específicas: o argumento interno direto é o único capaz de atuar como Medida; o argumento interno indireto é o único capaz de participar do evento provendo-lhe um Término, cuja presença implica uma Trajetória explícita ou implícita, a qual se realiza como argumento interno direto.⁴⁷ O argumento externo, por sua vez, distingue-se dos internos em virtude de não assumir nenhum papel aspectual (cf. (8) e (9)).

No caso da AL, os dois argumentos internos podem funcionar como Medida do evento. Todavia, a maneira como cada um deles mede o evento distingue as estruturas alternantes quanto à grade aspectual. Em (11), o objeto direto assume o papel de Medida. A situação muda de figura em (12), em que o objeto direto configura uma Trajetória que, combinada a um Término implícito, atua como Medida:

(11) Josiah cleared the dishes from the table. [Medida]

‘Josiah retirou/limpou os pratos da mesa’

(12) Josiah cleared the table of dishes. [Trajetória] [Término]

‘Josiah limpou a mesa de sujeiras’

(TENNY, 1994, p. 49)

Segundo a autora, a seleção de um Tema Incremental, propriedade de uma entidade modificada à medida que o evento transcorre (DOWTY, 1991), e de um *container*/superfície plana, relacionados aos argumentos internos, é que determina se um verbo participa ou não da AL. Caso

⁴⁷ Segundo a autora, certas atividades, como *empurrar o carro*, bem como estados, são eventos não delimitados. Logo, os argumentos internos desses eventos são incapazes de medir o evento.

alguma dessas características esteja ausente, a alternância falha. Verbos que possuem um Tema do tipo não incremental e uma Meta do tipo não *container* não permitem a alternância (cf. (13)). A mesma restrição recai sobre verbos com Tema Incremental e Meta não *container*, em (14), bem como sobre aqueles com Tema não Incremental e Meta *container*, como ilustrado em (15).

- (13) Push the car to the garage/ *Push the garage with the car
‘Empurrar o carro até a garagem’/Lit.: ‘Empurrar a garagem com o carro’
- (14) Send ice cream to your sister/ *Send your sister with ice cream
‘Mandar sorvete para sua irmã’/Lit.: ‘Mandar sua irmã com sorvete’
- (15) Spray the bucket with a hose/ *Spray a hose on the bucket
‘Pulverizar o balde com uma mangueira’/ Lit.: ‘Pulverizar a mangueira no balde’
(TENNY, 1994, p.52)

Curiosamente, há verbos que preenchem todos esses atributos, mas que não permitem a alternância, como *pour* e *fill* (16) e (17), respectivamente.

- (16) Pour coffee in the mug/*Pour the mug with coffee
‘Derramar café na caneca’/ Lit.: ‘Derramar a caneca de café’
- (17) *Fill coffee in the mug/Fill the mug with coffee
Lit.: ‘Encher café na caneca’/ ‘Encher a caneca com café’
(TENNY, 1994, p.51)

A autora conclui que as restrições semânticas sobre as classes verbais que exibem a AL provêm da interação entre fatores pragmáticos e gramaticais. As distintas interpretações entre as alternantes da AL não provêm da estrutura aspectual, mas antes são influenciadas pelos diferentes papéis temáticos assumidos pelo objeto direto em cada alternante. Gramaticalmente, estaria em jogo a restrição de Medida sob o objeto direto, que atua no aspecto do evento (classificando-o como delimitado ou não). Pragmaticamente, o conhecimento de mundo do falante distingue que eventos

podem ser associados a argumentos internos com determinados atributos (Tema Incremental e *container*). Isso significa que a gramática restringe eventos delimitados de tipos semânticos específicos (como disposição e remoção), que participam da AL, mas é o conhecimento pragmático que atua como uma sub-restrição, distinguindo que tipo de evento aceita determinado argumento. Por exemplo, reconhecemos a agramaticalidade da sentença (18) no português porque é pragmaticamente impossível encher um líquido, ao contrário do evento de *completar* (que também seleciona Tema Incremental e *container*), mas permite a alternância.

(18) *Encher água na garrafa.

(19) Completar água na garrafa.

(exemplos nossos)

Tenny destaca ainda que as restrições aspectuais são condições necessárias, mas não suficientes para a configuração de padrões argumentais em classe de verbos. Cada língua pode eleger condições adicionais ao comportamento das classes verbais, que não sejam necessariamente de natureza aspectual.

A principal distinção entre o modelo de estrutura de evento (L&H, 1988; RH&L, 1998, 2008) e o modelo de propriedades aspectuais (TENNY, 1994) é que o primeiro refere-se a um nível abstrato de representação semântica do item lexical; enquanto o segundo atribui à posição do item na estrutura sintática uma certa leitura de evento. Além disso, Tenny (1994) advoga em favor da noção de delimitação, conferida pelos papéis aspectuais, mas ainda recorre em certa medida às noções de papéis temáticos, ao passo que o modelo de estrutura de evento os dispensa totalmente no nível da LCS. A grosso modo, a noção de propriedades aspectuais está associada à de papel temático, como uma etiqueta semântica para os itens no léxico. A diferença é que há um enxugamento considerável dessas propriedades no modelo de Tenny, o que é favorável a uma arquitetura mínima da gramática, em que somente parte do significado lexical é relevante para a sintaxe (como no modelo de G-semântica, postulado por Bouchard (1995), por exemplo (cf. introdução da tese). Já os papéis temáticos em L&H e RH&L assumem função secundária, por serem decorrentes da relação entre a semântica da raiz e a semântica do evento. A próxima sessão apresentará outros aspectos de contraste entre os dois modelos.

2.1.3 Estrutura de evento vs. delimitação

RH&L () utilizam os verbos de mudança de estado (*change of state* – COS) para demonstrar que a projeção argumental não é dirigida aspectualmente. A despeito de exibirem o mesmo comportamento sintático (realização obrigatória do Paciente como objeto direto), tais verbos revelam aspectualidade instável, isto é, alguns verbos dessa classe são necessariamente télicos (*break* ‘quebrar’, *dry* ‘secar’, *explode* ‘explodir’, *freeze* ‘congelar’), outros exibem uma telicidade variável (*cool* ‘esfriar’, *darken* ‘escurecer’, *widen* ‘alargar’):

Verbos de mudança de estado carecem de uma caracterização aspectual uniforme, ao menos em termos tradicionais. Quando esses verbos tomam um objeto definido, singular, eles podem ser necessariamente télicos [...] ou tanto télico quanto atélico [...]. Telicidade variável é, de fato, uma propriedade distintiva de um conjunto muito discutido de verbos de mudança de estado conhecidos como "pontos gradativos" (Abusch 1986, Dowty 1979, Hay, Kennedy & Levin 1999). (p.272, tradução nossa)⁴⁸

Além disso, quando télicos, alguns verbos de mudança de estado são pontos, enquanto outros são durativos (processos culminados). Ao menos em termos de telicidade, falta a essa classe uma caracterização aspectual uniforme.

As autoras também refutam a noção aspectual de Tema Incremental como uma propriedade determinante para o mapeamento. Verbos de Tema Incremental e verbos COS selecionam um objeto direto capaz de medir o evento, por meio de uma escala ou pela extensão física do objeto, respectivamente. Contudo, a aproximação dessas duas classes a partir de um papel aspectual comum revela diferenças significativas entre os padrões de realização argumental. Ao contrário dos verbos de mudança de estado (cf. (20)), os verbos de Tema Incremental são mais flexíveis na expressão de seus argumentos, cuja realização nem sempre é obrigatória (cf. (21)). Além disso, verbos de Tema Incremental podem expressar o argumento afetado na posição de objeto indireto (cf. (22)), o que não é permitido aos verbos de mudança de estado (cf. (23)):

⁴⁸ No original: [...] *COS verbs lack a uniform aspectual characterization, at least in terms of traditional notions. When COS verbs take a definite, singular object, they can be necessarily telic (e.g., break, dry, explode, flatten, freeze) or either telic or atelic (e.g., cool, darken, dim, widen). Variable telicity, in fact, is the distinguishing property of the much-discussed set of COS verbs known as "degree achievements" (Abusch 1986, Dowty 1979, Hay, Kennedy & Levin 1999).*

- (20) *Pat broke/dimmed.
 ‘*Pat quebrou/escureceu.’
 (RH&L, , p. 3)
- (21) Dana read/ate/wrote.
 ‘Dana leu/comeu/escreveu’
 (RH&L, , p. 6)
- (22) Alex broke the vase./*Alex broke to the vase.
 ‘Alex quebrou o vaso/*Alex quebrou ao vaso.’
 (RH&L, , p. 3)
- (23) Dana read the book./Dana read from the book.
 ‘Dana leu o livro/ Dana leu do livro.’
 (RH&L, , p. 6)

De acordo com RH&L (2002), as pressuposições em torno da noção de Tema Incremental estão equivocadas. Primeiramente, esse elemento não se restringe à posição de objeto direto, como notado em (24). Tendo em vista a definição de Dowty (1991) de Tema Incremental, “o trem” (argumento em posição de sujeito) é Tema Incremental em (24) porque sua extensão coincide com a telicidade do evento de “atravessar”: “Verbos como 'cruzar' ('penetrar', 'permeiar', 'passar', 'contornar' etc.) permitem que a coisa atravessada [...] ou o corpo em movimento [...], ou ambos [...], sejam regiões (e, portanto, Temas Incrementais)” (DOWTY, 1991, p. 571, tradução nossa).⁴⁹ Em segundo lugar, mesmo havendo um Tema Incremental no evento, outro argumento pode ocupar a posição de objeto direto, como em (25), numa construção de objeto duplo. Tais observações são especialmente relevantes porque desafiam o postulado de Tenny de que apenas o argumento objeto direto é afetado de forma a corroborar para a telicidade do evento.

⁴⁹No original: *Verbs like 'cross' ('penetrate', 'permeate', 'pass', 'skirt', etc.) allow either the thing traversed [...] or the moving body [...], or both [...], to be regions (and therefore Incremental Themes).*

- (24) The train crossed the border.
 ‘O trem atravessou a fronteira’
 (RH&L, , p. 8)
- (25) Dana read her niece poetry.
 ‘Lit.: Dana leu a sobrinha dela poesia’
 (RH&L, , p.9)

Especificamente em relação à AL, as autoras destacam que é notável que um argumento Locativo possa atuar como Tema Incremental, mesmo havendo um argumento Tema disponível na sentença. Tal evidência reforça o contraste entre verbos de mudança de estado e verbos de mudança de lugar: os primeiros exigem como objeto direto um Paciente que também seja Tema Incremental; os últimos, não.

Por sua vez, Tenny (1994) afirma que a LCS, em sua notação, faz uso de ferramentas extralinguísticas por representar uma interface entre informações linguísticas e não linguísticas, de sorte que a parte estritamente linguística da estrutura conceitual provém da estrutura aspectual. Considerando que “muito da informação codificada na estrutura conceitual ou estrutura léxico-conceitual, como elas são empregadas na literatura, é explicitamente ou implicitamente aspectual” (TENNY, 1994, p. 189, tradução nossa),⁵⁰ a autora sugere que os primitivos EVENTO e ESTADO, bem como os traços +/-LIMITADO, encontrados em alguns modelos de LCS (JACKENDOFF, 1983; 1990) remetem diretamente à noção de aspecto, enquanto algumas regras reproduzem, em seu interior, funções correspondentes aos papéis aspectuais, como ilustrado a seguir:

⁵⁰No original: *Much of the information encoded in Conceptual Structure or Lexical Conceptual Structures, as they are used in the literature, is explicitly or implicitly aspectual [...]*

(26) a. EVENTO – [Evento IR(COISA, TRAJETÓRIA)]

Em que o primitivo TRAJETÓRIA corresponde à Trajetória

b. TRAJETÓRIA – PARA {[COISA, LUGAR]}

Em que o primitivo LUGAR corresponde ao Término

c. x CAUSA [y sofre mudança]

Em que [y *sofre mudança*] corresponde à Medida⁵¹

(JACKENDOFF, 1990, p. 43, *apud* TENNY, 1994, p. 187-188, tradução nossa)

Notamos que os papéis aspectuais não substituem a LCS (assim como não substituem a noção de papéis temáticos), uma vez que os papéis aspectuais referem-se a uma subparte implícita na própria LCS. Segundo Tenny (1994.), boa parte do material presente na estrutura conceitual não é aspectual e, conseqüentemente, não tem relevância para a sintaxe, como o trecho [y provoca uma separação linear na integridade material] [por meio de uma ponta afiada entrando em contato com y] em (27). Além disso, alguns verbos não contêm nenhuma estrutura aspectual em sua estrutura conceitual, como *hit* ‘bater’, em (28).

(27) LCS de cortar: [x CAUSA [y provoca uma separação linear na integridade material] [por meio de uma ponta afiada entrando em contato com y]

(HALE e KEYSER, 1986, p. 612, tradução nossa)

(28) LCS de bater: [x entra em contato vigorosamente com y]⁵²

(HALE e KEYSER, 1986 *apud* TENNY, 1994, p. 191, tradução nossa)

A autora conclui que os papéis aspectuais podem ser definidos formalmente, enquanto os primitivos das LCS, muitas vezes, carecem de uma definição formal.

⁵¹No original: *EVENT – [Event GO (THING, PATH)] together with the rule analyzing PATH-TO as a path with an endpoint; PATH – TO {[THING, PLACE]} represent an event as a measuring-out to a terminus (...); x CAUSE [y undergo change] The LC fragment, [y undergo change] is equivalent to saying that y bears the MEASURE aspectual role.*

⁵²No original: *LCS of hit: [x come forcefully into contact with y].*

2.2 ABORDAGENS CONFIGURACIONAIS

Contrastando com as abordagens projecionistas, os modelos de abordagem configuracional explicam as diferentes interpretações das alternantes da AL baseando-se na estrutura sintática.

Iniciamos, na seção 2.2.1, com o modelo postulado por Hoekstra e Mulder (1990) e seus desdobramentos (DAMONTE, 2005), que propõe um núcleo abstrato TA (*totally affected* ‘totalmente afetado’), responsável pela interpretação holística do argumento direto, que pode ser preenchido por um item lexical ou um afixo, como no holandês, ou pode estar vazio, como no inglês e no PB.

Em seguida, a seção 2.2.2 trata do modelo de Borer (1994) e seus desdobramentos em Arad (1996, 1998), que, por sua vez, propõe que os papéis aspectuais postulados por Tenny (1994) são, na verdade, núcleos funcionais na estrutura e a interpretação de delimitação se dá pela força do traço medida *event measurer* [+/- EM], o que é uma abordagem compatível com o programa minimalista, que orienta a pesquisa desta tese.

2.2.1 Abordagem sintática com uma projeção TA

Hoekstra e Mulder (1990) advogam em favor de uma estreita relação entre as noções de Locativo e de existência. Para os autores, sentenças que expressam existência frequentemente usam verbos Locativos, que nesses casos constituem um tipo particular de verbo copular, no sentido de que selecionam uma *small clause* (SC) como complemento e não atribuem papel temático externo. Segundo os autores, em (29), por exemplo, Gianni não é argumento do verbo, mas sim especificador da SC complemento do verbo e move-se para especificador de IP para atribuir nominativo, enquanto o PP é predicativo da SC:

(29) Gianni_i corso [VP V [SC t_i a casa]].

‘Gianni correu para casa.’

(HOEKSTRA e MULDER, 1990, p. 4)

A proposta dos autores para a AL é que o núcleo da SC é responsável pelo efeito holístico-partitivo, podendo ser ocupado por um item lexical (*vol*) ou um afixo (*be-*) no holandês, ou ainda, por um núcleo abstrato responsável pela interpretação de TA (totalmente afetado, do inglês: *totally affected*). A distribuição complementar entre o prefixo *be-* e o item *vol* é considerada uma evidência do caráter afetado introduzido pelo núcleo da SC, já que a presença de um impede um segundo predicado resultativo. Os dois argumentos internos do verbo na AL são gerados como complementos não ordenados da SC e o núcleo (*be-* ou TA) sofre incorporação (movimento de núcleo), como representado a seguir:

(30) VP [SC [be/TA [PP]]

Na visão dos autores, não há uma relação direta entre o tipo de participante e o estatuto interno ou externo do argumento, pois o referente é independente do predicado, portanto, a interpretação do referente (afetado ou não) advém da estrutura.

Baseando-se em Hoekstra e Mulder (1990), Damonte (2005) assume a seguinte estrutura interna para a SC na AL: o núcleo é preenchido por uma preposição locativa, o argumento Locativo ocupa a posição de complemento e o argumento Tema, a de especificador. Segundo o autor, a estrutura representada em (31), correspondente à alternante LOB, é a estrutura básica da AL. A alternante LOD (34), derivada da estrutura básica, é obtida por meio de movimentos sintáticos: o verbo pode licenciar uma preposição vazia ou plena (cf. (32)), que se incorpora a ele (cf. (33)); em seguida, o Tema move-se para [Spec, AgrO] para receber Caso estrutural (cf. (34)).

(31) [VP load [SC/PP the sand [on the truck]]

(32) [VP load [SC sand P the truck]]

(33) [VP P-load [SC sand t the truck]]

(34) [AgrO the truck_i [VP t_i P_j-load [sand t_j t_i]]]

(DAMONTE, 2005, p. 6-7)

A partir daí, seguem-se os movimentos necessários, até se obter a ordem linear *load the truck with sand* ‘carregar o caminhão com areia’. Essa proposta tem o inconveniente de não explicar como a preposição “com” dá lugar à preposição “de” no processo de derivação da estrutura

LOD a partir da estrutura LOB, já que elas têm os mesmos núcleos, mas se distinguem em termos de movimentos, contrariando assim o Princípio de Interpretação Plena (todas e somente as informações relevantes nos níveis de interface são legíveis para os sistemas de interface).

2.2.2 Abordagem sintática com projeções aspectuais

Uma abordagem sintática bem mais radical é formulada por Borer (1994), a qual afirma que os argumentos de VP não carregam nenhum tipo de rótulo semântico, correspondendo apenas a variáveis. Nessa modelagem, os argumentos são interpretados onde são gerados, ou seja, estruturalmente. De acordo com a autora, as entradas lexicais especificam apenas a quantidade e a categoria dos argumentos selecionados, dispensando a noção de papéis temáticos, como ilustrado a seguir:

(35) V_{max}

derive, NP, NP

(36) V_{max}

wilt, NP

(BORER, 1994, p. 28)

Nessa abordagem, a hierarquia entre os participantes do evento se estabelece por projeções funcionais aspectuais, que constituem uma implementação sintática do modelo de Tenny (1994). Seguindo Borer, Arad (1996, 1998) assume que a primeira projeção acima de VP é AspEM, cujo especificador é interpretado como Medida quando o traço [EM] (do inglês, *event measurer*) é forte e, como Término, quando o traço [EM] é fraco. Acima de AspEM, o núcleo de AspOR é preenchido pelo traço denominado ‘originador’ [OR] (do inglês, *originator*) e seu especificador é interpretado como o ponto inicial do evento.

- (37) [AspOR the farmer [AspEM +EM hay [VP load on the truck]]]
 [AspOR o fazendeiro [AspEM +EM feno [VP carregar em o caminhão]]]
 ‘o fazendeiro carregou feno no caminhão’
- (38) [AspOR the farmer [AspEM +EM the truck [VP load with hay]]]
 [AspOR o fazendeiro [AspEM +EM o caminhão [VP carregar com feno]]]
 ‘o fazendeiro carregou o caminhão com feno’
- (ARAD, 1996, p. 24)

Para Arad (1996), não há alternância na realidade, mas, antes, duas estruturas distintas, uma vez que as duas alternantes da AL resultam da possibilidade de o verbo gerar ambos os argumentos internos na posição de Spec,AspEM.

Em síntese, os modelos de Borer (1994) e Arad (1996, 1998) apresentam a vantagem de não serem dependentes de construtos teóricos como papel temático, uma vez que os argumentos não entram na numeração com rótulo semântico algum. Isso não quer dizer que esses argumentos não possam carregar traços que se combinem na estrutura sintática. Os argumentos podem ser interpretados na posição em que são gerados ou na posição em que ocorre a checagem de traços, mesmo que os traços relevantes não sejam necessariamente +EM. O principal benefício de uma abordagem que combina traços abstratos à estrutura sintática é que ela não é totalmente dependente da estrutura, pois, do contrário, não seria possível captar as idiosincrasias dos itens lexicais. Outra vantagem refere-se às projeções funcionais aspectuais para os argumentos, pois resolve a questão de onde os papéis aspectuais (TENNY, 1994) atuam, estabelecendo uma relação de mapeamento direcionada da sintaxe para a semântica.

2.3 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Neste capítulo, revisamos as principais propostas de mapeamento orientadas pela semântica (abordagens projecionistas) e pela sintaxe (abordagens configuracionais). Obviamente, cada modelo apresenta vantagens e desvantagens e contribui para a reflexão e a compreensão do fenômeno em perspectivas mais ou menos aproximadas.

Em nossa concepção, a abordagem projecionista de RH&L, na sua primeira versão, não é eficiente porque sobrecarrega o léxico e é incompatível com uma teoria minimalista para a

aquisição, por apresentar duas representações conceituais distintas para o mesmo verbo, as quais teriam de ser adquiridas pela criança a partir de *inputs* específicos, nem sempre disponíveis na interação com os adultos, devendo haver mecanismos mais gerais para o mapeamento da estrutura argumental dos verbos que participam da alternância locativa.

Posteriormente, as autoras reformulam o modelo e assumem que, ao invés de múltiplas LCS para um mesmo item, uma única LCS, formada por um componente idiossincrático, a raiz, e um componente da classe, a estrutura de evento. Por sua vez, a raiz distingue os verbos de uma mesma classe entre si. Sendo assim, segundo as autoras, os verbos de AL estariam relacionados às categorias ontológicas de estrutura de evento *maneira* e *instrumento* (como nos exemplos recuperados em (39) e (40)). Contudo, as alternantes da AL implicam uma estrutura de evento complexa, como *causa externa* (cf. (41)), cujos subeventos podem expressar diferentes tipos de resultado, o que distingue as interpretações entre as estruturas alternantes: mudança de lugar para LOB, e mudança de estado, para LOD.

(39) *maneira* → [x ACT <MANNER>]

(ex: *shovel, wipe, scrub*)

(40) *instrumento* → [x ACT <INSTRUMENT>]

(ex: *clean, clear*)

(41) *causa externa* → [[x ACT] CAUSE [y BECOME <RESULT-STATE>]]

(RH&L, 2008, p. 2)

Esse último modelo das autoras é bem mais eficiente, já que prevê que uma única LCS do verbo é capaz de gerar diferentes configurações sintáticas, produzindo estruturas autônomas.

Por seu turno, a explicação de Tenny com base em propriedades explicitamente relacionadas à matéria física, como algo que pode ser consumido (Tema Incremental) ou ser uma superfície ou recipiente, remonta à discussão levantada por Bouchard (1995) sobre o conteúdo dos papéis semânticos. Desse modo, Tema Incremental, superfície ou recipiente são propriedades situacionais das entidades envolvidas na situação descrita pela sentença, tanto quanto Agente, Causa ou Paciente. Em outras palavras, embora exclua os papéis temáticos da interface, a AIH

(TENNY, 1992, 1994) incorre no que Bouchard considera como um erro típico de determinadas abordagens semânticas: fazer uso de evidências do nosso conhecimento de mundo para explicar os fenômenos gramaticais, confundindo constantemente referente e significado. Ademais, como demonstrado por RH&L (2002, 2008), a relação entre aspecto e posições sintáticas específicas parece não estar totalmente correta.

Por outro lado, mesmo negando a função do aspecto na interface, RH&L empregam um modelo baseado na estrutura de evento, que, por sua vez, remonta às categorias de Vendler (1967). A própria LCS também reflete propriedades aspectuais na caracterização do componente maneira, presente na raiz de verbos que permitem a alternância. A noção de mudanças complexas ou não escalares é também, em certa medida, aspectual. Portanto, embora as previsões da AIH de Tenny (1994) não estejam totalmente corretas no que se refere à AL em termos de conteúdo dos papéis aspectuais, parece inegável que o aspecto esteja relacionado à expressão dos argumentos verbais. De todo modo, as propriedades aspectuais exatas que mapeiam a interface ainda são alvo de investigação.

As abordagens configuracionais oferecem uma explicação para a AL sem recorrer a rótulos predeterminados no léxico, como papéis temáticos ou papéis aspectuais, o que evita interferências pragmáticas, como as mencionadas por Bouchard (1995), embora uma abordagem totalmente dependente da estrutura não dê conta das idiossincrasias lexicais. Os modelos orientados pela sintaxe apresentam a vantagem de dar um tratamento formal para a interpretação dos predicados. Alguns desses modelos combinam explicitamente a intuição de que o aspecto determina a estrutura – Borer (1994) e Arad (1996, 1998) –, enquanto Hoekstra e Mulder (1990) recorrem a outro tipo de projeção funcional – o núcleo TA ‘totalmente afetado’ – para explicar a interpretação do argumento direto. Todavia, a *Small Clause* associada ao núcleo ‘totalmente afetado’ também porta uma natureza aspectual.

A proposta de Damonte (2005) distingue-se das demais, inclusive da de Hoekstra e Mulder (1990) na questão da identidade entre as estruturas alternantes. Enquanto os outros autores (projeccionistas e configuracionais) sustentam uma perspectiva em que as alternantes são geradas independentemente na sintaxe, Damonte advoga em favor de uma abordagem em que a alternante oblíqua é básica e a alternante objeto é derivada mediante movimento de constituintes.

No modelo derivacionista de Damonte (2005), há uma estrutura de *Small Clause* para a AL, cujo núcleo é a preposição, o complemento, o Locativo, e o Tema, o especificador. No entanto, não

fica claro como se dariam os movimentos sintáticos para a derivação das estruturas, nem como a preposição “com” da alternante LOB dá lugar à preposição “de” na alternante LOD, uma vez que o falante já seleciona os itens diretamente na Numeração, antes da derivação.

Arad (1996), por sua vez, também argumenta em favor de estruturas autônomas. Nesse caso, as estruturas da AL resultam da possibilidade de o verbo gerar qualquer um dos dois argumentos internos na posição de Spec, AspEM, que é uma das projeções aspectuais postuladas para as estruturas (cf. seção 2.2.2).

Quanto à proposta de Borer (1994), consideramos vantajosas a premissa de que os argumentos de VP não carregam para a sintaxe nenhum tipo de rótulo semântico do léxico, bem como a aceção de que os argumentos são interpretados onde são gerados. Isso não impede que os traços abstratos sejam combinados à estrutura.

Como vimos, a principal desvantagem de uma abordagem em que uma das estruturas alternantes deriva da outra é que ela não explica como se dá a inserção das distintas preposições na estrutura. Na abordagem que defendemos nesta tese, a seleção da preposição que entra na derivação determina a configuração dos argumentos das estruturas alternantes. Sendo assim, a seleção da preposição “em” implica que os argumentos sejam mapeados na ordem Tema-Locativo (esse último como complemento da preposição), produzindo a interpretação de mudança de lugar; já a seleção da preposição “com” implica um mapeamento na ordem Locativo-Tema (esse último sendo o complemento da preposição), produzindo a interpretação de mudança de estado. Em síntese, a seleção, pelo verbo, de distintas preposições em cada alternante, produz estruturas sintáticas distintas, dando lugar a uma abordagem em que LOB e LOD são derivações independentes.

Diante das limitações dos modelos aqui resenhados, assumimos, portanto, como hipótese de trabalho uma abordagem que mescla aspectos projecionistas e configuracionais, numa perspectiva de derivação independente das duas estruturas alternantes: de um lado, a seleção da preposição pelo verbo determina o mapeamento dos argumentos na projeção lexical do verbo; de outro lado, núcleos funcionais (por hipótese aqueles relacionados ao aspecto, em uma visão próxima à apresentada por Arad (1996, 1998)) agregam à estrutura traços relevantes para a sintaxe, que operam, via movimento, para produzir as interpretações desejadas, em particular no que tange à telicidade dos predicados (no caso da alternância locativa, o efeito holístico-partitivo). Nesse sentido, a aspectualidade do evento é definida pelas posições sintáticas associadas às projeções aspectuais em cada uma das estruturas alternantes. Consideramos que essa combinação é

compatível com os fundamentos teóricos desta pesquisa, uma vez que adota uma perspectiva seletiva de semântica, a qual rejeita entidades como papéis temáticos e papéis aspectuais ou qualquer outra de natureza situacional, privilegiando uma abordagem da derivação das sentenças orientada pela interface entre semântica lexical e sintaxe, que desejamos investigar.

Adicionalmente, há fortes evidências de que as propriedades semânticas que permitem o mapeamento são de natureza aspectual, uma vez que tanto as abordagens projecionistas quanto as configuracionais remetem direta ou indiretamente ao aspecto lexical (*Aktionsart*, nos termos Vendlerianos) da sentença. Apesar disso, determinar quais propriedades são essas ainda é uma questão em aberto para nós.

Por fim, a decisão por considerar que as estruturas alternantes são derivadas independentemente justifica-se pelas evidências da aquisição, pois seria menos custoso à criança aprender uma combinação entre um verbo e determinada preposição que projeta determinada estrutura, do que aprender múltiplas estruturas sintáticas para um mesmo verbo.

No capítulo seguinte serão apresentados alguns experimentos com estruturas da AL no PB, os quais objetivaram traçar um quadro descritivo mais completo da AL nesta língua. Em seguida, uma proposta de análise será desenvolvida no capítulo 4 desta tese, levando-se em conta os resultados desses experimentos.

CAPÍTULO 3

INVESTIGAÇÃO SOBRE A ALTERNÂNCIA LOCATIVA NO PORTUGUÊS DO BRASIL

Neste capítulo retomamos algumas características da alternância locativa (AL) previamente abordadas na introdução e no capítulo 1, testando seus efeitos no português do Brasil (PB) por meio de uma abordagem experimental. Entre essas características, selecionamos: i) a possibilidade de apagamento do determinante e a correlação disso com a leitura genitiva ou locativa do PP; ii) a distribuição das preposições “com” e “de” na alternante objeto; iii) o contraste entre interpretação holística e partitiva das estruturas alternantes. Uma vez que pouco se tem noticiado sobre o fenômeno nessa língua, nosso objetivo é verificar se tais características, apontadas para outras línguas (cf. capítulo 1), se confirmam no PB e, deste modo, descrever como o PB se comporta em relação à AL.

O capítulo está organizado da seguinte maneira: inicialmente, na seção 3.1, esclarecemos os procedimentos básicos e as diretrizes que nortearam a coleta de dados da metodologia experimental de base psicolinguística que aplicamos. A seção 3.2 apresenta breves considerações acerca do método do julgamento de aceitabilidade de sentenças sob a perspectiva experimental e como ele foi empregado neste estudo. A seção 3.3 apresenta o perfil geral dos participantes e descreve o seu recrutamento. Nas seções 3.4, 3.5 e 3.6, encontra-se o detalhamento de cada um dos três experimentos, acompanhado dos respectivos delineamentos experimentais, metodologia estatística aplicada, resultados obtidos e análises preliminares. Por fim, na seção 3.7, trazemos as considerações parciais do capítulo.

3.1 SOBRE A ABORDAGEM EXPERIMENTAL

Os experimentos descritos neste capítulo foram supervisionados pelo professor Timothy Gupton, do Departamento de Línguas Românicas da Universidade da Georgia (*University of Georgia*, UGA), durante o período da autora como pesquisadora visitante na instituição

mencionada, entre agosto e dezembro de 2017, no âmbito do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (PDSE/CAPES). Nesse período, contamos também, em três oportunidades, com a assessoria do Centro de Consultoria em Estatística do Departamento de Estatística da UGA (*Statistical Consulting Center – SCC*), na otimização do *delineamento* dos experimentos e na definição das diretrizes gerais sobre a análise dos dados coletados. Posteriormente, após a coleta de dados, contamos com a assessoria da Empresa Júnior de Consultoria em Estatística da Universidade de Brasília – ESTAT/UnB.

Antes da execução, como de praxe, os experimentos foram submetidos aos comitês de ética de ambas as instituições: da UGA, denominado *Institutional Review Board* (IRB), e da UnB, o Comitê de Ética em Pesquisa de Ciências Humanas e Sociais (CEP – CHS). A aprovação consta nos pareceres anexos a esta tese.

Realizamos um experimento-piloto com apenas cinco participantes, utilizando a mesma metodologia do experimento final, a fim de detectar alguma falha na aplicação e aprimorar a versão a ser aplicada. Os resultados obtidos no piloto não foram computados na análise. Todos os experimentos foram projetados na plataforma *surveygizmo.com*, onde ficaram disponíveis pelo link: .

A pesquisa consistiu da aplicação de três experimentos, conduzidos por meio de questionários *online*, precedidos da leitura e aprovação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Adicionalmente, os participantes foram submetidos a um questionário com perguntas de cunho biográfico, denominado Perfil do Participante, para fins de coleta de informações básicas, tais como sexo, idade, escolaridade e naturalidade, sem que isso infringisse o princípio ético do anonimato dos colaboradores em pesquisas sociais. Ao final do procedimento, os participantes também foram interrogados sobre a sua percepção acerca dos experimentos, avaliando a clareza e a própria compreensão dos comandos, o nível de dificuldade das tarefas, além de terem um espaço livre para expressarem dúvidas e dificuldades.

A análise estatística foi realizada por meio das ferramentas disponíveis no site *VassarStats: Website for Statistical Computation*, disponível em: < >. Os testes de hipótese aplicados foram o teste de Wilcoxon, para o experimento I, e o teste da binomial exata, para os experimentos II e III. Todos os testes foram executados com um nível de confiança de 95%, ou seja, o nível de significância adotado foi de 5% ($\alpha = 0,05$). No apêndice, estão apresentados detalhadamente os resultados estatísticos de cada teste realizado.

3.2 SOBRE OS JULGAMENTOS DE ACEITABILIDADE

Sob a perspectiva gerativista, todo falante possui um conhecimento intrínseco e inconsciente que lhe permite reconhecer as estruturas possíveis e impossíveis na sua própria língua. Em outras palavras, o falante é perfeitamente capaz de julgar uma sentença quanto à sua validade e nuances. Nesse sentido, o julgamento de aceitabilidade é um método amplamente empregado na teoria linguística no âmbito do programa gerativista para distinguir a boa formação da má formação de sentenças.

Inicialmente, o teste de julgamento de aceitabilidade foi equivocadamente designado como teste de julgamento de gramaticalidade. Todavia, os falantes não possuem qualquer intuição quanto à gramaticalidade das estruturas porque a gramática é concebida como um constructo mental não acessível conscientemente (Chomsky, 1965). Na verdade, ao julgar uma sentença, o falante emite sua percepção sobre um estímulo linguístico, a qual, como toda percepção, representa um indício, uma evidência indireta de um fenômeno mais profundo. Ademais, concorrem para a aceitabilidade das sentenças outros fatores além da gramaticalidade em si, como questões de processamento, de desempenho e fatores pragmáticos.

Embora os estudos da linguagem tenham avançado significativamente baseando-se na coleta informal de julgamentos de aceitabilidade dos falantes, atualmente, essa ferramenta de elicitación é compreendida como um experimento comportamental que, como tal, deve seguir os padrões do método experimental por via de regra. Desse modo, segundo Schütze e Sprouse (2014), o que diferencia a coleta formal de julgamentos da coleta informal é que essa última envolve tipicamente poucos participantes, julgamentos de linguistas, poucos estímulos, rótulos metalinguísticos para o julgamento e uma análise não sistemática dos dados. Apesar de, não raro, haver convergência entre os resultados obtidos formal e informalmente, a aplicação de padrões mínimos para a condução de um experimento comportamental confere ao estudo confiabilidade e as condições de replicação necessárias à ciência moderna. Consequentemente, o arquétipo de coleta formal de julgamentos de sentenças preza pelo tamanho da amostra, pela neutralidade e, em certa medida, ingenuidade do participante em relação ao fenômeno investigado, pela variedade dos estímulos, por um sistema objetivo (ou ao menos mensurável) de classificação e por uma análise criteriosa dos resultados.

De modo geral, as tarefas de julgamento são de dois tipos, qualitativos ou não numéricos e quantitativos ou numéricos. A distinção básica entre os dois modelos é que nas tarefas qualitativas,

os julgamentos são classificados por categorias, o que torna impossível mensurar o tamanho da diferença entre as avaliações dos participantes. Por outro lado, nas tarefas quantitativas, o julgamento do falante é feito com base em um sistema numérico, em tese, capaz de medir o tamanho da diferença entre uma avaliação e outra.

Entre os métodos qualitativos de julgamento, encontram-se as chamadas tarefas de escolha forçada e a tarefa de tomada de decisão (“sim” ou “não”). A primeira tarefa implica uma avaliação entre duas ou mais sentenças, em que o falante deve escolher qual delas é mais aceitável (ou outro termo adotado pelo pesquisador). Em contrapartida, a tarefa de tomada de decisão requer a avaliação de uma sentença por vez em relação a um par de categorias, como “sim” ou “não”, “aceitável” ou “inaceitável”, “boa” ou “ruim”, e assim por diante.

Entre os métodos quantitativos de julgamento, destacam-se o julgamento de aceitabilidade com escala e a estimativa de magnitude. Enquanto a premissa básica da escala é atribuir uma nota para cada sentença individualmente; a estimativa de magnitude também o faz, porém com base num estímulo de referência ao qual um valor padrão é associado.

Como ressaltam Schütze e Sprouse (2014), o que há em comum entre as tarefas de julgamento, sejam elas numéricas ou não, é que elas exigem fundamentalmente a mesma habilidade cognitiva por parte dos falantes, isto é, uma avaliação sobre a estrutura. É importante ressaltar também que as respostas dos participantes, como julgamentos que são, não possuem caráter normativo (certo ou errado), o que deve ficar claro para os colaboradores antes da execução da tarefa.

Tendo em vista a variedade de fenômenos pesquisados, bem como a diversidade de abordagens, os métodos são constantemente aprimorados e adaptados às necessidades de cada estudo. É comum inserir opções intermediárias, como “talvez”, às tarefas de tomada de decisão, a fim de capturar com mais exatidão as gradações dos julgamentos dos falantes. Não raro também se recorre à combinação entre métodos, no intuito de deixar o experimento mais acessível e adequado aos objetivos da pesquisa.

No caso do presente estudo, recorreremos a três variedades de testes de julgamentos de aceitabilidade, a fim de caracterizar a alternância locativa no português brasileiro, uma vez que todos os experimentos elaborados basearam-se na intuição dos falantes nativos.

O primeiro experimento identifica-se como um teste de julgamento de aceitabilidade de sentença com escala. Empregamos uma escala Likert de 5 pontos, na qual as extremidades são

rotuladas, por padrão, como “aceitável” e “inaceitável”. Desse modo, o participante deve mensurar o nível de aceitabilidade de cada sentença. Esse sistema psicométrico tem a vantagem de ser intuitivo e também numérico, constituindo uma tarefa relativamente simples para o participante, ao mesmo tempo em que favorece o trabalho com a estatística inferencial.

O segundo experimento, embora seja essencialmente uma tarefa de julgamento de aceitabilidade, pois requer uma tomada de decisão baseada nos conhecimentos intrínsecos da língua (o participante julga qual preposição se integra coerentemente à sentença), combina aspectos de diferentes metodologias experimentais. Nesse sentido, o segundo experimento caracteriza-se como um teste de escolha forçada, em que diante de uma pergunta, são apresentadas algumas opções de resposta. Alternativamente, o experimento também se identifica com a tarefa de preenchimento de lacuna, pois a escolha do participante deve ser aquela que melhor completa a sentença dada. Tradicionalmente, a tarefa de preenchimento de lacuna apresenta uma resposta aberta, a qual não era adequada ao nosso objetivo, pois o intuito do experimento era testar a aceitabilidade entre as preposições “com” e “de”, razão pela qual limitamos as possibilidades de resposta. Além disso, as sentenças foram ilustradas, o que geralmente é um recurso empregado nos estudos de aquisição ou mesmo de línguas de sinais. Nesse caso, a ilustração foi fundamental no sentido de direcionar a interpretação locativa, a qual se desejava que os participantes inferissem.

Por fim, o terceiro experimento caracteriza-se como um teste de julgamento de valor de verdade (TJVV), bastante empregado nos estudos de semântica (THORTON e CRAIN, 1999). Tradicionalmente, esse teste apresenta apenas duas opções de resposta, verdadeiro ou falso, entre as quais o participante seleciona de acordo com um contexto prévio. No entanto, adaptamos essa metodologia, adicionando mais duas possibilidades de resposta, considerando uma interpretação ambígua, em que ambas podem ser verdadeiras; e uma interpretação nula, em que nenhuma das respostas é verdadeira. Indiretamente, a tarefa exigida do participante é a mesma: ao julgar cada uma das opções de resposta, ele faz uma inferência sobre o valor de verdade da sentença em relação ao contexto relevante. Assim como no segundo experimento, de certa forma, essa tarefa combina aspectos de diferentes metodologias, uma vez que, além do julgamento implícito de verdadeiro ou falso, exige-se uma escolha forçada do participante. Além disso, esse experimento também se identifica como uma tarefa de correspondência entre imagens (*picture-matching task*), pois as figuras compõem o contexto de interpretação da sentença (HUANG, SNEDEKER e SPELKE,

2004). Em outras palavras, o participante deve julgar qual das imagens/figuras melhor corresponde ao enunciado, segundo o seu ponto de vista.

Como todos os métodos, os julgamentos de aceitabilidade apresentam vantagens e limitações. As principais críticas a esse método referem-se à validade ecológica dos dados, à alegação de que os julgamentos são incapazes de representar a realidade psicológica da língua e ao uso de relativa metalinguagem.

Quanto à validade ecológica, alega-se que os testes são artificiais, bem como os próprios estímulos. De fato, essa é uma característica inerente a qualquer estudo experimental de qualquer área do conhecimento, o que não tem impedido os pesquisadores de aprimorar suas técnicas no sentido de tornar os estímulos o mais orgânicos possível. Contudo, esse tipo de abordagem propicia o controle de algumas variáveis, o que seria impossível em situações reais de uso. Ademais, muitas vezes, esse é o único modo de prover dados; em casos de falantes que não podem demonstrar seu conhecimento de outra maneira (a exemplo de crianças em fase precoce de aquisição), bem como evidências negativas e registros de comunidades em que não há *corpora* disponível e de fenômenos raros na fala espontânea. Em relação à realidade psicológica, Schütze e Sprouse e (2014, p. 28) argumentam que se trata de um equívoco porque os julgamentos de aceitabilidade em si são dados sobre o comportamento e a cognição humana tão informativos quanto outras medidas fisiológicas, como tempo de reação ou nível de atividade cerebral, por exemplo. No que tange à metalinguagem, embora seja, em certa medida, inevitável, o pesquisador deve lançar mão de recursos para minimizar o impacto desse fator, tais como a substituição por termos técnicos inteligíveis e equivalentes, além do esclarecimento prévio aos participantes sobre a concepção que se utiliza acerca dos conceitos adotados.

Segundo Gupton e Leal-Méndez (2013, p. 140, tradução nossa), compreendemos que:

(...) o principal benefício dos julgamentos elicitados, de modo geral, é que eles evitam algumas inclinações inerentes ao método intuitivo tradicional, cujo principal informante é o próprio pesquisador. Isso não significa que tal abordagem ocupe um patamar privilegiado em relação ao dados oriundos de *corpus* ou de introspecção, mas sim que ela fornece ao pesquisador um quadro mais confiável e completo das intuições e competências dos falantes nativos⁵³

⁵³ No original: *The most obvious benefit to experimental research is that it's avoids the experimenter bias inherent in much intuition-based theoretical linguistic research, for which the chief informant is typically the author. (...) This is not to say that experimental data holds a privileged status in comparison with others types of linguistic data, e.g., corpus or intuitive data, but rather that quantitatively elicited grammar judgment can help provide the theoretical researcher with a more reliable and complete picture of native-speaker intuitions and competencies.*

3.3 PARTICIPANTES

O recrutamento dos participantes ocorreu por meio da divulgação de cartazes pelo Campus Darcy Ribeiro da Universidade de Brasília (UnB), na cidade de Brasília – DF, durante o período de fevereiro a abril de 2018. Todo o procedimento para participação e coleta de dados deu-se pelo acesso à página dos experimentos na internet (*internet-based experiments*). Como incentivo à participação, foram sorteados vales-presentes de uma loja virtual entre os participantes.

Por se tratar de uma pesquisa baseada nos dados oriundos da introspecção dos falantes sobre uma língua particular, foi fundamental excluir do recrutamento participantes que se autodeclararam fluentes em outros idiomas ou que foram expostos a contextos de imersão em outras línguas, como lares bilíngues ou residência prolongada no exterior, já que não poderíamos garantir que o julgamento dos participantes ficaria isento à interferência de uma ou mais línguas estrangeiras. Tendo em vista que a alternância locativa é um fenômeno que varia bastante translinguisticamente, inclusive em relação ao repertório de verbos que a admitem, previmos que, na dúvida, mesmo que inconscientemente, o falante poderia acessar seus conhecimentos de outra língua e generalizá-los indevidamente para a língua materna. Como essa é uma variável praticamente impossível de controlar, descartamos as respostas dos participantes que se autodeclararam com esse perfil. Considerando ainda o caráter exploratório do presente estudo, fez-se mister assegurar, dentro dos limites das variáveis observáveis nos experimentos, um julgamento autêntico do falante nativo do PB, a fim de conferir legitimidade à descrição do fenômeno.

Participaram do experimento 60 falantes nativos do português brasileiro, maiores de 18 anos que nunca residiram fora do país. A amostra foi composta majoritariamente por participantes do sexo feminino, na faixa de 26 a 40 anos, e com nível superior, embora o gênero, a idade e a escolaridade não tenham sido controlados. O tempo de execução da tarefa também não foi controlado, mas havia uma estimativa de 15 a 30 minutos de duração, de acordo com os resultados obtidos no experimento-piloto.

3.4 EXPERIMENTO I: TRAÇO DE NÚMERO RELACIONADO AO TEMA

O primeiro experimento consistiu em um teste de julgamento de aceitabilidade de sentença com uma escala Likert de cinco pontos (COWART, 1997). Desse modo, as sentenças foram apresentadas aos participantes, uma por vez, seguidas de uma escala de 1 a 5, na qual 1 representava menos aceitável e 5, mais aceitável.

Como foi apresentado no capítulo 2, alguns predicados formados por verbos de remoção são ambíguos na alternante oblíqua no PB devido à interpretação assumida pelo argumento Locativo como um sintagma autônomo distinto do sintagma Tema (leitura locativa) ou como parte do sintagma Tema (leitura genitiva). Nosso objetivo nesse experimento foi verificar se o traço de número influencia a aceitabilidade dos falantes quanto à leitura da alternante oblíqua.

3.4.1 Delineamento experimental

Com o intuito de captar a diferença estrutural interna ao sintagma verbal no que se refere aos argumentos Tema e Locativo, manipulamos a alternante oblíqua (LOB) com verbos de remoção em duas condições: Tema plural e Tema singular. A fim de controlar ao máximo a variável número, evitamos qualquer determinante ou adjunto conectado ao Tema, ou seja, optamos pelos nomes nus. Além disso, como apresentado no capítulo 1, a ausência de determinante diante do argumento Tema é uma tendência nas línguas românicas e germânicas, o que ratifica a escolha dos nomes nus na sentenças que compuseram o teste. Intuitivamente, acreditamos que o Tema no plural desfaz a ambiguidade genitivo/Locativo, favorecendo a leitura locativa do sintagma preposicional, de modo que, ao escolher as sentenças com Tema plural, o falante estaria inferindo a leitura locativa. Em outras palavras, pressupomos que, num contexto em que o falante é apresentado a uma estrutura ambígua e uma unívoca, a primeira teria menor aceitabilidade que a segunda, devido ao custo de processamento. Assim, a condição Tema plural, que é unívoca (leitura locativa) teria uma taxa de aceitabilidade superior à condição Tema singular, que é ambígua (leitura genitiva e leitura locativa).

Cada participante foi submetido a 18 sentenças em cada condição experimental (Tema plural e Tema singular), sendo 6 pares de sentenças-alvo e o dobro de sentenças distratoras (cf. quadro 2), exemplificadas a seguir.

- (1) Exemplo de sentenças-alvo:
- Condição 1: O carpinteiro extraiu prego da tábua.
 - Condição 2: A esteticista extraiu cravos da testa do cliente.
- (2) Exemplo de sentenças distratoras:
- Condição 1: A mulher pegou bolsa no cabide.
 - Condição 2: O mendigo pegou coronas na estrada.

As sentenças-alvo foram compostas por verbos de remoção selecionados de um dicionário de frequência de português (DAVIES e PRETO-BAY,2007). Consideramos a frequência importante no sentido de minimizar o impacto que a presença de verbos pouco usuais ou relacionados a contextos muito específicos poderia representar no julgamento dos participantes. As sentenças distratoras foram formadas por verbos com conteúdo semântico não relacionado à alternância locativa. Segue a relação de verbos selecionados para compor as sentenças do experimento I. As frequências dos verbos de remoção empregados nas sentenças-alvo estão reportadas entre parênteses, conforme Davies e Preto-bay (2007).

Quadro 2 – Verbos empregados no experimento I

Verbos das sentenças-alvo		Verbos das sentenças distratoras			
Tema singular	Tema plural	Tema singular		Tema plural	
1. retirar (775)	1. retirar (775)	1. observar	7. tomar (≈ beber)	1. observar	7. tomar (≈ beber)
2. afastar (829)	2. afastar (829)	2. chamar	8. ter	2. chamar	8. ter
3. limpar (1421)	3. limpar (1421)	3. assinar	9. ler	3. assinar	9. ler
4. libertar (4110)	4. libertar (4110)	4. beijar	10. comer	4. beijar	10. comer
5. extrair (4830)	5. extrair (4830)	5. pegar	11. ouvir	5. pegar	11. ouvir
6. remover (775)	6. remover (775)	6. cortar	12. dançar	6. cortar	12. dançar

As sentenças distratoras foram controladas de modo que a metade em cada condição fosse aceitável, a fim de não provocar um efeito tendencioso nos julgamentos dos participantes. A fim de homogeneizar os estímulos, todas as sentenças apresentam sentido denotativo, extensão de 5 a 8 itens lexicais e o seguinte padrão sintático: [NP (animado) + V (pretérito perfeito) + NP + PP]. Os estímulos foram devidamente randomizados. Abaixo encontra-se um exemplo de tarefa e a relação completa dos estímulos encontra-se no apêndice.

Figura 1 – Exemplo de tarefa do experimento I

Marque 1 se a frase lhe parecer menos aceitável e 5 se a frase lhe parecer mais aceitável.

A dona de casa retirou flores do vaso.

•

1	2	3	4	5
<input type="radio"/>				

Dado o delineamento exposto, nossa hipótese é que o Tema plural desfaz a ambiguidade da alternante oblíqua, favorecendo a leitura locativa, e nossas predições para esse experimento são as seguintes:

- Se a taxa de aceitabilidade da Condição 2 (plural) for superior à Condição 1 (singular), o traço de número é relevante para a obtenção da leitura locativa;
- Se a taxa de aceitabilidade da Condição 1 (singular) for semelhante à Condição 2 (plural), o traço de número não é relevante para a obtenção da leitura locativa;
- Se a taxa de aceitabilidade da Condição 1 (singular) for superior à Condição 2 (plural), a leitura locativa não é alcançada nesse contexto, mas sim a leitura genitiva.

3.4.2 Metodologia estatística

Como já mencionado, o experimento I foi realizado com base na escala Likert, um sistema psicométrico que gera uma variável qualitativa ordinal, ou seja, representa dados não mensuráveis, categorizados sob uma ordenação. Nesse sentido, é importante ressaltar que os julgamentos dos falantes, apesar de terem um correspondente numérico na escala, não são considerados como uma variável quantitativa, pois não existe uma escala linear definida entre os possíveis valores, isto é, diferentes indivíduos podem ter diferentes interpretações e reações para cada valor reportado na escala.

Devido à natureza das variáveis e à distribuição desconhecida dos dados (distribuição livre), optamos pela aplicação da estatística não paramétrica, por meio do teste de Wilcoxon para amostras pareadas, também chamado de teste de postos com sinais. Esse teste mostra-se apropriado

aos dados coletados em virtude da disposição das variáveis em pares. De fato, um mesmo participante atribuiu duas notas para um mesmo verbo sob duas condições distintas (Tema plural e Tema singular). Sendo assim, o teste de Wilcoxon visa verificar se duas amostras aleatórias possuem a mesma função de distribuição, o que implica a comparação entre as medianas dos pares de respostas.⁵⁴

Basicamente, o teste de Wilcoxon consiste na substituição dos valores absolutos das observações por seus postos, que são definidos pelo cálculo das diferenças entre as variáveis pareadas. Primeiramente, associa-se um sinal positivo (+) ou negativo (-) para as variáveis observadas. No caso, o sinal positivo foi associado à variável plural e o sinal negativo associado à variável singular. Em seguida, é calculada a diferença entre tais variáveis. Por exemplo, se um participante atribuiu nota 5 para o verbo com Tema plural e nota 1 para o mesmo verbo com Tema singular, a diferença observada é 4 ($pl > sg = x$). Do mesmo modo, se um participante atribuiu nota 1 para o verbo com Tema plural e nota 5 para o mesmo verbo com Tema singular, a diferença observada é -4 ($pl < sg = -x$). As diferenças nulas, isto é, casos em que um participante atribuiu a mesma nota às sentenças nas duas condições, são subtraídas do tamanho da amostra (para o teste só importam as diferenças, sendo os empates irrelevantes). Tomemos como exemplo os dados hipotéticos da tabela 1:

Tabela 1 – Exemplo de cálculo das diferenças no teste de Wilcoxon

Participante	Plural	Singular	Diferenças observadas
A	4	3	1
B	1	4	-3
C	2	2	0
D	1	3	-2
E	5	1	4
F	3	1	2
Tamanho da amostra			5

⁵⁴A mediana foi definida como medida de tendência central, no lugar da média, por estarmos tratando de valores atribuídos a uma variável ordinal, em que a linearidade não é garantida.

Após o cálculo das diferenças relativas a cada observação (tabela 1), elas são dispostas em ordem absoluta (para a ordem, não importa o sinal), depois em ordem crescente e só então seus postos são definidos, resultando na tabela 2. Nos casos de empate, ou seja, em que dois ou mais valores correspondem a um mesmo posto, o desempate é feito pela média dos postos empatados. Por exemplo, na tabela 2, há um empate entre as diferenças com valor 2 e -2 (pois o sinal é irrelevante na ordenação), portanto, ambas ocupam o mesmo posto, que corresponde à média entre eles $(2+2/2= 2)$:

Tabela 2 – Exemplo de ordenação das diferenças e atribuição de postos no teste de Wilcoxon

Diferenças observadas	Diferenças em ordem absoluta	Diferenças em ordem crescente	Atribuição do posto
1	0	-	-
-3	1	1°	1
0	-2	2°	2
-2	2	3°	2
4	-3	4°	4
2	4	5°	5
Tamanho da amostra			5

Finalmente, calcula-se a soma dos postos positivos e negativos. No caso da tabela 2, os postos positivos somam 8 (1+2+5), referente à 2ª, 4ª e 6ª linhas; enquanto os postos negativos somam 6 (2+4), correspondente aos postos da 3ª e 5ª linha. O valor do teste, reportado como W, pode ser, arbitrariamente, a soma dos postos positivos ou a soma dos postos negativos (ambas são equivalentes). No experimento I, adotamos o W como sendo a soma dos postos negativos.⁵⁵

Isso posto, a hipótese nula (H_0), nesse caso, prediz que a mediana das diferenças para o plural é igual à mediana das diferenças para o singular; já a hipótese alternativa (H_1) prediz que a mediana das diferenças para o plural é maior que a mediana das diferenças para o singular:

⁵⁵O teste de Wilcoxon é calculado pela seguinte fórmula, em que n é o número total de eventos, R é o somatório dos postos (*ranks*) com sinal e i é a ordenação dos postos:

$$W = \sum_{i=1}^n R_i$$

$H_0: M_d(\text{sg}) = M_d(\text{pl})$

$H_1: M_d(\text{pl}) > M_d(\text{sg})$

Grosso modo, esse teste visa verificar se há diferença entre as escalas atribuídas para os Temas plural e singular (H_0) ou não (H_1). Adotamos um nível de significância de $\alpha = 0,05$ ($p \leq 0,05$) para todos os casos.

3.4.3 Resultados

Nas subseções seguintes descrevemos os resultados do teste de Wilcoxon de postos com sinais para cada um dos seis verbos de remoção investigados.⁵⁶

3.4.3.1 Verbo “retirar”

Observamos que, para as sentenças com o verbo “retirar” (cf. dados em (3) e (4)), 70% dos participantes julgaram haver alguma diferença entre as sentenças com Tema singular e com Tema plural, tendendo a uma aceitabilidade maior da condição plural, enquanto 30% consideraram a diferença igual a zero, isto é, atribuiu nota idêntica para as sentenças nas duas condições.

(3) A enfermeira retirou paciente da cama.

(4) A dona de casa retirou flores do vaso.

A diferença de 1 ponto na escala Likert (-1 ou 1) foi a mais recorrente (30%), seguida das diferenças de 4 (20%) e 3 pontos (13,33%), respectivamente. A menor frequência foi para a diferença de 2 pontos na escala (6,67%), correspondentes a apenas 4 ocorrências. Além disso,

⁵⁶ Conforme apontado pela banca examinadora, a análise do experimento I poderia também ser demonstrada por condição, uma vez que o delineamento permitia isso. Contudo, uma vez que o nosso intuito foi investigar o comportamento dos verbos, optamos por uma análise por item.

observamos duas diferenças negativas, equivalentes a 3,33%, isto é, diferença maior na condição de singular. A tabela a seguir explicita os resultados obtidos, com os valores das diferenças observadas:

Tabela 3 – Frequência das diferenças entre as condições Tema singular e plural para o verbo “retirar”

Diferença		Frequência Absoluta	Frequência Relativa
0	nula	18	30 %
-1	favorável ao singular	2	3,33%
1	favorável ao plural	16	26,67%
2		4	6,67%
3		8	13,33%
4		12	20 %
Total		60	100 %

O teste de Wilcoxon para amostras pareadas mostrou que a aceitabilidade da condição plural para o verbo “retirar” é superior à condição singular ($W = 865$; $p < 0,0001$). Sendo $p < 0,05$, há evidências suficientes para rejeitar a hipótese nula, qual seja, a de que há diferença entre as escalas atribuídas para os Temas plural e singular.

3.4.3.2 Verbo “afastar”

Observamos, para as sentenças com o verbo “afastar”, retratadas em (5) e (6), uma taxa superior em relação aos participantes que identificaram algum nível de diferença entre as sentenças com Tema singular e com Tema plural, correspondente a 66,66%, sendo 12,67% negativas, isto é, aceitabilidade maior da condição singular.

- (5) A babá afastou criança da escada.
- (6) O marceneiro afastou móveis da parede.

Em valores absolutos, a diferença mais recorrente é de 2 pontos na escala Likert (26,67%), seguida da diferença de 1 ponto (20%). As diferenças menos frequentes são as de 3

e 4 pontos, correspondendo a 10% dos julgamentos cada. Além disso, é importante ressaltar que um terço dos participantes teve o mesmo nível de aceitabilidade para as duas condições, isto é, diferença igual a zero.

Tabela 4 - Frequência das diferenças entre as condições Tema singular e plural para o verbo “afastar”

Diferença		Frequência Absoluta	Frequência Relativa
0	nula	20	33,33%
-4	favorável ao singular	2	3,33%
-3		1	1,67%
-2		6	10 %
-1		4	6,67%
1	favorável ao plural	8	13,33%
2		10	16,67%
3		5	8,33%
4		4	6,67%
Total		60	100 %

Para o verbo “afastar”, o teste de Wilcoxon para amostras pareadas mostrou que a aceitabilidade da condição plural é superior à condição singular ($W = 309$; $p = 0,0192$). Sendo $p < 0,05$, há evidências suficientes para rejeitar a hipótese nula, indicando que tal diferença é estatisticamente relevante.

3.4.3.3 Verbo “limpar”

Semelhantemente ao observado para as sentenças com o verbo “afastar”, um terço dos participantes julgou não haver diferença entre as condições de teste para as sentenças com o verbo “limpar”, reportadas em (7) e (8). Entretanto, a frequência de participantes que julgaram de modo diferente plural e singular foi superior, observando-se uma aceitabilidade maior da condição singular apenas em 8,34% das respostas.

- (7) A faxineira limpou mancha da mesa.
- (8) A professora limpou rabiscos da lousa.

Em valores absolutos, a maior ocorrência de diferença deu-se na amplitude igual a 4 (21,67%), seguida da amplitude 2 (20%). A menor ocorrência é representada pela amplitude de 3 pontos (8,33%).

Tabela 5 - Frequência das diferenças entre as condições Tema singular e plural para o verbo “limpar”

Diferença		Frequência Absoluta	Frequência Relativa
0	nula	20	33,33%
-4	favorável ao singular	1	1,67%
-2		1	1,67%
-1		3	5 %
1	favorável ao plural	7	11,66%
2		11	18,33%
3		5	8,33%
4		12	20 %
Total		60	100 %

Como nos casos anteriores, o teste de Wilcoxon para amostras pareadas mostrou que a aceitabilidade da condição plural é superior à condição singular para o verbo “limpar” ($W = 686$; $p < 0,0001$). Sendo $p < 0,05$, há evidências suficientes para rejeitar a hipótese nula, indicando que tal diferença é estatisticamente relevante e a hipótese alternativa prevalece.

3.4.3.4 Verbo “libertar”

Comparado aos verbos previamente observados, as sentenças com o verbo “libertar” (cf. (9) e (10)) comportaram-se de maneira incomum, pois mais de um terço dos participantes atribuiu nota idêntica para as condições singular e plural, correspondendo a uma diferença nula de 36,67%.

- (9) A polícia libertou refém do cativoiro.
- (10) O carcereiro libertou prisioneiros da cela.

Além disso, esse foi o verbo que apresentou a maior porcentagem em relação à aceitabilidade da condição singular frente à plural, totalizando 25% da amostra. Por sua vez, a aceitabilidade maior da condição plural representou 38,33% da amostra.

Tabela 6 – Frequência das diferenças entre as condições Tema singular e plural para o verbo “libertar”

Diferença		Frequência Absoluta	Frequência Relativa
0	nula	22	36,67%
-4	favorável ao singular	2	3,33%
-3		2	3,33%
-2		4	6,67%
-1		7	11,67%
1	favorável ao plural	6	10 %
2		10	16,67%
3		2	3,33%
4		5	8,33%
Total		60	100 %

Diferentemente dos casos anteriores, para o verbo “libertar”, o teste de Wilcoxon para amostras pareadas ($W = 221$; $p = 0,0548$) não permite rejeitar a hipótese nula. Sendo $p > 0,05$, não há evidências estatísticas suficientes para concluir que as medianas das diferenças entre as condições plural e singular são distintas.

3.4.3.5 Verbo “extrair”

Assim como as sentenças com o verbo “libertar”, os resultados observados para as sentenças com o verbo “extrair”, reportadas em (11) e (12), revelam um comportamento distinto dos demais verbos investigados.

- (11) O carpinteiro extraiu prego da tábua.
 (12) A esteticista extraiu cravos da testa da cliente.

Observamos que metade dos participantes atribuiu nota idêntica para as condições plural e singular, o que, à primeira vista, compromete a tendência de diferenciação entre as duas condições de teste. Por outro lado, os casos de maior aceitabilidade da condição singular representam apenas 13,33% da amostra; em contrapartida, 36,67% tendem para o plural, como se verifica na tabela 7.

Tabela 7 - Frequência das diferenças entre as condições Tema singular e plural para o verbo “extrair”

Diferença		Frequência Absoluta	Frequência Relativa
0	nula	30	50 %
-3	favorável ao singular	1	1,66%
-2		4	6,67%
-1		3	5 %
1	favorável ao plural	7	11,67%
2		6	10 %
3		3	5 %
4		6	10 %
Total		60	100 %

Analisando-se os resultados do teste de Wilcoxon para amostras pareadas para o verbo “extrair”, temos que a aceitabilidade da condição plural é superior à condição singular ($W = 263$; $p = 0,0035$). Sendo $p < 0,05$, há evidências suficientes para rejeitar a hipótese nula, a qual prediz que a diferença entre as medianas da condição plural e singular são semelhantes. Nesse caso, apesar da ocorrência expressiva dos casos de empate (diferença igual a zero), dentre os casos em que houve diferenciação entre as medianas das duas condições, a aceitabilidade da condição plural foi significativamente superior.

3.4.3.6 Verbo “remover”

Semelhantemente às sentenças com os verbos “retirar”, “afastar” e limpar”, os participantes que não identificaram diferença entre as duas condições nas sentença (empates) com o verbo “remover” superam 30% da amostra.

- (13) O fazendeiro removeu caixa da varanda.
- (14) A menina removeu talheres da mesa.

Em valores absolutos, um terço dos participantes identificou uma amplitude da diferença de 1 ponto. A segunda diferença mais frequente foi de 4 pontos, correspondente a 18,33%, e a diferença menos frequente foi de 3 pontos, equivalente a 3,33%. Os casos de aceitabilidade maior da condição singular totalizam apenas 6,67% da amostra frente a 61,66% de maior aceitabilidade do plural.

Tabela 8 - Frequência das diferenças entre as condições Tema singular e plural para o verbo “remover”

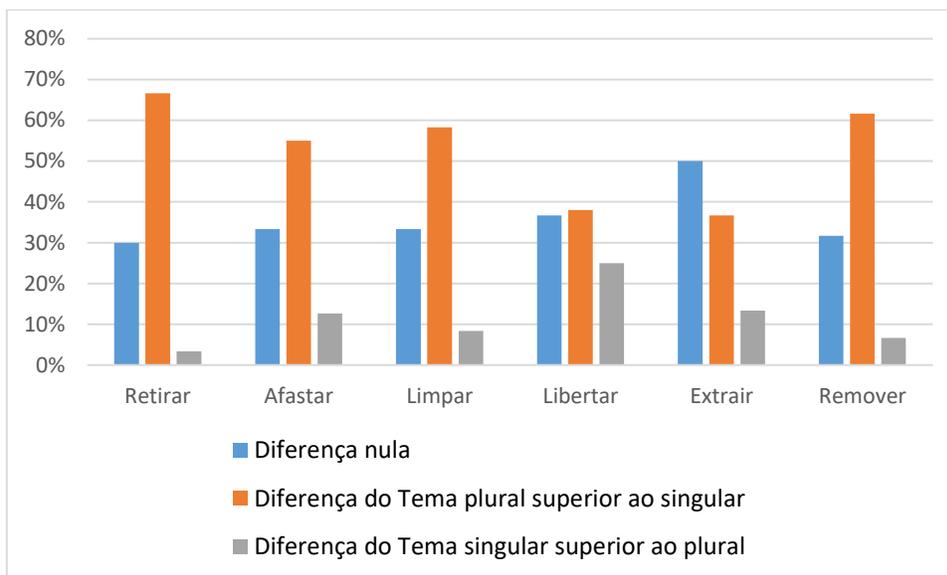
Diferença		Frequência Absoluta	Frequência Relativa
0	nula	19	31,67%
-4	favorável ao singular	1	1,67%
-2		1	1,67%
-1		2	3,33%
1	favorável ao plural	18	30 %
2		7	11,66%
3		2	3,33%
4		10	16,66%
Total		60	100 %

Finalmente, para o verbo “remover”, o teste de Wilcoxon para amostras pareadas mostrou que a aceitabilidade da condição plural para o verbo “retirar” é superior à condição singular ($W = 698$; $p < 0,0001$). Sendo $p < 0,05$, rejeitamos a hipótese nula, o que demonstra que a diferenciação entre as condições testadas é estatisticamente significativa.

3.4.4 Análise dos resultados do experimento I

Os dados obtidos sobre os verbos de remoção investigados mostraram que, em média, um terço dos participantes não identificaram diferença entre as sentenças na condição plural e singular, com exceção de do verbo “extrair”, cujos empates representaram a metade das ocorrências. Desse modo, a maioria dos participantes sinalizou alguma diferença entre as condições de teste, conforme sintetiza o gráfico 1:

Gráfico 1 – Síntese dos resultados do experimento I



A principal diferença sinalizada pelos participantes tendeu a uma maior aceitabilidade da condição de plural em relação ao singular para todos os seis verbos investigados, mesmo no caso do verbo “extrair”, em que houve um alto índice de diferenças nulas.

O maior índice de aceitabilidade do plural em relação ao singular ocorreu com o verbo “retirar”, quase 67%; enquanto o menor ocorreu com o verbo “extrair”, quase 37%. Contudo, para todos os verbos investigados, houve casos de diferenças negativas, isto é, em que o participante atribuiu nota para o singular superior à do plural. O verbo “retirar” apresentou a menor ocorrência das diferenças negativas (3,33%, equivalente a 1 participante); enquanto o verbo “libertar” apresentou a maior ocorrência negativa, com 25% das respostas. Os demais verbos não ultrapassaram 14% de respostas referentes às diferenças negativas.

Todavia, a predominância da aceitabilidade do plural em relação ao singular só foi estatisticamente relevante em cinco verbos, uma vez que o verbo “libertar” teve um alto índice de empates (37%) e de diferenças negativas (25%), obtendo um p-valor de 0,0548 ($p > 0,05$), o que não nos permitiu rejeitar a hipótese nula de igualdade entre as condições plural e singular, nesse caso.

Quanto à amplitude das diferenças, o teste de Wilcoxon demonstrou que há uma maior concentração na diferença de um ponto entre plural e singular para os verbos “retirar” (26,67%),

“extrair” (11,67%) e “remover” (30%). Já para o verbo “afastar”, a amplitude se concentra em dois pontos (16,67%); enquanto para “limpar”, concentra-se em quatro pontos (20%).

A partir dos resultados aqui expostos (estatística descritiva) e do teste de hipótese aplicado em cada caso (estatística inferencial), inferimos que o traço número é relevante para a obtenção da leitura locativa, como previsto no delineamento experimental, ao menos para os verbos “retirar”, “afastar”, “limpar”, “extrair” e “remover”. Resta então, verificar o que causa o comportamento diferenciado do verbo “libertar”.

Uma possível resposta pode estar relacionada à presença ou ausência do traço de animacidade associado ao complemento direto (o argumento Tema) dos predicados em análise. Nas sentenças-alvo (9) e (10), abaixo retomadas como (15) e (16), os Temas possuíam o traço [+animado], o que resulta em uma interpretação de causação indireta.

- (15) A polícia libertou refém do cativoiro.
- (16) O carcereiro libertou prisioneiros da cela.

Embora os predicados dos verbos “afastar” e “retirar” também tenham sido formados com complementos animados (exemplos retomados em (17) e (18)), consideramos que apenas “libertar” s-seleciona obrigatoriamente um complemento com esse traço, enquanto ele é opcional para “afastar” e “retirar”.

- (17) A babá afastou criança da escada.
- (18) A enfermeira retirou paciente da cama.

Por outro lado, não podemos deixar de especular se a presença do traço [+animado] em apenas uma das condições dos verbos “afastar” e “retirar” pode ter afetado os julgamentos dos participantes. É importante observar que obtivemos um índice de aceitabilidade para os verbos “afastar” e “retirar” em torno de 13% e 3% para o singular, com complemento [+animado], frente a 55% e 67% para o plural, com complemento [-animado], respectivamente.

Pode haver também alguma interação com a característica de interpretação holística/partitiva, decorrente das propriedades aspectuais presentes no significado lexical dos

verbos, que eventualmente podem interferir na aceitabilidade na sentença. Enquanto os verbos de remoção “limpar”, “afastar”, “extrair”, “retirar”, “remover” admitem conceitualmente uma leitura durativa em que seria possível distinguir a interpretação partitiva (de processo inacabado ou mal feito, como em “deu uma limpada na mesa”); “libertar” é um verbo aspectualmente pontual, em que apenas a culminação têm relevância gramatical (ou seja, o verbo “libertar” não admite meio termo: mais ou menos liberto, por exemplo, não existe). Admitindo que o aspecto da sentença é dado no nível do predicado, a inclusão de complementos específicos e a modificação por certos adjuntos permitem atestar essa distinção, como em:

(19) A esteticista extraiu parcialmente cravos da testa da cliente.

(20) *O carcereiro libertou parcialmente prisioneiros da cela.

É importante ressaltar que, nesses casos, o advérbio impõe uma leitura partitiva ao complemento verbal em si e não ao evento, ou seja, (19) implica que nem todos os cravos foram extraídos, mas não que a ação de extrair foi inconclusa.

Outro fator digno de nota diz respeito ao tempo verbal na composição das sentenças. Como tem sido apontado na literatura, o tempo presente favorece uma leitura de aspecto habitual que se combina mais facilmente com a leitura genérica dos nomes nus, propiciando maior aceitabilidade das sentenças, como demonstrado a seguir:⁵⁷

(21) A professora limpa rabiscos da lousa no início de cada aula.

(22) A enfermeira retira paciente da cama sempre às 09h da manhã.

Não houve uma motivação específica para a escolha do tempo verbal na elaboração deste experimento. Geralmente, os testes de aceitabilidade empregam o pretérito perfeito porque o perfectivo é uma afirmação do que já ocorreu, facilitando a interpretação do estímulo pelo participante.

⁵⁷ Sobre a relação entre aspecto habitual e tempo presente, cf. Vendler (1967) e Dowty (1979).

3.5 EXPERIMENTO II: EQUIVALÊNCIA ENTRE AS PREPOSIÇÕES “COM” E “DE”

Enquanto nas línguas germânicas, a alternante objeto de verbos de disposição aceita apenas a preposição “com”, as línguas românicas, em geral, aceitam uma preposição adicional “de” nessa configuração. No entanto, alguns estudos apontam que a opcionalidade entre tais preposições não é irrestrita (cf. capítulo 1). Nesse sentido, o segundo experimento, de preenchimento de lacuna com escolha forçada entre duas opções de preposição, visa apurar a equivalência entre as preposições “com” e “de” no contexto mencionado.

3.5.1 Delineamento experimental

A tarefa do participante nesse experimento foi escolher a opção que completaria coerentemente a sentença dada, em que há uma lacuna no lugar da preposição.⁵⁸ Cada sentença é acompanhada de uma ilustração, que serve como contexto. Entre as opções disponíveis, o participante encontrou: duas opções exclusivas; uma opção em que ambas as preposições podem ser empregadas, mas cada uma com um sentido particular; uma opção em que ambas as preposições podem ser empregadas sem que haja alteração de sentido; e ainda, uma quinta opção, na qual nenhuma das preposições é considerada adequada ao contexto dado. A figura a seguir exemplifica a tarefa realizada no experimento II. A relação completa dos estímulos empregados nesse experimento encontra-se nos apêndices.

⁵⁸ Com relação ao uso do termo “coerente” no experimento II, trata-se de uma seleção lexical planejada, visto que, conforme justificado anteriormente, é necessário evitar a metalinguagem, substituindo termos técnicos por outros equivalentes e de fácil apreensão para o participante (cf. seção 3.2).

Figura 2 – Exemplo de tarefa do experimento II

A menina plantou o jardim __ rosas vermelhas.



Qual das opções completa a frase de modo coerente?

- com
- de
- qualquer uma das opções acima, mas deixando a frase com sentidos diferentes.
- qualquer uma das opções acima, pois elas deixam a frase com o mesmo sentido.
- nenhuma das opções.

Selecionamos seis verbos de disposição para compor as sentenças da estrutura alternante objeto (LOD) desse experimento, conforme os mesmos critérios de frequência relatados no experimento I. Também utilizamos verbos distratores não relacionados à semântica da alternância locativa na proporção de 2 X 1, os quais encontram-se no quadro 3. As frequências dos verbos de remoção empregados nas sentenças-alvo estão reportadas entre parênteses, conforme Davies e Preto-bay (2007).⁵⁹

⁵⁹ Conforme apontado pela banca examinadora, a quantidade reduzida de verbos nos experimentos II e III pode ter causado o chamado efeito de item nos julgamentos dos falantes, uma vez que há apenas uma condição experimental para cada verbo. Em pesquisas futuras, o ideal seria o delineamento em quadrado latino, a fim de repetir o mesmo verbo em sentenças distintas, aumentando assim a amostra. Reconhecemos as limitações do experimento, mas acreditamos que, por ser uma investigação preliminar, os resultados são importantes no sentido de propor uma descrição e apontar caminhos de investigação para a AL no PB.

Quadro 3 – Verbos empregados nos experimentos II e III

Verbos das sentenças-alvo	Verbos das sentenças distratoras	
1. encher (233)	1. comprar	7. fazer
2. revestir (3336)	2. dar	8. bater
3. plantar (2447)	3. abrir	9. trazer
4. cobrir (896)	4. jogar	10. escolher
5. carregar (1595)	5. estar	11. pagar
6. banhar (3930)	6. ensinar	12. beber

Tanto as sentenças-alvo quanto as sentenças distratoras apresentam o seguinte padrão sintático: sujeito [+animado] seguido de verbo no pretérito perfeito do indicativo, Locativo, preposição e nome especificado. Compõem o teste, 6 sentenças-alvo e 12 distratoras, todas com sentido denotativo, apresentando uma extensão média de 7 a 9 itens lexicais cada. As sentenças distratoras foram balanceadas, no sentido de que houve a mesma quantidade entre respostas exclusivas, respostas que aceitam ambas as preposições sem fazer distinção de sentido, respostas que aceitam ambas as preposições, mas produzindo diferenciação de sentido, e a respostas em que nenhuma das opções de preposição era coerente para a sentença. O intuito de tal distribuição foi evitar um padrão de resposta tendencioso por parte dos participantes, bem como capturar a atenção deles para as várias possibilidades de interpretação das sentenças, de acordo com a(s) preposição(ões) selecionada(s).

Nossas expectativas para esse experimento podem ser resumidas da seguinte maneira:

- a) A escolha pelas opções exclusivas — (a) ou (b) — sugere que há uma oposição entre as duas preposições na alternante LOD com verbos de disposição e que elas estão em distribuição complementar, cada uma combinando-se com verbos específicos.
- b) A escolha pela opção (c) — qualquer uma das preposições pode completar a lacuna coerentemente, mas deixando as frases com sentidos diferentes – sugere que as preposições “com” e “de” na alternante LOD com verbos de disposição no PB expressam diferentes conteúdos semânticos, por isso, apesar de se combinarem com os mesmos verbos, não são intercambiáveis.
- c) A escolha pela opção (d), a saber, qualquer uma das preposições se encaixa porque não há alteração de sentido entre as frases, sugere que as preposições “com” e “de” na alterante LOD com verbos de disposição em PB expressam o mesmo conteúdo semântico, ou seja, são intercambiáveis e estão em concorrência.

- d) Se, diante das sentenças distratoras, o participante opta pela opção (e), a qual assevera que nenhuma das preposições apresentadas completa a frase de modo coerente, há um indício de que o participante não interpretou a situação apresentada no contexto da alternância locativa ou, alternativamente, pode também indicar alguma falha na preparação do teste.

Sustentamos a hipótese de que as preposições “com” e “de” na configuração de Locativo objeto não são intercambiáveis (opção (c)), isto é, são selecionadas por verbos específicos de disposição.

3.5.2 Metodologia estatística

Aplicamos, para o experimento II, o teste da binomial exata, um teste não paramétrico adequado a variáveis nominais de natureza binária, isto é, situações em que há apenas dois resultados possíveis.⁶⁰ A estatística gerada por esse teste é a variável aleatória X , que representa o número de sucessos na amostra e segue uma distribuição binomial.⁶¹ A distribuição binomial desenvolveu-se a partir dos ensaios de Bernoulli, os quais consistem na realização de um experimento qualquer em uma única tentativa cujo resultado é binário, considerando-se a ocorrência ou não do evento, sucesso e fracasso, respectivamente. As sucessivas tentativas de sucesso do evento originam o modelo binomial, caracterizado pela independência e probabilidade estável entre os eventos, ou seja, a probabilidade de um determinado resultado não interfere na probabilidade dos demais e a probabilidade de sucesso em cada uma das tentativas permanece igual.

Nesse experimento, o teste da binomial comparou a proporção de respostas apontadas pelos participantes em relação às opções disponíveis, visando verificar se a diferença entre essas proporções são suficientemente relevantes. Uma vez que o experimento II apresentou cinco opções

⁶⁰ Conforme sugerido pela banca examinadora, outra metodologia estatística possível na análise dos experimentos II e III é o modelo logístico múltiplo, o qual pretendemos adotar em replicações futuras dos experimentos citados.

⁶¹ A probabilidade da binomial exata é dada pela seguinte fórmula, em que P é a probabilidade de o evento ocorrer em determinada ocasião; n é o número total de oportunidades; p é o número de sucesso e q é o número de fracassos:

$$P_{(x)} = \binom{n}{k} (p^k)(q^{n-k})$$

de resposta para cada sentença, tivemos que agrupar as opções e replicar o teste para garantir a binariedade dos resultados, totalizando assim três testes da binomial exata para cada verbo. Primeiramente, comparamos a proporção de opções exclusivas (somente uma das preposições é aceita) em relação às opções inclusivas (qualquer uma das preposições é aceita). Em seguida, estabelecemos a comparação das opções exclusivas entre si (proporção de respostas com a preposição “com” em relação à preposição “de”) e, finalmente, um terceiro teste comparou as proporções das opções inclusivas entre si (proporção de respostas em que “com” e “de” são admitidas, mas ora com sentidos diferentes, ora com o mesmo sentido). A quinta opção de respostas, opção (e), a qual rejeita todas as opções anteriores, foi desconsiderada da amostra pelos motivos já expostos no delineamento.

No primeiro teste, considerando o evento como a escolha dos participantes entre as opções exclusivas e inclusivas, o sucesso referiu-se às opções exclusivas, (a) ou (b), e o fracasso, às opções inclusivas, (c) ou (d). Sendo todos os testes de hipótese deste experimento unilaterais, considera-se que a proporção de uma das variáveis é maior que a outra. Nesse caso, a hipótese alternativa tomou as proporções de respostas exclusivas como sendo superiores às inclusivas, logo a hipótese nula foi de que a proporção de respostas exclusivas seria igual ou menor à proporção de respostas inclusivas, isto é:

$$H_0: P(c+d) \leq P(a+b)$$

$$H_1: P(c+d) > P(a+b)$$

No segundo teste, o evento considerou a escolha dos participantes entre as opções exclusivas, ou seja, somente a preposição “com” (opção (a)) ou somente a preposição “de” (opção (b)), tendo como sucesso a preposição “com” e como fracasso a preposição “de”. Para esse caso, a hipótese alternativa admitiu que a proporção de respostas para a opção (a) seria superior à (b), enquanto a hipótese nula admitiu que a proporção de respostas para a opção (a) seria igual ou menor à da opção (b), isto é:

$$H_0: P(a) \leq P(b)$$

$$H_1: P(a) > P(b)$$

No terceiro teste, o evento considerou a escolha dos participantes entre as opções inclusivas, isto é, qualquer uma das preposições, “com” ou “de”, completaria a sentença coerentemente, porém, a opção (c), tomada como sucesso, admite diferentes sentidos entre as duas preposições, enquanto a opção (d), tomada como fracasso, admite o mesmo sentido entre elas. Nesse caso, a hipótese alternativa admitiu que a proporção de respostas para a opção (c) seria superior à (d), enquanto a hipótese nula admitiu que a proporção de respostas para a opção (c) seria igual ou menor à da opção (d), isto é:

$$H_0: P(c) \leq P(d)$$

$$H_1: P(c) > P(d)$$

Para verificar a aceitação ou rejeição da hipótese nula em cada caso foi utilizado o p-valor a um nível de significância de 0,05 ($p \leq 0,05$).

3.5.3 Resultados

Nas subseções seguintes descrevemos os resultados dos testes da binomial exata para cada um dos seis verbos de disposição investigados, em relação à equivalência entre as preposições “com” e “de” nas construções locativas.

3.5.3.1 Verbo “banhar”

Primeiramente, apresentamos o panorama geral das respostas atribuídas para a sentença com o verbo “banhar”, transcrita abaixo:

(23) O artesão banhou o colar ___ cristais.

Notamos que, como esperado, pouquíssimos participantes escolheram a opção (e), desconsiderando essas respostas do total da amostra do cálculo para o teste da binomial. Os maiores valores (38,33%) estão concentrados nas três primeiras opções, havendo predominância da opção (c).

Tabela 9 - Proporção de respostas para o verbo “banhar” no experimento II

Opção		Frequência Absoluta	Frequência Relativa
A	Com	19	31,67 %
B	de	10	16,67 %
C	com ou de, mas com sentidos distintos	23	38,33 %
D	com ou de, mas com sentidos iguais	6	10 %
E	nenhuma das opções	2	3,33 %
Total		60	100%

Observamos que houve um empate entre a quantidade de participantes que escolheram as opções exclusivas e os que escolheram as inclusivas (29/29). Desse modo, o resultado do primeiro teste da binomial exata gerou um p-valor maior que o nível de significância ($0,5522 > 0,05$), ou seja, não há evidências estatísticas suficientes para rejeitar a hipótese nula: a proporção de respostas exclusivas e inclusivas é igual para o verbo “banhar”.

O p-valor também foi maior que o nível de significância adotado na comparação das proporções entre as opções exclusivas ($p = 0,0680 > 0,05$), o que significa que, entre os 29 participantes que integraram essa amostra, a proporção daqueles que optaram pela preposição “com” é praticamente igual à dos que optaram pela preposição “de”.

Com relação às proporções entre as opções inclusivas, obtivemos um p-valor menor que o nível de significância adotado ($p = 0,0011 < 0,05$). Sendo assim, o teste da binomial mostrou que a proporção de participantes que considerou as preposições “com” e “de” como tendo sentidos diferentes (opção (c)) foi superior (79,31%) à dos que considerou essas preposições como tendo o mesmo sentido (opção (d)) no contexto apresentado.

3.5.3.2 Verbo “carregar”

De modo geral, na sentença com o verbo “carregar”, transcrita em (24), observamos que a maior parte dos participantes optou pela preposição “com” (opção (a)), correspondendo a 46,67%. Houve um participante que escolheu a opção (e), sendo desconsiderado dos testes de hipótese descritos a seguir.

(24) O Roberto carregou a traseira da van ___ brinquedos.

Observamos que 54,23% escolheram as opções exclusivas, em detrimento das inclusivas. No entanto, o p-valor calculado foi maior que o nível de significância ($p = 0,3015 > 0,05$), o que implica que não há evidências estatísticas suficientes para afirmar que essa diferença é significativa.

Tabela 10 - Proporção de respostas para o verbo “carregar” no experimento II

Opção		Frequência Absoluta	Frequência Relativa
A	Com	28	46,67 %
B	de	4	6,67 %
C	com ou de, mas com sentidos distintos	11	18,33 %
D	com ou de, mas com sentidos iguais	16	16,67 %
E	nenhuma das opções	1	1,66 %
Total		60	100%

Com relação à comparação entre as opções exclusivas, dos 32 participantes que compuseram essa parte da amostra, 87,5% optaram pela preposição “com”, em detrimento da preposição “de”. O teste da binomial exata mostrou um p-valor bem menor que o nível de significância ($p = 0,000001 < 0,05$), o que indica a rejeição da hipótese nula, prevalecendo a hipótese alternativa: a proporção de respostas para a opção (a) seria superior à (b).

Em relação às proporções entre as opções inclusivas, obtivemos um p-valor maior que o nível de significância adotado ($p = 0,8761 > 0,05$), implicando assim a não rejeição da hipótese nula: a proporção de respostas para a opção (c) seria igual ou menor à da opção (d). Nesse sentido, o teste da binomial exata mostrou que a proporção de participantes que considerou as preposições “com” e “de” como tendo sentidos diferentes (40,74%) e a dos que considerou essas preposições como tendo o mesmo sentido no contexto apresentado não foi estatisticamente diferente.

3.5.3.3 Verbo “cobrir”

De modo geral, na sentença (25), com o verbo “cobrir”, observamos que a maior parte dos participantes optou pela preposição “com” (opção (a)), correspondendo a 43,33%, frente a apenas 1,67% que optou pela preposição “de” (opção (b)). Como esperado, não houve respostas referentes à opção (e).

(25) Os moradores cobriram a rua __ bandeirinhas coloridas.

Dos 60 participantes, 45% escolheram uma das opções exclusivas, em detrimento das inclusivas. Conforme o teste da binomial exata, o p-valor calculado foi maior que o nível de significância ($p = 0,8169 > 0,05$), o que implica que não há evidências estatísticas suficientes para afirmar que essa diferença é significativa.

Tabela 11 - Proporção de respostas para o verbo “cobrir” no experimento II

Opção		Frequência Absoluta	Frequência Relativa
A	Com	26	43,33 %
B	de	1	1,67 %
C	com ou de, mas com sentidos distintos	14	23,33 %
D	com ou de, mas com sentidos iguais	19	31,67 %
E	nenhuma das opções	0	0
Total		60	100%

No que se refere à comparação entre as opções exclusivas, observamos que, dos 27 participantes que compuseram essa parte da amostra, 26 escolheram a opção (a). Nesse sentido, o teste da binomial exata reforçou que a proporção de participantes que optaram pela preposição “com” foi superior à dos que optaram pela preposição “de” ($p = 0,000002 < 0,05$).

Em relação às proporções entre as opções inclusivas, 42,42% dos participantes consideraram as preposições “com” e “de” como tendo sentidos diferentes. O teste da binomial exata mostrou um p-valor maior que o nível de significância adotado ($p = 0,8519 > 0,05$). Nesse caso, não rejeitamos a hipótese nula, o que significa que a proporção de participantes que considerou as preposições “com” e “de” como tendo sentidos diferentes e a dos que considerou essas preposições como tendo o mesmo sentido no contexto apresentado não foi estatisticamente diferente.

3.5.3.4 Verbo “encher”

Quanto aos dados obtidos na sentença (26), com o verbo “encher”, observamos que a opção mais escolhida entre os participantes foi a (d), que afirma que as preposições “com” e “de” têm sentidos iguais no contexto, seguida imediatamente da opção (a), a qual representa a preposição “com”. Como esperado, não houve respostas referentes à opção (e).

(26) A Lúcia encheu a bacia ___ castanhas de caju.

Na amostra de 60 participantes, 46,66% escolheram as opções exclusivas em detrimento das inclusivas. Conforme o teste da binomial exata, o p-valor calculado foi maior que o nível de significância ($p = 0,7405 > 0,05$), o que indica que a hipótese nula não deve ser rejeitada. Em outras palavras, a proporção de respostas para as opções exclusiva foi igual ou até menor que a de opções inclusivas.

Tabela 12 - Proporção de respostas para o verbo “encher” no experimento II

Opção		Frequência Absoluta	Frequência Relativa
A	Com	19	31,67 %
B	de	9	15 %
C	com ou de, mas com sentidos distintos	12	20 %
D	com ou de, mas com sentidos iguais	20	33,33 %
E	nenhuma das opções	0	0
Total		60	100%

Com relação à comparação entre as opções exclusivas, dos 28 participantes que compuseram essa parte da amostra, 67,85% optaram pela preposição “com” em detrimento da preposição “de”. Sendo assim, o teste da binomial exata reforçou que a proporção de participantes que optaram pela preposição “com” foi superior à dos que optaram pela preposição “de” ($p = 0,0435 < 0,05$).

Quanto às opções inclusivas, apenas 37,5% dos participantes consideraram que as preposições “com” e “de” tinham sentidos diferentes no contexto apresentado. O teste da binomial exata mostrou um p-valor maior que o nível de significância adotado ($p = 0,9449 > 0,05$). Novamente, a proporção de participantes que considerou as preposições “com” e “de” como tendo sentidos diferentes e a dos que considerou essas preposições como tendo o mesmo sentido, no contexto apresentado não foi estatisticamente diferente.

3.5.3.5 Verbo “plantar”

Diante dos dados obtidos na sentença (27) com o verbo “plantar”, observamos uma tendência (63,33%) à preposição “com”, opção (a), frente a valores bem menores para as outras três opções. Confirmando nossas expectativas, não houve respostas referentes à opção (e).

(27) A menina plantou o jardim __ rosas vermelhas.

Dentre os 60 participantes, 70% escolheram as opções exclusivas. O teste da binomial exata confirmou que a proporção de participantes que escolheram as opções exclusivas foi superior à dos que optaram pela inclusivas ($p = 0,0013 < 0,05$).

Tabela 13 - Proporção de respostas para o verbo “plantar” no experimento II

Opção		Frequência Absoluta	Frequência Relativa
A	Com	38	63,33 %
B	de	4	6,67 %
C	com ou de, mas com sentidos distintos	12	20 %
D	com ou de, mas com sentidos iguais	6	10 %
E	nenhuma das opções	0	0
Total		60	100%

Dentre os participantes que escolheram as opções exclusivas, 90,47% tenderam à preposição “com”. O teste para proporções confirmou essa tendência, gerando um p-valor menor que o nível de significância ($p = 0,00001 < 0,05$).

Em relação às opções inclusivas, 66,66% dos participantes consideraram que as preposições “com” e “de” assumiam sentidos diferentes no contexto apresentado. Contudo, o teste da binomial exata revelou um p-valor maior que o nível de significância adotado ($p = 0,1189 > 0,05$), o que indica a não rejeição da hipótese nula, ou seja, a proporção de participantes que considerou as preposições “com” e “de” como tendo o mesmo sentido foi equivalente ou menor à dos que considerou essas preposições como tendo sentidos diferentes no contexto apresentado.

3.5.3.6 Verbo “revestir”

Semelhantemente às sentenças com o verbo “plantar”, observamos uma tendência expressiva (68,33%) à preposição “com”, opção (a), em (28), com o verbo “revestir”. Não houve respostas referentes à opção (e).

(28) O marceneiro revestiu o sofá __ um tecido brega.

Na comparação entre as opções exclusivas e inclusivas, verificamos que apenas 28,33% dos participantes tenderam às opções inclusivas. O resultado gerado pelo teste binomial confirmou que a proporção de opções exclusivas foi superior à proporção das inclusivas ($p = 0,0005 < 0,05$).

Tabela 14 - Proporção de respostas para o verbo “revestir” no experimento II

Opção		Frequência Absoluta	Frequência Relativa
A	Com	41	68,33 %
B	de	2	3,33 %
C	com ou de, mas com sentidos distintos	6	10 %
D	com ou de, mas com sentidos iguais	11	18,33 %
E	nenhuma das opções	0	0
Total		60	100%

Em relação às exclusivas, também foi obtido um p-valor muito baixo ($p = 0,000001 < 0,05$). Entre os 43 participantes que integraram essa parcela da amostra, 95,34% tenderam à preposição “com”.

Quanto às opções inclusivas, o teste revelou um p-valor bem maior que o nível de significância ($0,9282 > 0,05$), indicando que, nesse caso, não se deve rejeitar a hipótese nula: a proporção de respostas para a opção (c) é igual ou menor à da opção (d). Novamente, como na maioria dos outros verbos testados, a proporção de participantes que considerou as preposições “com” e “de” como tendo o mesmo sentido foi equivalente ou inferior à dos que consideraram essas preposições como tendo sentidos diferentes no contexto apresentado.

3.5.4 Análise dos resultados do experimento II

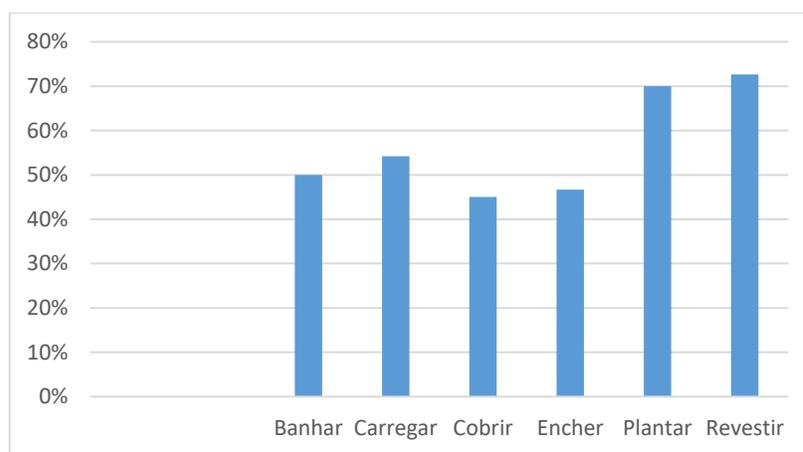
Como demonstrado na tabela a seguir, entre as quatro opções de resposta, a mais escolhida entre os participantes foi a opção (a), que se refere à preposição “com”, em quatro dos seis verbos de disposição investigados, a saber, “carregar” (46,67%), “cobrir” (43,33%), “plantar” (63,33%) e “revestir” (68,33%). A opção (c) – “com” e “de” com sentidos diferentes – foi a predominante em relação ao verbo “banhar” (38,33%) e a opção (d) – “com” e “de” com o mesmo sentido –, a predominante com o verbo “encher” (33,33%).

Tabela 15 – Comparativo entre verbos no experimento II

Opção	Verbo	banhar	carregar	cobrir	encher	plantar	revestir
A	"com"	31,67%	46,67%	43,33%	31,67%	63,33%	68,33%
B	"de"	16,67%	6,67%	1,67%	15%	6,67%	3,33%
C	"com" ou "de", mas com sentidos distintos	38,33%	18,33%	23,33%	20%	20%	10%
D	"com" ou "de", mas com sentidos iguais	10%	26,67%	31,67%	33,33%	10%	18,33%
E	Nenhuma das opções anteriores	3,33%	1,66%	0%	0%	0%	0%

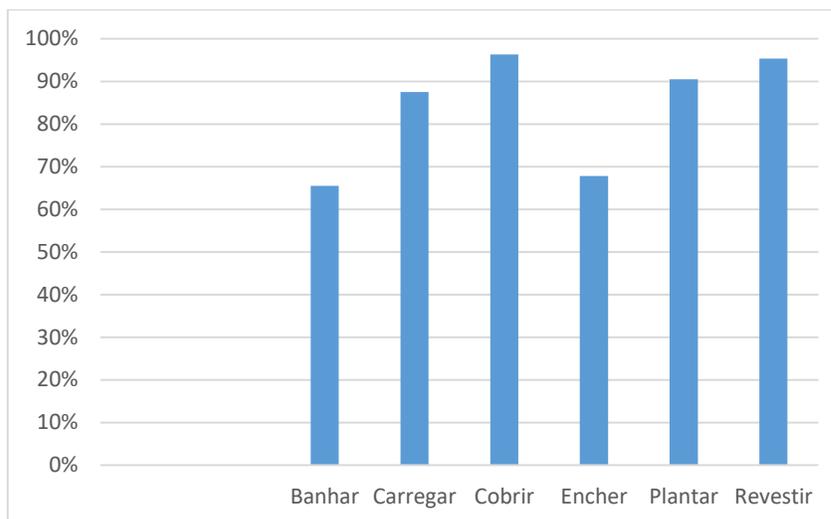
Segundo o teste da binomial exata, na comparação entre as opções exclusivas (“com” ou “de”) e inclusivas (“com” e “de”), apenas os verbos “plantar” e “revestir” apresentaram aceitabilidade maior das opções exclusivas. O verbo “carregar” não apresentou aceitabilidade significativamente superior das opções exclusivas. Por sua vez, o verbo “banhar” apresentou proporções idênticas entre opções exclusivas e inclusivas, enquanto os verbos “cobrir” e “encher” apresentaram maior aceitabilidade das opções inclusivas.

Gráfico 2 – Proporção de respostas exclusivas



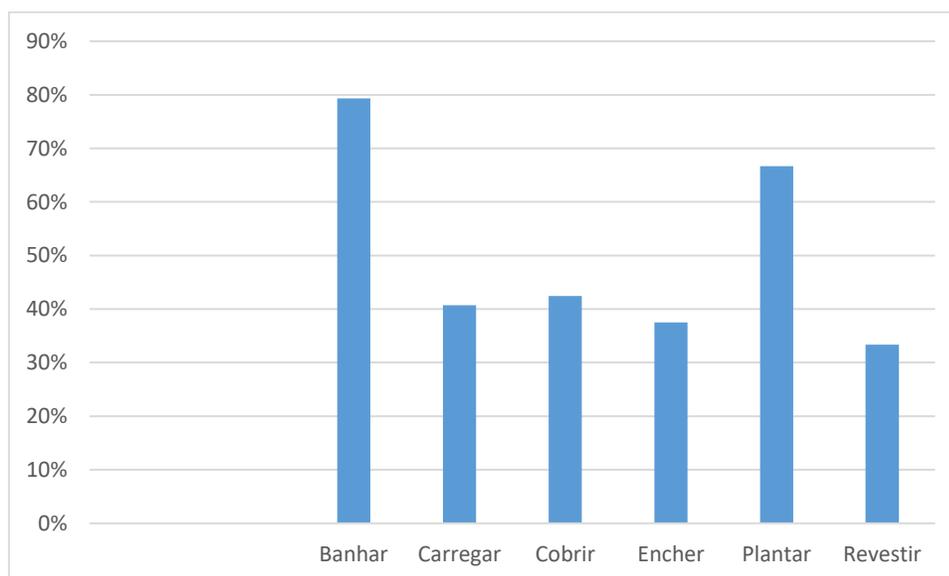
Já na comparação entre as opções exclusivas entre si, a opção (a), referente à preposição “com”, foi a mais escolhida entre todos os verbos. O teste da binomial, porém, não captou essa tendência para o verbo “banhar”.

Gráfico 3 – Proporção de respostas para a preposição “com”



Em contrapartida, na comparação entre as opções inclusivas, a opção (c), que admite ambas as preposições, mas com sentidos diferentes, prevaleceu somente com o verbo “banhar”, chegando a quase 80% do total de respostas. A opção (c) para os demais verbos ficou em torno de 40%, com exceção do verbo “plantar” (70%). Apesar da proporção de respostas para a opção (c) ter sido superior à de (d) no caso do verbo “plantar”, não foi suficientemente diferente a ponto de rejeitarmos a hipótese nula.

Gráfico 4 - Proporção de respostas para a preposições “com” e “de” em sentidos diferentes



No teste de equivalência entre as preposições “com” e “de” na alternante objeto, nossas predições foram parcialmente alcançadas. A hipótese principal, de que haveria uma oposição entre as preposições “com” e “de”, de modo que elas seriam combinadas preferencialmente com verbos específicos, só foi confirmada para os verbos “plantar” e “revestir”. De modo geral, como o experimento contemplou apenas verbos de disposição, era esperada apenas a ocorrência da preposição “com”, a qual é selecionada por esses verbos, mas isso não se confirmou, apesar dos altos índices de aceitabilidade dessa preposição em relação à preposição “de”.

Por outro lado, a hipótese de que entre as opções exclusivas, a proporção de respostas para a preposição “com” seria superior foi confirmada em quase todos os casos, exceto para o verbo “banhar”. Por fim, no que diz respeito às opções inclusivas, a hipótese era de que a proporção de respostas que admitiria ambas as preposições, porém com sentidos diferentes, também foi rejeitada, pois os dados mostram que essa opção era menor ou igual à opção que considerava ambas as preposições portadoras do mesmo sentido, com exceção do verbo “banhar”.

É interessante notar a ocorrência da preposição “de”, apesar da predominância da preposição “com”, como esperado para as línguas românicas. Em todo caso, tendo os participantes expressado uma tendência de equivalência entre ambas as preposições, ao considerar que elas conferem o mesmo sentido às sentenças, conclui-se que essas preposições estão em variação na AL do PB.⁶² Todavia, considerando a premissa de que não há sinônimos perfeitos, ou seja, dois itens lexicais com o mesmo uso em certas situações pragmáticas não têm uma representação semântica idêntica, uma vez que isso sobrecarregaria o sistema, admitimos que; são necessários mais estudos a fim de determinar a distinção semântica entre as preposições “com” e “de”. Embora, no contexto apresentado, não tenha sido identificada diferença, outros contextos podem evidenciar uma distinção latente, que deixaremos para investigações futuras.

Por ora, em relação ao papel da preposição “de”, uma hipótese preliminar seria de que o amplo uso dessa preposição no PB provocou a sua gramaticalização, de modo que ela tem sido combinada a vários verbos. Todavia, ao contrário do que ocorre no processo de gramaticalização de preposições em PB, em que ela perde seu significado original, parece que no contexto da AL, a

⁶²Todavia, a variação tomada na perspectiva paramétrica implica a análise de resultados individuais, ou seja, a investigação da gramática-I, a fim de identificar alguma competição entre gramáticas e um possível processo de mudança em curso. Deixaremos esse tipo de estudo, que implica a comparação de grupos de participantes em fases distintas de aquisição, para pesquisas futuras.

preposição “de” não exaure seu significado, mas ao contrário, contribui de alguma forma para o significado da AL, expressando a dualidade “parte/todo” ou “recipiente/conteúdo”, como advoga Ilari *et al* (2008), que constituem relações típicas da AL. Tal explicação parece razoável no sentido de que não pode ser qualquer preposição a entrar em variação com a preposição “com” na alternante objeto, mas sim, uma preposição que, expressando as noções de “recipiente/conteúdo”, é compatível com a AL.

De todo modo, a interpretação atribuída a cada uma das preposições no contexto da AL carece de investigação mais profunda, podendo, eventualmente, partir de um traço aspectual/télico relacionado às interpretações holística/partitiva ou de uma interpretação metonímica relacionando continência e conteúdo, de tal forma que a preposição “com” acarretaria essa interpretação e a preposição “de” não necessariamente.

Além disso, é necessário analisar os resultados por participante no sentido de verificar se o mesmo falante usa indiscriminadamente as preposições “com” e “de” ou se usa categoricamente apenas uma ou outra, a fim de reforçar a hipótese de variação entre essas preposições na alternante objeto. Uma vez verificada a preferência de uma preposição em detrimento da outra em perfis específicos de participantes, isso pode nos indicar algum indício de mudança linguística. Essas são, entretanto, especulações, sobre as quais nos debruçaremos em pesquisas futuras.

3.6 EXPERIMENTO III: INTERPRETAÇÃO HOLÍSTICA/PARTITIVA ENTRE AS ALTERNANTES

O problema que motivou o desenvolvimento desse experimento refere-se ao efeito holístico/partitivo relacionado à alternância locativa com verbos de disposição, descrito em várias línguas. Tal efeito assume que há uma interpretação partitiva associada à alternante oblíqua, em contraste com uma interpretação holística (de evento completo) da alternante objeto (ANDERSON, 1971). No entanto, acreditamos que essa não é uma distinção trivial no PB, uma vez que a alternante objeto é ambígua, podendo assumir também uma leitura partitiva. Dessa forma, o intuito desse experimento foi averiguar se a ambiguidade holística/partitiva está realmente presente na alternante objeto de verbos de disposição em PB.

3.6.1 Delineamento experimental

O terceiro experimento consiste numa versão adaptada do teste de julgamento do valor da verdade (TJVV), considerando que a versão tradicional desse tipo de teste apresenta apenas duas opções de resposta – verdadeiro ou falso –, mas a nossa versão apresenta quatro opções – apenas a interpretação partitiva (opção (a)) é verdadeira; apenas a interpretação holística (opção (b)) é verdadeira; ambas as interpretações são verdadeiras (opções (c)); ou nenhuma das interpretações é verdadeira (opção (d)). Alternativamente, esse experimento também pode ser identificado como um teste de correspondência entre imagens, pois, ao serem expostos a uma sentença e duas figuras, os participantes devem escolher qual delas melhor corresponde à descrição da sentença.

Os participantes foram expostos a uma situação de mundo ilustrada, seguida de uma sentença escrita do tipo “Fulano pediu que Ciclano fizesse X com Y”. Em seguida, mais duas figuras foram exibidas, uma favorecendo a interpretação partitiva (figura 1) e outra favorecendo a interpretação holística (figura 2). Finalmente, o participante foi questionado sobre a veracidade da situação por meio de uma pergunta do tipo “Em qual das figuras (figura 1 ou figura 2) Ciclano fez o que Fulano pediu?”. Entre as opções disponíveis, há duas respostas exclusivas, ou seja, apenas uma das figuras é verdadeira no contexto apresentado, uma opção em que as duas figuras são verdadeiras e ainda uma quarta, em que nenhuma das figuras é verdadeira. Compõem o experimento 18 situações, como a representada na Figura 3. Dentre as sentenças distratoras, parte apresentava respostas propositalmente ambíguas e parte direcionava a uma resposta unívoca, de modo a manter o participante atento e evitar um possível efeito de padrão único de resposta. As ilustrações foram encomendadas sob medida a um *designer* gráfico, cujos direitos autorais foram gentilmente cedidos. Todos os estímulos utilizados nesse experimento encontram-se no apêndice.

Figura 3 – Exemplo de tarefa do experimento III

Considere o contexto a seguir:

A moça pediu que a costureira cobrisse o vestido com pluma de ganso.




Em qual das figuras, a costureira fez o que a moça pediu?

Figura 1



Figura 2



Somente na Figura 1

Somente na Figura 2

Nas Figuras 1 e 2

Em Nenhuma das duas figuras

As sentenças formuladas para esse experimento empregaram o mesmo conjunto de verbos utilizados no experimento II (cf. Quadro 3), com a mesma proporção de sentenças-alvo para distratoras (1 X 2).

Quanto ao tratamento dos estímulos/sentenças, o contexto inicial deveria gerar duas possibilidades de interpretação e, por isso, formulamos sentenças no modo subjuntivo, o que nos levou a recorrer a uma estrutura complexa, como em "Maria pediu que João enchesse o copo de

vinho". As sentenças-matriz apresentam sujeito animado e um verbo diretivo ilocucionário no pretérito perfeito do indicativo. As sentenças encaixadas apresentam um sujeito igualmente animado com verbos no pretérito imperfeito do subjuntivo. A estrutura do predicado das sentenças-alvo foi controlada para que o tipo de argumento interno não agisse como uma variável indesejada para o teste. Assim, os predicados relevantes seguiram o padrão: artigo + Locativo singular + com + Tema + AP, como em "a taça com vinho tinto". Adicionalmente, as sentenças denotam significado literal e apresentam uma extensão média de 10 a 13 itens lexicais cada. As sentenças foram randomizadas.

Por ora, ignoramos a variação relatada anteriormente entre as preposições “com” e “de” na estrutura alternante objeto e formulamos todas as sentenças, utilizando a preposição “com”, conforme reportado na literatura, uma vez que a seleção da preposição não era o foco nesse experimento, mas sim no experimento II.

Diante do delineamento projetado, nossas previsões para esse experimento podem ser assim resumidas:

- a) A prevalência da opção (a) favorece uma interpretação partitiva da alternante objeto em PB, contrariando a oposição holístico/partitivo relatada na literatura sobre alternância locativa;
- b) A prevalência da opção (b) favorece uma interpretação holística da alternante objeto, reforçando a oposição holístico/partitivo relatada na literatura sobre AL;
- c) A predominância da opção (c) sugere ambiguidade na interpretação da alternante objeto em PB, colocando em xeque a oposição holístico/partitivo relatada na literatura sobre AL;
- d) Um índice superior da opção (d) sugere que o participante não associou a questão a nenhuma das interpretações propostas (indica uma possível falha na interpretação do teste ou alguma falha na sua elaboração).

Nossa hipótese é a de que o suposto efeito holístico/partitivo não é um fator crucial na distinção entre as estruturas alternantes da alternância locativa no PB, uma vez que a alternante objeto compreende, além da leitura holística padrão, uma leitura partitiva.

3.6.2 Metodologia estatística

O experimento III apresentava características análogas às do experimento II, no que se refere ao tipo de variável e à distribuição binomial. Portanto, aplicamos o teste da binomial exata para analisar os dados obtidos. Nesse caso, esse teste foi empregado a fim de verificar as proporções atribuídas pelos participantes para cada opção de resposta em relação à interpretação do contexto prévio, por meio das figuras apresentadas.

A fim de atender ao requisito básico do teste binominal, a binariedade, tivemos que agrupar as opções de respostas e replicar o teste. Num primeiro momento, comparamos as proporções de respostas assinaladas para as opções exclusivas, ou seja, somente uma das figuras corresponde ao contexto apresentado, em relação à opção ambígua, em que ambas as figuras correspondem ao contexto. Num segundo momento, a comparação deu-se entre as duas opções exclusivas, sendo a primeira figura correspondente à interpretação partitiva e a segunda figura, à holística. A quarta opção, a qual rejeita qualquer uma das interpretações anteriores, não foi computada para o cálculo das proporções.

No primeiro teste, a opção ambígua (ambas as figuras) foi designada como sucesso, enquanto as opções exclusivas (figura 1 e figura 2) foram tomadas como fracasso. Sendo esse primeiro teste unilateral, há uma expectativa em relação a uma das variáveis, pois considerou-se que a proporção de respostas para a opção ambígua seria maior que a das opções inclusivas. Desse modo, a hipótese alternativa admitia que a proporção de respostas para a opção ambígua (opção (c)) seria maior que as das exclusivas (opções (a) ou (b)); consequentemente, a hipótese nula admitia que a proporção de respostas para a opção ambígua (opção (c)) seria menor ou igual que as das exclusivas (opções (a) ou (b)), isto é:

$$H_0: P(c) \leq P(a+b)$$

$$H_1: P(c) > P(a+b)$$

No segundo teste, a opção correspondente à interpretação holística (figura 2) foi considerada como sucesso, enquanto a correspondente à interpretação partitiva (figura 1) foi considerada como fracasso. Sendo esse segundo teste bilateral, ou seja, não havia expectativa alguma sobre a prevalência de uma das variáveis, a hipótese nula considerou que as proporções de respostas para a opção holística (opção (b)) e para a opção partitiva (opção (a)) seriam iguais

(pressupondo que qualquer uma das duas interpretações seja possível). Desse modo, a hipótese alternativa considerou que essas proporções seriam diferentes, isto é:

$$H_0: P(b) = P(a)$$

$$H_1: P(b) \neq P(a)$$

Para identificar qual seria a interpretação predominante, basta identificar a proporção de sucesso de (b) na amostra. Todos os testes foram executados com um nível de confiança de 95%.

3.6.3 Resultados

Nas subseções seguintes descrevemos os resultados do teste da binomial exata para cada um dos seis verbos de disposição investigados, em relação à interpretação holística/partitiva das sentenças.

3.6.3.1 Verbo “banhar”

De modo geral, a sentença com o verbo “banhar” em (29) apresentou interpretação holística (opção (b)) de 83,33% dos 60 participantes do experimento. A interpretação partitiva (opção (a)) e a ambígua (opção (c)) diferiram minimamente, como se pode verificar na tabela 16.

(29) O prefeito ordenou que o artista banhasse a estátua com ouro 18 quilates..

Houve, ainda, três participantes que optaram pela opção (d) – nenhuma das opções anteriores –, a qual foi desconsiderada para o cálculo das proporções dos testes de hipótese descritos a seguir, uma vez que essa opção era apenas para efeito de controle.

Tabela 16 - Proporção de respostas para o verbo “banhar” no experimento III

Opção		Frequência Absoluta	Frequência Relativa
A	Interpretação partitiva	3	5 %
B	Interpretação holística	50	83,33 %
C	Interpretação ambígua	4	6,67 %
D	Nenhuma	3	5 %
Total		60	100%

Na comparação entre as opções exclusivas (a) e (b) e a opção ambígua (c), apenas 7,02% dos participantes optaram pela ambígua. O p-valor foi maior que o nível de significância ($p = 1 > 0,05$), isto é, a hipótese nula não foi rejeitada: a proporção de respostas para a opção ambígua, (opção (c)) é igual ou menor que as proporções das respostas exclusivas (opções (a) ou (b)).

Na comparação das opções exclusivas entre si, o p-valor foi menor que o nível de significância ($p = 0,000001 < 0,05$), de forma que rejeitamos a hipótese nula e consideramos a hipótese alternativa: as proporções de respostas para a opção holística (opção (b)) e para a opção partitiva (opção (a)) são diferentes. A interpretação holística (opção (b)) foi superior (94,34%) à partitiva (opção (a)).

3.6.3.2 Verbo “carregar”

A sentença (30), com o verbo “carregar”, teve a maior parte das respostas concentrada na interpretação ambígua (opção (c)), seguida da holística (opção (b)), como consta na tabela 17. Desconsideramos as respostas referentes à opção (d) para o cálculo estatístico.

(30) O patrão mandou que o empregado carregasse o caminhão com areia branca.

Tabela 17 - Proporção de respostas para o verbo “carregar” no experimento III

Opção		Frequência Absoluta	Frequência Relativa
A	Interpretação partitiva	5	8,33 %
B	Interpretação holística	19	31,67 %
C	Interpretação ambígua	33	55 %
D	Nenhuma	3	5 %
Total		60	100%

Na comparação entre as opções exclusivas (a) e (b) e a opção ambígua (c), 57,89% dos participantes optaram pela ambígua. Porém, o p-valor obtido foi maior que o nível de significância ($p = 0,1446 > 0,05$), o que implica a não rejeição da hipótese nula, isto é: a proporção de respostas para a opção ambígua, (opção (c)) não é suficientemente maior que as das exclusivas (opções (a) ou (b)).

Quanto às opções exclusivas entre si, obtivemos um resultado de $p = 0,0066 < 0,05$, de forma que rejeitamos a hipótese nula e consideramos a hipótese alternativa: as proporções de respostas para a opção holística (opção (b)) e para a opção partitiva (opção (a)) são diferentes. A interpretação holística (opção (b)) foi superior (79,17%) à partitiva (opção (a)).

3.6.3.3 Verbo “cobrir”

A sentença (31), com o verbo “cobrir”, teve as respostas concentradas na interpretação holística (opção (b)), correspondente a 60% dos participantes, seguida da interpretação ambígua (opção (c)), correspondente a quase 37%, como consta na tabela 18. Desconsideramos uma resposta referente à opção (d) para os cálculos estatísticos.

(31) A moça pediu que a costureira cobrisse o vestido com pluma de ganso.

Tabela 18 - Proporção de respostas para o verbo “cobrir” no experimento III

Opção		Frequência Absoluta	Frequência Relativa
A	Interpretação partitiva	1	1,67 %
B	Interpretação holística	36	60 %
C	Interpretação ambígua	22	36,67 %
D	Nenhuma	1	1,67 %
Total		60	100%

Na comparação entre as opções exclusivas (a) e (b) e a opção ambígua (c)), pouco mais de 37% dos participantes optaram pela ambígua. O p-valor obtido foi maior que o nível de significância ($p = 0,9818 > 0,05$). Novamente, não rejeitamos a hipótese nula: a proporção de respostas para a opção ambígua, (opção (c)) é igual ou menor que as proporções das respostas exclusivas (opções (a) ou (b)).

Por outro lado, entre as opções exclusivas, o teste da binomial mostrou que a interpretação holística (opção (b)) foi superior (97,30%) à partitiva (opção (c)), com $p = 0,000001 < 0,05$. Novamente, rejeitamos a hipótese nula e consideramos a hipótese alternativa: as proporções de respostas para a opção holística (opção (b)) e para a opção partitiva (opção (a)) são diferentes.

3.6.3.4 Verbo “encher”

Em (32), o verbo “encher” também apresentou predominância da interpretação holística (opção (b)), correspondente a 55% dos participantes, seguida da interpretação ambígua (opção (c)), correspondente a 41,67%. A interpretação partitiva teve expressividade mínima na amostra de 60 participantes, equiparando-se à opção de controle (d), a qual foi desconsiderada para os cálculos estatísticos. A síntese dos resultados encontra-se na tabela 19.

(32) A Maria pediu que o João enchesse a taça com vinho tinto.

Tabela 19 - Proporção de respostas para o verbo “encher” no experimento III

Opção		Frequência Absoluta	Frequência Relativa
A	Interpretação partitiva	1	1,67 %
B	Interpretação holística	33	55 %
C	Interpretação ambígua	25	41,67 %
D	Nenhuma	1	1,67 %
Total		60	100%

Em relação à comparação entre as opções exclusivas (a) e (b) e a opção ambígua (c), 42,37% dos participantes optaram pela ambígua. O teste da binomial forneceu um p-valor maior que o nível de significância ($p = 0,9037 > 0,05$), o que implica a não rejeição da hipótese nula, isto é, a proporção de respostas para a opção ambígua, (opção (c)) é igual ou menor que as proporções das respostas exclusivas (opções (a) ou (b)).

Em contrapartida, entre as opções exclusivas, o teste da binomial mostrou que a interpretação holística foi superior (97,3%) à partitiva ($p = 0,000001 < 0,05$), implicando a rejeição da hipótese nula, pois, conforme previsto na hipótese alternativa, há diferença entre as proporções de respostas para a opção holística (opção (b)) e para a opção partitiva (opção (a)).

3.6.3.5 Verbo “plantar”

A sentença com o verbo “plantar”, reportada em (33), assim como com os três últimos verbos reportados, também apresentou predominância da interpretação holística (opção (b)), correspondente a 68,33% dos participantes, seguida da interpretação ambígua (opção (c)), correspondente 21,67%. Não houve respostas para a opção de controle (d). A síntese dos resultados encontra-se na tabela 20.

(33) O presidente da confederação mandou que plantassem o campo com grama.

Tabela 20 - Proporção de respostas para o verbo “plantar” no experimento III

Opção		Frequência Absoluta	Frequência Relativa
A	Interpretação partitiva	6	10 %
B	Interpretação holística	41	68,33 %
C	Interpretação ambígua	13	21,67 %
D	Nenhuma	0	0
Total		60	100%

Quanto à comparação entre as opções exclusivas (a) e (b) e a opção ambígua (c), apenas 21,67% dos 60 participantes optaram pela ambígua. O teste da binomial forneceu um p-valor maior que o nível de significância ($p = 1 > 0,05$), o que implica a não rejeição da hipótese nula: a proporção de respostas para a opção ambígua, (opção (c)) é igual ou menor que as proporções das respostas exclusivas (opções (a) ou (b)).

Em contrapartida, entre as opções exclusivas, 87,23% dos 47 participantes que compuseram essa parte da amostra optaram pela interpretação holística. Desse modo, o teste da binomial mostrou que a interpretação holística foi superior (87,23%) à partitiva ($p = 0,000001 < 0,05$), implicando mais uma vez a rejeição da hipótese nula e a aceitação da hipótese alternativa, ou seja, as proporções de respostas para a opção holística (opção (b)) e para a opção partitiva (opção (a)) diferem.

3.6.3.6 Verbo “revestir”

A sentença (34), com o verbo “revestir”, assim como as com o verbo “banhar”, apresentou predominância da interpretação holística (opção (b)), correspondente a 50% dos participantes, seguida da interpretação ambígua (opção (c)), correspondente 45%. Houve uma resposta para a opção de controle (d), que foi desconsiderada dos cálculos estatísticos, como se pode verificar na tabela 21.

(34) A Bia pediu que o decorador revestisse a parede com papel estampado.

Tabela 21 - Proporção de respostas para o verbo “revestir” no experimento III

Opção		Frequência Absoluta	Frequência Relativa
A	Interpretação partitiva	2	3,33 %
B	Interpretação holística	30	50 %
C	Interpretação ambígua	27	45 %
D	Nenhuma	1	1,67 %
Total		60	100%

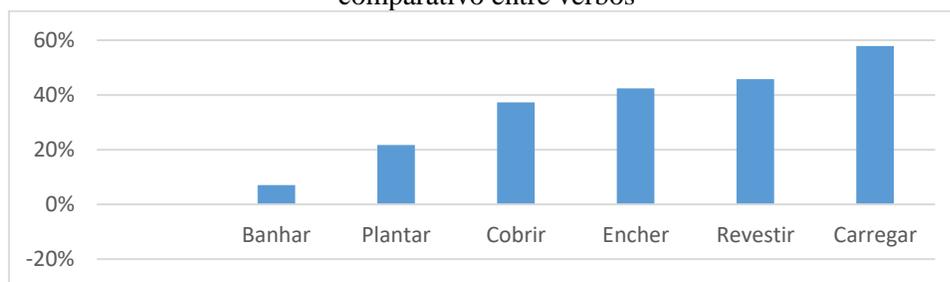
Entre as opções exclusivas (a) e (b) e a opção ambígua (c), 45,76% dos 59 participantes optaram pela ambígua. Diante desses resultados, o teste da binomial revelou que a proporção de interpretações ambíguas é inferior às proporções de interpretações holística e partitiva a um p-valor maior que o nível de significância ($p = 0,7825 > 0,05$), o que implica a não rejeição da hipótese nula, ou seja, a proporção de respostas para a opção ambígua, (opção (c)) é igual ou menor que as proporções das respostas exclusivas (opções (a) ou (b)).

Na comparação das opções exclusivas entre si, o p-valor foi menor que o nível de significância ($p = 0,000002 < 0,05$), de forma que rejeitamos a hipótese nula e consideramos a hipótese alternativa: as proporções de respostas para a opção holística (opção (b)) e para a opção partitiva (opção (a)) são diferentes. A interpretação holística (opção (b)) foi superior (93,75%) à partitiva (opção (a)).

3.6.4 Análise dos resultados do experimento III

Conforme a percepção dos participantes, somente o verbo “carregar” superou a proporção de respostas ambíguas (57,89%) em relação às respostas exclusivas. Todos os demais cinco verbos apresentaram um percentual menor de respostas ambíguas, opção (c), em relação às exclusivas, como se verifica no gráfico abaixo:

Gráfico 5 - Proporção de respostas ambíguas: comparativo entre verbos

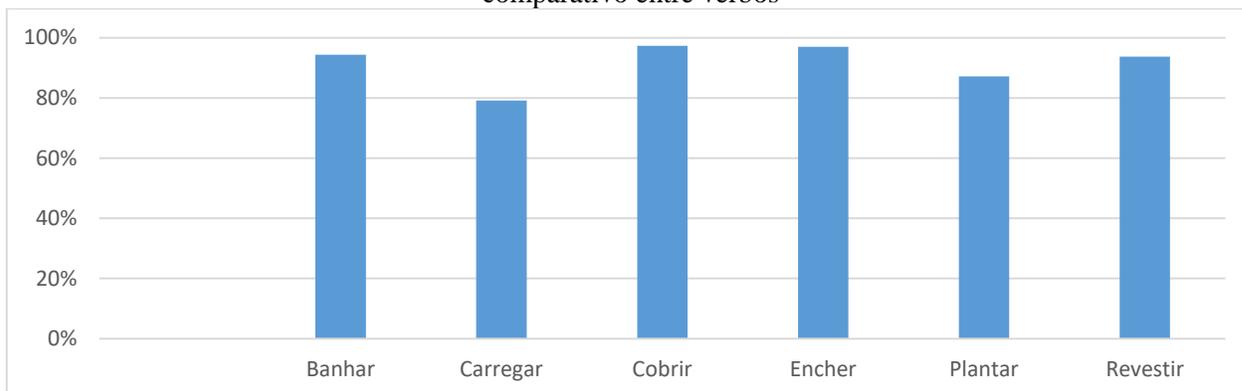


Mesmo no caso do verbo “carregar”, em que a proporção de respostas ambíguas é maior que a de respostas exclusivas, o teste da binomial exata revelou que tal diferença não era suficientemente significativa. Desse modo, não rejeitamos a hipótese nula para nenhum dos seis verbos investigados, pois ela previa que a proporção de respostas para a opção ambígua, opção (c), seria menor ou igual que as das exclusivas, opções (a) ou (b).

Contudo, o somatório de respostas para cada uma das opções foi bem próximo: partitiva (107 respostas), holística (120 respostas) e ambígua (124 respostas). Isso indica que a interpretação ambígua está presente e carece de estudos adicionais para melhor caracterizá-la.

Sobre a comparação entre a proporção de participantes que escolheu entre as opções holística e partitiva, todos os seis verbos investigados apresentaram proporção de respostas para a opção holística (opção b) maior que a proporção de respostas para a opção partitiva (opção a), superando 70% das respostas, como demonstra o gráfico a seguir:

Gráfico 6 - Proporção de respostas holísticas:
comparativo entre verbos



Os percentuais reportados no gráfico 6 foram confirmados pelo teste da binomial exata, que revelou que deveríamos rejeitar a hipótese nula, qual seja: as proporções de respostas para a opção holística (opção (b)) e para a opção partitiva (opção (a)) seriam iguais, uma vez que os resultados confirmam a literatura a respeito, a qual considera que a estrutura alternante LOD favorece uma interpretação holística.

Uma vez que o efeito holístico/partitivo é de reconhecimento muito sutil, mesmo em situações de maior reflexão sobre o fenômeno, acreditamos que um experimento com método *online* consiga captar mais precisamente esse tipo de diferença na mente do falante. Sentenças ambíguas têm um processamento reconhecidamente mais custoso, portanto, a variável tempo pode constituir uma ferramenta relevante nessa investigação.

Cabe, ainda, retomar a discussão sobre a codificação da interpretação holística como uma propriedade lexical do significado verbal, pois alguns verbos parecem favorecer uma interpretação holística qualquer que seja a configuração dos argumentos internos, como “encher”, “cobrir” e “banhar”, em que a preferência é sempre holística, o que parece pressupor uma leitura de completude própria da raiz desses verbos. Além disso, maioria dos verbos selecionados (“cobrir”, “plantar”, “revestir” e “banhar”) denotam, geralmente, um evento de executar uma ação sobre uma superfície, o que também pode favorecer a ideia de completude.

3.7 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Neste capítulo, buscamos um refinamento da descrição da AL no PB, guiados pelas principais características desse fenômeno em outras línguas. Buscamos verificar, por meio de uma metodologia experimental, propriedades da AL nessa língua, nomeadamente:

- a) Influência do traço de número na interpretação (locativa ou genitiva) do Tema, supostamente relacionada à característica da possibilidade de apagamento do determinante diante do Tema na alternante oblíqua (experimento I);
- b) Possibilidade de ocorrência da preposição “de” na alternante objeto e sua equivalência com a preposição “com”, em termos do sentido veiculado (experimento II);
- c) Ambiguidade da alternante objeto em relação ao efeito holístico-partitivo (experimento III).

Empregamos a técnica de julgamento de aceitabilidade de sentenças na coleta de dados e, na análise, empregamos o método da estatística inferencial. Uma vez delineados os experimentos, justificamos o teste de hipótese aplicado em cada um, a saber: o teste de Wilcoxon para o experimento I e o teste da binomial exata para os experimentos II e III.

Quanto aos resultados, nossa hipótese de trabalho para o experimento I, que previa que a aceitabilidade da estrutura LOD seria maior com Tema na condição plural porque esse contexto favoreceria a leitura locativa (desfazendo a ambiguidade genitivo/Locativo), foi confirmada pelos testes estatísticos.

No experimento II, nossa hipótese de trabalho sobre a prevalência da preposição “com” e “de” em relação a apenas alguns verbos, foi confirmada apenas em relação aos verbos “plantar” e “revestir”, indicando que a literatura acerca do tema se confirma em relação ao caráter adicional da preposição “de”. A respeito da preposição mais aceita, a preposição “com” foi significativamente mais aceita do que “de”, indicando que “de” não é uma preposição típica para as estruturas de AL no PB, mas sim, uma preposição adicional. No que tange à equivalência de sentido entre essas preposições, nossas expectativas eram de que elas não teriam sentidos equivalentes. Contudo, nossa hipótese não foi confirmada, exceto para o verbo “banhar”.

No experimento III, nossa hipótese era que as sentenças seriam interpretadas majoritariamente como ambíguas, isto é, tanto em uma acepção holística quanto em uma acepção partitiva. Todavia, o teste não confirmou nossa hipótese de trabalho para nenhum dos seis verbos de remoção investigados. Em relação à oposição entre as interpretações holística e partitiva,

constatamos que a primeira foi mais aceita que a segunda em todos os casos. Contudo, como houve um número expressivo de interpretações partitivas, fica evidente que essa leitura também é possível para a alternante objeto no PB. Os resultados dos três experimentos encontram-se no quadro a seguir:

Quadro 4 – Síntese das hipóteses de trabalho e resultados para os verbos investigados

Hipóteses de trabalho	Verbos investigados					
	retirar	afastar	limpar	libertar	extrair	remover
Experimento I						
Tema plural > Tema singular	X	X	X		X	X
Experimento II	banhar	carregar	cobrir	encher	plantar	revestir
“com” e “de” > somente “com” e somente “de”					X	X
somente “com” > somente “de”	X	X	X	X	X	X
“com” e “de” em sentidos distintos > “com” e “de” em sentidos iguais	X					
Experimento III	banhar	carregar	cobrir	encher	plantar	revestir
ambígua > interpretação partitiva ou interpretação holística						
holística > partitiva	X	X	X	X	X	X

Para além da determinação do Tema, o experimento I reforçou a possibilidade da leitura locativa, demonstrando que as duas alternantes da AL são possíveis no PB. Por sua vez, o experimento II indicou que a preposição em cada alternante exerce um papel fundamental para a derivação das estruturas. No capítulo seguinte, será dado um tratamento das preposições típicas em LOD e LOB em termos de um núcleo funcional aplicativo, um recurso teórico que consideramos adequado tanto para o licenciamento de dois argumentos na sentença, ratificando o estatuto de argumento interno do oblíquo; quanto para dar conta da relação conceitual envolvida na alternância locativa (posse/existência).

A principal contribuição do experimento III para a análise das estruturas alternantes refere-se à realização de um traço relativo à telicidade do evento. Tendo em vista que a interpretação holística é alcançada na maioria das vezes, mas que ela não é exclusiva, ou seja, não descarta a possibilidade de uma leitura partitiva, como ficou evidenciado nesse experimento, é necessário explicar porque, em PB, assim como nas demais línguas românicas, esse efeito não é categórico, enquanto em outras línguas, tal efeito apresenta, inclusive, expressão morfológica, como no caso dos sintagmas resultativos (cf. seção 1.1). Os núcleos aspectuais captam essa distinção

translinguística, no sentido de que eles são as projeções onde os traços operam via movimento para produzir dada interpretação em dadas línguas, enquanto, em outras, esse traço não está ativo, dependendo em alguns casos da especificação lexical ou, do contexto pragmático.

Diante dos resultados aqui discutidos e suas repercussões teóricas, retomaremos, no capítulo seguinte, as principais questões de pesquisa mencionadas nos capítulos 1 e 2, relacionando-as com os dados coletados neste capítulo, a fim de propor uma análise da AL para o PB.

CAPÍTULO 4

EM DIREÇÃO A UMA ANÁLISE DA ALTERNÂNCIA LOCATIVA EM PORTUGUÊS BRASILEIRO

Remontando ao objetivo central deste trabalho, qual seja: “investigar e descrever as propriedades semânticas envolvidas na alternância locativa e como elas são interpretadas pela sintaxe, gerando diferentes configurações estruturais no PB”, este capítulo visa retomar a problemática pertinente à alternância (AL) em geral, além de contemplar outras questões da AL relacionadas especificamente ao PB, por meio das seguintes questões de pesquisa:

(i) Problema do mapeamento: quais são as propriedades preponderantes, capazes de distinguir os predicados alternantes dos não alternantes na AL, e qual a natureza de tais propriedades?

(ii) Problema da interpretação: como são interpretados os argumentos internos nas estruturas alternantes? Qual conteúdo semântico subjaz a cada estrutura alternante? O contraste semântico entre as alternantes da AL pode ser realmente definido em termos de efeito holístico-partitivo?

(iii) Problema da identidade: as estruturas alternantes são geradas independentemente na sintaxe ou uma deriva da outra?

Cada uma das questões mencionadas acima implica uma série de outras perguntas que guiam nossas reflexões e cujas respostas estão fundamentadas, tentativamente, nos resultados obtidos nos experimentos, reportados no capítulo 3. Especificamente, o experimento I relaciona-se com o problema da interpretação, uma vez que explicita e reforça a existência de uma leitura locativa das alternantes. Por sua vez, o experimento II relaciona-se ao problema do mapeamento e ao da identidade, pois, conforme nossa análise, as preposições selecionadas pelos verbos geram cada uma das estruturas alternantes independentemente, ocupando a posição de núcleo aplicativo. Por seu turno, o experimento III dialoga com o problema da interpretação, ao indicar que o traço responsável pela interpretação holística está ativo de forma categórica apenas em algumas línguas, onde é checado por movimento em projeções aspectuais (nos termos de Arad (1996)).

Uma vez que todas essas questões estão relacionadas em diferentes níveis, organizamos o capítulo como segue: iniciamos retomando a descrição da AL no PB e damos sequência à análise da problemática da interpretação, seguida da problemática da identidade e do mapeamento porque, de certa maneira, são decorrentes da interpretação, em uma interface entre sintaxe e semântica.

4.1 A EXPRESSÃO GRAMATICAL DA ALTERNÂNCIA LOCATIVA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Nesta seção discutimos algumas propriedades morfossintáticas que caracterizam as estruturas alternantes da AL no português brasileiro (PB), de acordo com os resultados alcançados no capítulo 3.

4.1.1 Sobre o apagamento do determinante no Tema

Uma das características notáveis da AL nas línguas românicas e germânicas (reportadas no capítulo 1) é o apagamento do determinante precedendo o Tema com verbos de ambas as classes (remoção e disposição). Segundo a literatura, as línguas germânicas revelam esse comportamento especialmente na alternante LOB, em (1a), enquanto as românicas exibem tal comportamento em relação à alternante LOD, em (2a).

(1) a. Jack sprayed paint on the wall.
 Jack chapiscou tinta sobre o muro
 ‘Jack chapiscou tinta no muro’

b. Jack sprayed the wall with paint.
 Jack chapiscou o muro com tinta
 ‘Jack chapiscou o muro com tinta’

(LEVIN, 1993, p. 51)

(2) a. Caricare il/la/i fieno/libri/carbone/latte/sabbia sul camion.
 carregar ARTD feno, livros, carvão, leite, areia no caminhão
 ‘Carregar o feno, os livros, o carvão, o leite, a areia no caminhão’

b. Caricare il camion di fieno/libri/carbone/latte/sabbia.
 carregar o caminhão de feno, livros, carvão, leite, areia
 ‘Carregar o caminhão de feno, livros, carvão, leite, areia’

(LENCI, 2012, p. 17)

Outra restrição apontada para o espanhol diz respeito ao fato de que o determinante no argumento Tema só é exigido se o este for especificado (CIFUENTES, 2008), como em (3).

- (3) a. Absolvió su alma de pecados.
absolveu sua alma de pecados
'Absolveu sua alma de pecados'
- b. Absolvió su alma de los pecados cometidos en su juventud.
absolveu sua alma de os pecados cometidos em sua juventude
'Absolveu sua alma dos pecados cometidos em sua juventude'

(CIFUENTES, 2008, p. 62)

No que tange o PB, ao manipularmos os dados extraídos do experimento II, observamos que as sentenças apresentam um padrão que corrobora essa generalização: cinco Temas estavam no plural e dispensaram o determinante (a exemplo de (4)) e um Tema no singular, especificado e com determinante (cf. (5)).

- (4) O Roberto carregou a traseira da van com/de brinquedos.
- (5) O marceneiro revestiu o sofá com/de um tecido brega.

Contudo, os dados (6)-(8) mostram que a generalização de Cifuentes, “o argumento Tema só exige determinante se também estiver especificado”, não é a única restrição entre determinante e Tema, que se aplica ao PB. Os dados (6)-(8), extraídos do experimento III, mostram que Temas massivos podem dispensar o determinante, mesmo quando especificados, contrariando a previsão do autor:

- (6) A Maria pediu que o João enchesse a taça com (o) vinho (tinto).
- (7) O patrão mandou que o empregado carregasse o caminhão com (a) areia (branca).
- (8) O prefeito ordenou que o artista banhasse a estátua com (o) ouro (18 quilates).

Ademais, observamos também que os Temas nos dados (1) e (2), do inglês e do italiano, respectivamente, são do tipo massivo ou plural (cf. *libri* ‘livros’, em (2)), que também pode ser interpretado como massivo, devido à noção de conjunto que denota. Diante de tais evidências translinguísticas, podemos cogitar outra generalização em relação ao apagamento do determinante

no Tema em construções da AL: Temas representados por nomes contáveis no singular requerem determinante, ao passo que este é opcional para Temas contáveis no plural ou para nomes massivos.

Essa generalização traz à tona uma fragilidade do experimento I, pois parece que os traços de singular/plural concorrem com os de contável/massivo, nos estímulos apresentados. Essa possível interferência explica porque os índices de aceitabilidade do Tema na condição plural foram tão superiores aos da condição singular, quer dizer, os falantes podem ter realizado uma analogia do plural de nomes contáveis com os nomes massivos, que permitem o apagamento do determinante.

Embora seja necessário recorrer, no futuro, a experimentos suplementares em que esses dois fatores sejam observados separadamente para verificar o nível de interação entre essas variáveis (massivo vs. contável, de um lado, e contável singular vs. contável plural, de outro), o experimento I mostrou-se útil por relacionar a leitura de plural (contável ou massivo) com a ambiguidade genitivo/Locativo, tendo em vista que, de acordo com a nossa hipótese, o Tema plural elimina a interpretação genitiva na alternante oblíqua com verbos de remoção da AL no PB. De modo geral, podemos afirmar que as generalizações em relação ao argumento Tema (especificado ou não; contável ou massivo) reiteram a ideia de que as línguas românicas apresentam mais restrições com relação à alternância locativa.

Outro contraste interessante entre as estruturas alternantes de AL foi apontado por Lenci (2012) para os verbos de disposição no italiano e diz respeito ao contraste de leitura figurada ou física, associada à determinada alternante. Segundo o autor, a estrutura LOD de verbos de disposição combina-se preferencialmente com nomes em sentido figurado (cf. (9)), ao passo que LOB combina-se preferencialmente com nomes em sentido físico (cf. (10)), ao ponto de os nomes figurados rejeitarem a posição de complemento verbal, em casos como o de (11).

- (9) Caricare il voto di significato politico
 carregar o voto de significado político
 ‘Carregar o voto de significado político’

- (10) Gianni ha caricato il fieno sul camion.
 Gianni AUX carregado o feno em caminhão
 ‘Gianni carregou o feno no caminhão’

(LENCI, 2012, p. 16)

- (11) a. caricare la vita umana di significato.
 carregar a vida humana de significado
 ‘carregar a vida humana de significado’
- b. ?? caricare il significato sulla vita umana.
 carregar o significado em ARTD vida humana
 ‘carregar o significado na vida humana’

(LENCI, 2012, p. 17)”

Embora esse aspecto não tenha sido objeto dos experimentos aplicados nesta pesquisa, é possível esboçar algum paralelo entre o comportamento do italiano e do PB, pois em sentenças com sentido figurado no PB, o Tema também rejeita a posição de complemento (alternante LOB), como mostram os dados a seguir:

- (12) a. Carregar a vida humana de significado
 b. ?? Carregar o significado na vida humana
- (13) a. Encher o voto de convicção política
 b. ?? Encher a convicção política no voto
- (14) a. Revestir a estadia com saudade
 b. ?? Revestir saudade na estadia

Uma eventual pesquisa em *corpus*, como a feita por Lenci (2012), pode confirmar essas intuições iniciais. Deixamos essa tarefa para pesquisas futuras.

4.1.2. Sobre as preposições selecionadas em LOD

Com relação à distribuição das preposições, a literatura aponta que, enquanto a preposição “com” é a única possibilidade para a alternante objeto nas línguas germânicas, as línguas românicas permitem também a preposição “de”.

Em sua análise sobre a AL no espanhol, Cifuentes (2008) afirma que a estrutura formada pela preposição “con” em verbos de remoção não seria uma alternante da AL; mas, sim, uma estrutura distinta, em que o PP introduzido por “com” é argumento do DP complemento, adquirindo uma interpretação genitiva. Segundo o autor, a distinção semântica resulta do rompimento da relação de posse entre Locativo e Tema na construção iniciada pela preposição “de”, e na sua

manutenção na construção iniciada pela preposição “com”, já que ambos integram o mesmo constituinte:

- (15) Absolver [su alma] [de pecados]/ Absolver [su alma [con pecados]].
 Absolver sua alma de pecados/ absolver sua alma com pecados
 ‘Absolver sua alma de pecados/ Absolver os pecados da sua alma’
 (CIFUENTES, 2008, p.61)”

Essa característica também se observa com verbos de remoção em PB, como se nota nos exemplos a seguir, que são inaceitáveis na interpretação locativa, obtendo-se apenas uma interpretação genitiva:

- (16) O dentista extraiu [dentes [com tártaro]].
 (17) A empregada limpou [o sofá [com poeira]].

O experimento II, desenvolvido nesta tese, mostrou que há uma variação entre as preposições “com” e “de” na estrutura LOD com verbos de disposição, sendo a preposição “com”, a forma não marcada (preferível nos contextos *out-of-the-blue* que foram testados), e a preposição “de”, uma forma marcada, com uma aceitabilidade bem menor. Essas observações vão ao encontro do padrão observado para LOD nas línguas românicas em geral, em que “de” é considerada adicional. Quando aceita, a preposição “de” é considerada equivalente semanticamente à preposição “com” no PB.

Todavia, lembramos que, mesmo sendo aceita em todos os verbos investigados no experimento II, há outros verbos de disposição que não permitem a alternância com a preposição “de” (cf. (18)-(20)), assim como há verbos de remoção (não testados) que não aceitam a preposição “com” (cf. (21)):

- (18) A mulher regou as plantas com água/ *de água.
 (19) O chef temperou a salada com vinagre/*de vinagre.
 (20) Ana bordou o vestido com paetês/*de paetês.
 (21) A enfermeira retirou paciente da cama/*com cama.

Esses dados mostram que deve haver componentes de sentido codificados pela preposição “com” que são ligeiramente distintos dos codificados pela preposição “de” em contextos de AL. Acreditamos que, para captar o contraste entre as duas preposições na AL, são necessários experimentos adicionais ou mesmo testes de introspecção, que pretendemos desenvolver em pesquisas futuras.

Necessitamos ainda de evidências adicionais para comparar as preposições “com” e “de”, garantindo assim a leitura locativa vinculada a uma ou outra (como propõe Cifuentes), ou a ambas, como é reportado nas línguas românicas.

4.2. A INTERPRETAÇÃO DAS ESTRUTURAS ALTERNANTES

Nesta seção abordamos os contrastes de interpretação da AL no PB, discutindo a noção de Tema Incremental e o efeito holístico-partitivo das estruturas alternantes.

4.2.1. Sobre a propriedade Tema Incremental

O Tema Incremental é caracterizado pela isomorfia espaço/tempo, em que, à medida que o evento transcorre, um dos argumentos é consumido ou afetado, estando esse papel temático disponível geralmente para o argumento interno. Embora seja tentador associar a relação implicada pelo Tema Incremental com a AL, já que conceitualmente esta também implica uma relação progressiva de preenchimento (no caso dos verbos de disposição) ou de esvaziamento (no caso dos verbos de remoção), muitas vezes coincidente com a noção de Tema Incremental; nem sempre os argumentos diretos na AL se comportam como Temas incrementais, principalmente quando há animacidade envolvida, como verificamos nos dados tanto com verbos de remoção (cf. (22) a (24)), como nos verbos de disposição (cf. (25) a (27)). Observamos que os dados abaixo contemplam tanto a alternante LOB (cf. (22) a (24)) quanto a alternante LOD (cf. (25) a (27)).

- (22) A mãe retirou o bebê do berço para colocá-lo na cadeirinha.
- (23) A babá afastou as crianças da escada a tempo de evitar um acidente.
- (24) A polícia chegou a tempo de libertar o refém do cativoiro.
- (25) Os veteranos banharam os calouros com tinta.

- (26) O marido cobriu a esposa de joias.
 (27) Os pais encheram a filha de presentes.

Adicionalmente, como afirma Dowty (1991), em eventos pontuais, não é possível relacionar Tema Incremental ao argumento interno direto, já que a isomorfia tempo/espço não se concretiza, o que também ocorre nos dados acima. Tal incompatibilidade entre culminações e Tema Incremental talvez explique porque o verbo “libertar” apresentou um resultado diferenciado no experimento I. Tendo em vista que o evento de libertar não comporta subeventos, o argumento também não progride de um estado menos liberto para um mais liberto, por exemplo.

Podemos concluir que, apesar de a propriedade Tema Incremental poder ser atribuída, muitas vezes, aos argumentos diretos das alternantes de AL, ela não é um fator indispensável para AL.

4.2.2. Sobre a propriedade afetação e a ambiguidade holístico-partitivo

Basicamente, todas as abordagens sobre a AL concordam quanto ao componente afetação relacionado ao argumento direto, responsável pelo que se costuma chamar de efeito holístico-partitivo. Tal noção é traduzida em Tenny (1994) pela propriedade delimitação e em Hoekstra e Mulder (1990) e Damonte (2005) pelo núcleo abstrato TA (totalmente afetado), ora preenchido, como no alemão, por exemplo, ora vazio, como no inglês. Por sua vez, Borer (1994) e Arad (1996, 1998) explicam a afetação do argumento direto pela presença do traço medida em núcleos aspectuais específicos.

Propomos que a interpretação holística deriva da presença de um traço aspectual associado ao núcleo AspEM, que está ativo em certas línguas, como o alemão, na alternante LOD, mas não está ativo para outras línguas, como o PB, em que a interpretação holística ou partitiva é codificada mais lexicalmente pela raiz do verbo ou está associada a fatores pragmáticos.

Em outras palavras: dados os resultados do nosso experimento III, propomos que o efeito holístico-partitivo é codificado sintaticamente nas línguas germânicas, mas não nas línguas românicas. Nessas últimas, se a raiz implica um resultado específico quanto à telicidade, como no caso do verbo “encher” ou mesmo de “revestir” (cf. (28) e (29)), há uma tendência à interpretação holística, pois esses verbos implicam lexicalmente um resultado completo no que se refere ao preenchimento do *container*. Por outro lado, se a raiz é neutra quanto a essa propriedade, então

qualquer das duas interpretações (holística ou partitiva) é captada – sendo dependente do contexto (cf. (30) e (31)).

- (28) O artista encheu a estátua de ouro.
- (29) José revestiu o sofá com um tecido brega.
- (30) O artista banhou a estátua com ouro.
- (31) José decorou o sofá com um tecido brega.

Embora haja uma pressuposição de que as interpretações holística e partitiva distinguem as alternantes, a ambiguidade de LOD ficou latente nos dados do experimento III, uma vez que o número de interpretações ambíguas ficou bem próximo ao das interpretações exclusivas (124 ambíguas frente a 120 holísticas e 107 partitivas).

Podemos concluir que a interpretação holística está presente com grande peso (com exceção do verbo “carregar”, todos os outros verbos tiveram percentuais de respostas holísticas superiores a 50%), mas não é exclusiva em relação à alternante LOD no PB. Reconhecemos que a posição de argumento interno está relacionada a algum tipo de propriedade aspectual, como afetação, delimitação ou medida, como discutido na literatura; porém defendemos que a interpretação de completude ou de afetação total necessariamente associada a uma das alternantes não se sustenta. Seja com verbos de remoção ou disposição, a interpretação de que o argumento foi afetado holisticamente depende da situação de uso, ou seja, parece haver uma forte interação com a pragmática, na linha do que assume Bouchard (1995), em sua proposta para a G-semântica (cf. seção 3 da Introdução).

Os dados também evidenciam uma combinação do traço holístico presente na raiz com a denotação de superfície implicada.

4.3. O PROBLEMA DO MAPEAMENTO E A DERIVAÇÃO DAS ESTRUTURAS ALTERNANTES

A questão do mapeamento é o centro de toda a nossa investigação e está intimamente relacionada à questão da identidade. Nesta seção, primeiramente, resumimos os pontos-chave das teorias sobre a AL, sejam elas direcionadas por propriedades comuns a uma classe verbal ou por propriedades aspectuais relacionadas a posições sintáticas, com vistas a trilhar os caminhos

apontados pelos dados do PB. Em seguida, propomos a nossa análise da AL a partir de uma perspectiva de derivação autônoma entre as estruturas alternantes, na qual o mapeamento dos argumentos do predicado de LOB e LOD se dá a partir das propriedades lexicais dos verbos e das preposições selecionadas e a interpretação da sentença decorre de traços nos núcleos funcionais de natureza aspectual.

4.3.1. Sobre classes verbais e aspectualidade

Diante do que foi exposto no capítulo 2, parece que o mapeamento dos argumentos em posições sintáticas não decorre, ao menos, exclusivamente, da classe semântica/lexical a que os verbos pertencem, uma vez que, mesmo reagrupando as classes, seja à moda da divisão *verbos de disposição e verbos de remoção*, seja à moda de *verbos de resultado e verbos de maneira*, ou ainda, ao estilo de *verbos de mudança de estado* (COS) e *verbos de mudança de lugar* (COL), sempre há, no interior da classe, divergências com relação às possibilidades de expressão da estrutura argumental, como demonstrado claramente nos resultados dos testes experimentais, reportados no capítulo 3, tome-se como exemplo o comportamento do verbo “libertar” no experimento I e do verbo “banhar” no experimento II. Em outras palavras, por mais prototípica que uma classe semântica de verbos seja, sempre há itens lexicais limítrofes e controversos, que produzem construções com distintos julgamentos de aceitabilidade entre os falantes, como mostram os exemplos retomados a seguir:

- (32) a. O presidente destituiu/demitiu José da gerência.
 b. O presidente destituiu/?? demitiu a gerência de José.
- (33) a. Ana borrifou/derramou perfume na roupa.
 b. Ana borrifou/?? derramou a roupa com perfume.

Isso nos indica que, embora essas classificações sejam úteis, são igualmente frágeis por se basearem nas noções de papéis temáticos devido à sua natureza situacional (cf. BOUCHARD, 1995), no sentido de que o tipo de propriedade que dá nome à classe (*verbos de movimento, verbos de mudança*, por exemplo) está muito mais relacionado ao tipo de evento que tais verbos denotam no mundo (motivação extralinguística) do que a uma propriedade gramaticalmente relevante.

Por outro lado, considerando que a aquisição requer um modelo que retrate a sua eficiência, não podemos, em tese, simplesmente abrir mão do fato de que a estrutura argumental dos verbos seja adquirida a partir de propriedades comuns, por hipótese, semânticas.⁶³ Nossa argumentação vai na direção de que as propriedades relevantes para a expressão sintática dos argumentos são de natureza aspectual, como será discutido a seguir.

Tenny (1994) destaca que boa parte do conteúdo codificado na estrutura é de natureza aspectual, a exemplo dos primitivos EVENTO e ESTADO e dos traços +/-LIMITADO (JACKENDOFF, 1983; 1990). A própria autora lança mão de papéis aspectuais (numa analogia aos papéis temáticos) para explicar a delimitação do evento que, em última análise, faz referência à telicidade. Seguindo o argumento de Tenny, assumimos também que a propriedade relevante envolvida na interface semântica e sintaxe é a aspectualidade, porém definida em termos de traços abstratos dos núcleos funcionais de projeções aspectuais, de modo que as propriedades descritas na interpretação, como Tema Incremental, afetação ou completude, decorrem das propriedades do núcleo funcional aspectual AspEM quando o traço de medida [EM] é forte, como postulado por Arad (1996).

4.3.2 Uma proposta de análise da Alternância Locativa para o PB combinando núcleos aplicativos e projeções aspectuais

A questão do mapeamento e a questão da identidade das alternantes de AL são indissociáveis, já que, a depender da perspectiva de análise, haverá diferentes previsões em relação à configuração sintática dos argumentos internos. Como discutido no capítulo 2, uma perspectiva derivacionista (em que uma das alternantes é a estrutura básica e a outra, a derivada) não se sustenta, tendo em vista a sua ineficiência em relação à aquisição e também por não explicar a inserção de distintas preposições na estrutura (incompatível com o princípio de interpretação plena). Portanto, assumimos uma perspectiva de autonomia na derivação entre as estruturas alternantes, no sentido de que elas são geradas independentemente uma da outra na sintaxe. Restamos, então, explicar como se dá o mapeamento de cada uma das estruturas alternantes de AL. Para tanto, recorreremos aos conceitos de núcleo aplicativo, nos termos de Pylkkänen (2000) e da sua

⁶³Todavia, a validação de generalizações relativas à aquisição necessitam de uma coleta com crianças no período crítico, o que pode ser investigado futuramente a partir de métodos experimentais mais adequados às características dos participantes.

aplicação em Salles e Naves (2009), além de projeções aspectuais, nos termos de Arad (1996, 1998).

Pylkkänen (2000) contesta a difundida noção de que, translinguisticamente, as construções aplicativas expressam um significado similar, mas diferem quanto à expressão sintática. Para a autora, a semelhança de significado dos aplicativos entre as línguas é apenas aparente, pois há uma tipologia universal dos núcleos aplicativos, os aplicativos altos (posicionados acima da raiz) e baixos (abaixo da raiz). Ainda segundo a autora, esses dois tipos de aplicativos guardam um conjunto consiste de assimetrias, que os diferencia. Em essência, os aplicativos altos denotam uma relação entre um indivíduo e o evento; enquanto os baixos denotam uma relação entre dois indivíduos, o aplicado e o objeto direto. Decorre dessa assimetria que os aplicativos baixos só ocorrem com predicados transitivos. Ademais, a autora demonstra que os aplicativos baixos podem denotar relações direcionais ou de transferência de posse, mas não estativas.

Conforme Salles e Naves (2009, p.22), a postulação do núcleo aplicativo tem origem na tradição que investiga a presença do chamado morfema aplicativo em línguas da família Banto, como um núcleo funcional, responsável por inserir um outro argumento à estrutura. Examinando as alternâncias sintáticas com argumentos introduzidos pela preposição “com”, as autoras adotam uma abordagem em termos de núcleos aplicativos para o licenciamento dessas construções. como exemplificado a seguir, em que a preposição COM ocuparia o núcleo do aplicativo:

(34) [TP João [T' abriu [VP [AplP (João) [Apl' COM [a picareta]]] [VP (abriu) [DP a porta]]]]]
(SALLES e NAVES, 2009, p. 23)

Para a configuração de (34), adotada para a alternância de instrumento, as autoras esclarecem que:

a ordem pode ser obtida mediante movimento remanescente do VP para uma configuração acima do núcleo aplicativo (...) o argumento interno do predicado abrir é licenciado in situ, recebendo caso acusativo inerente, enquanto os argumentos da projeção do núcleo aplicativo estão disponíveis para ocorrer na posição sintática associada ao caso nominativo – o que pode ser realizado seja pelo argumento Agente, seja pelo argumento Instrumento. (p. 24)

Embora as autoras sugiram um tratamento para a AL com base em um núcleo aplicativo baixo — alinhando-a com a alternância dativa (TORRES MORAIS, 2006, *apud* Salles e Naves, 2009) — as autoras constroem sua argumentação principalmente a partir dos casos de alternância de instrumento, causativa e alternância psicológica.

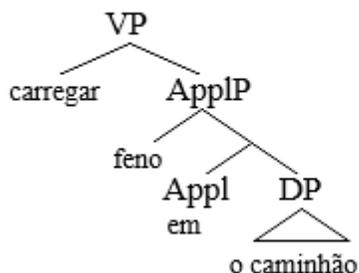
A análise da AL à luz dessa perspectiva justifica-se pelas características sintático-semânticas do núcleo aplicativo baixo. Conforme a tipologia universal estabelecida por Pylkkänen (2000) para os núcleos aplicativos, os baixos (internos a VP) caracterizam-se, semanticamente, por relacionarem dois indivíduos, em relações de natureza possessiva/locativa e; sintaticamente, por selecionarem dois argumentos internos: o direto e o aplicado.

De um lado, o reconhecimento das estruturas alternantes da AL passa pela distinção do estatuto do oblíquo como um argumento legítimo do verbo. Do outro lado, a relação entre indivíduos, pressuposta para os núcleos aplicativos baixos, também pode estar presente na AL sob uma interpretação metonímica do tipo conteúdo/continente, uma vez que os conceitos de posse e locativo são conceitualmente associados. Ademais, a restrição de transitividade, apontada por Pylkkänen (2000) reforça a implementação dessa projeção funcional nas estruturas da AL, uma vez que o aplicativo (oblíquo) só é possível com a seleção do argumento direto: **João carregou no caminho/no feno*. Por fim, a própria relação semântica implicada por essa projeção pressupõe movimento (direcional ou transferência de posse), que também é um componente crucial para a AL, a qual é expressa por verbos de remoção ou disposição, os quais denotam movimento direcional (para fora; para dentro; sobre) ou transferência (de um lugar para outro).

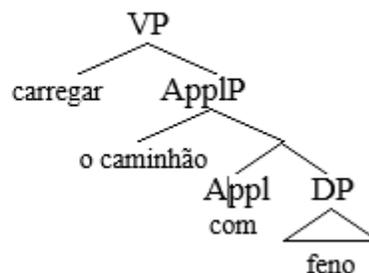
Tendo em vista que os constituintes relevantes para a AL são dois argumentos internos, consideramos que há um núcleo aplicativo baixo ApplP (do inglês, *applicative projection* ‘projeção aplicativa’), em que ambos os argumentos podem ocupar qualquer uma das posições, mas, em cada uma das alternantes, haveria uma assimetria entre eles, em termos do argumento que ocupa a posição de especificador ou de complemento de ApplP. Essa proposta elimina o problema da simetria entre os argumentos numa estrutura do tipo *Small Clause*, como proposto por Damonte (2008), em que, supostamente, qualquer dos dois argumentos pode ser extraído para uma posição mais alta, para codificar a interpretação relevante de telicidade (própria da interpretação holística), o que sabemos não ser verdadeiro visto que essa interpretação é alcançada apenas para a estrutura LOD nas línguas em que o efeito holístico-partitivo se obtém.

Consideramos que o núcleo de ApplP pode ser preenchido por um afixo, como no alemão, ou pelas preposições típicas de cada alternante, como no PB. São, portanto, as preposições selecionadas pelo verbo que distribuem os argumentos em cada posição no PB: a seleção da preposição “em” gera LOB e a seleção da preposição “com” (ou “de”, como preposição adicional para as línguas românicas) gera LOD, como ilustrado a seguir:

(35) LOB



(36) LOD

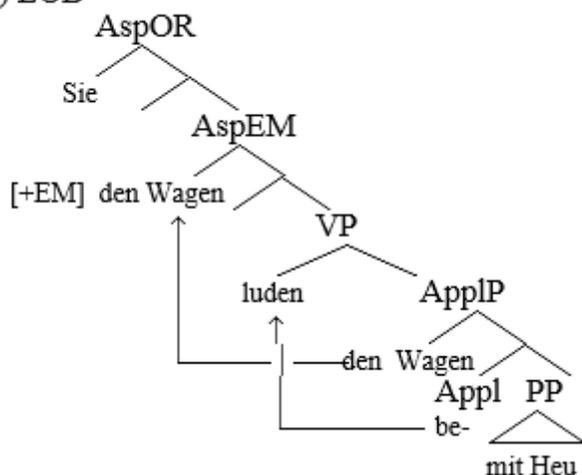


Combinadas a essa proposta de núcleo aplicativo, as projeções aspectuais, como postuladas por Arad (1996, 1998), são úteis para captar o caráter télico associado ao argumento interno na interpretação holística da alternância locativa em muitas línguas. Por hipótese, consideramos que a interpretação holística é obtida por meio do movimento do argumento interno da alternante LOD de dentro do sintagma aplicativo para a posição de AspEM (cf. (38)), movimento motivado por um traço aspectual forte encontrado nas línguas germânicas, o que explica o efeito holístico-partitivo nessas línguas. Em contrapartida, propomos que, em LOB, o movimento seria encoberto, resultando na interpretação partitiva dessas sentenças (cf. (39)). No caso das línguas germânicas, portanto, como recuperado no exemplo do alemão, retomado em (37), haveria ainda outro movimento envolvido: o núcleo aplicativo se adjunge ao verbo, gerando a estruturas alternante LOD.

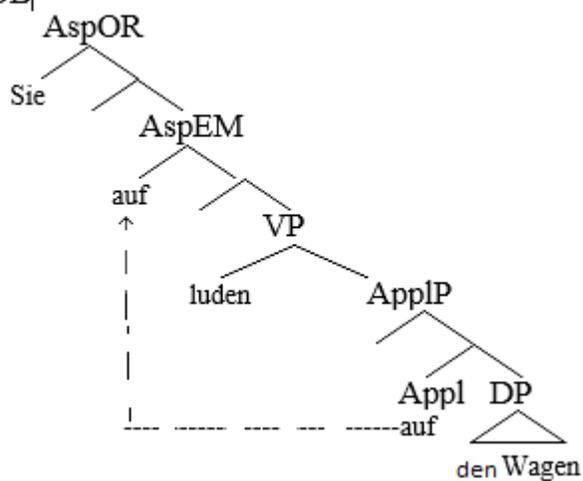
- (37) a. Sie luden Heu auf den Wagen.
 eles carregaram feno em o caminhão
 ‘Eles carregaram feno no caminhão’
- b. Sie be-luden/luden den Wagen mit Heu.
 eles MAL-carregaram/carregaram o caminhão com feno
 ‘Eles carregaram o caminhão com feno’

(BRINKMANN, 1997, p.76)

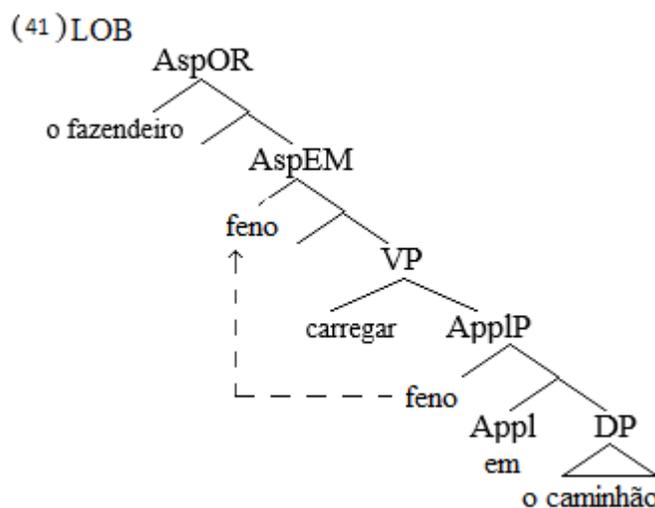
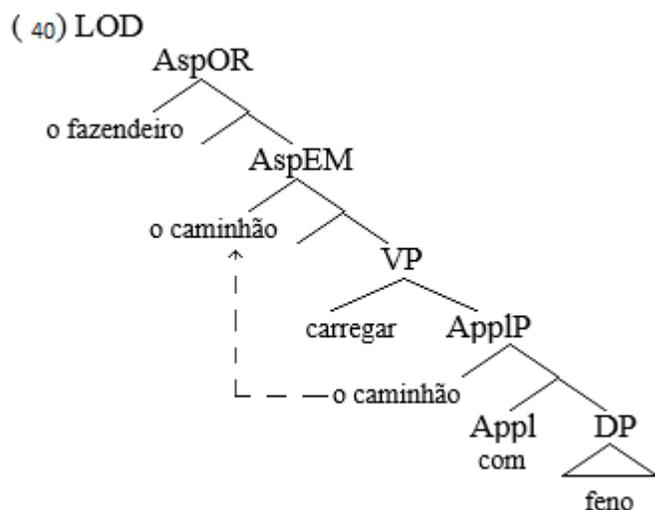
(38) LOD



(39) LOB



No caso das línguas românicas, em que o efeito holístico-partitivo não é categórico e deve ser obtido na interface entre sintaxe e pragmática, como defendemos no capítulo 3, o movimento do argumento interno para AspEM também se daria na sintaxe encoberta. Desse modo, o núcleo aplicativo pode ser preenchido pela preposição, como ocorre no PB (cf (40)-(41)), ou, alternativamente, por um afixo, nas línguas em que esse elemento está disponível, para a derivação das estruturas da alternância locativa.



Para Salles e Naves (2009), a semântica da preposição “com” é fundamental para distinguir estruturas alternantes das não alternantes, pois o traço de instrumento vinculado a tal preposição seria obrigatório nas estruturas não alternantes, mesmo que não lexicalizado.⁶⁴ Tomando essa ideia para o caso das alternâncias locativas que são o nosso objeto de estudo, seguindo Salles e Naves (2009), consideramos que os predicados não alternantes provocam uma interpretação de instrumento obrigatória, como em (42).

(42) O funcionário carregou o estoque com a empilhadeira.

⁶⁴ É importante recordar que o trabalho das autoras está centrado nas alternâncias causativas e psicológicas e que a noção de instrumento é tomada nesse trabalho de maneira ampliada, como referência a um elemento causador do evento, em certa medida.

Analogamente à interpretação holística no PB, a presunção de um instrumento na estrutura é influenciada por fatores pragmáticos, isto é, interpretar ou não um instrumento nas estruturas alternantes depende do contexto, como em (43)-(44). Em (43), o sintagma introduzido por “com” pode ou não ser interpretado como instrumento (o conteúdo poderia ser tomado, metaforicamente, como o instrumento a partir do qual o evento se realiza). Já em (44), o primeiro sintagma preposicionado só pode ser interpretado como conteúdo e o segundo como instrumento *stricto sensu*, porque sabemos que “funil” não constitui conteúdo adequado para encher uma garrafa.

(43) Gabriel encheu a caneca velha com café.

(44) Gabriel encheu a garrafa velha com café com um funil.⁶⁵

Retomando o papel das preposições “em” e “com/de” na derivação das estruturas alternantes, assumimos que a estrutura derivada pela preposição “em” produz a interpretação de mudança de lugar do Tema, associada à alternante LOB, enquanto a preposição “com/de” produz a interpretação de mudança de estado do Tema, associada à alternante LOD.⁶⁶ Sendo assim, nossa proposta considera a premissa de Borer (1994) de que os argumentos não carregam rótulos semânticos para a sintaxe, e que são interpretados em virtude da posição em que ocupam. Entretanto, a aspectualidade dos eventos constitui informação semântica relevante para a sintaxe, no caso desta proposta, estando associada a projeções próprias, como AspEM e AspOR (postulados por Arad (1996, 1998)), em que traços abstratos produzem operações das quais decorre a interpretação das estruturas geradas.

Finalmente, resta-nos destacar que, embora a marcação morfológica pareça um diferencial das línguas germânicas em relação às românicas, há casos notáveis de verbos com prefixo que contribui para a restrição topológica da alternância locativa. Destaca-se o italiano, que, conforme relatamos anteriormente, apresenta algumas construções similares ao alemão e holandês com prefixo verbal apenas na alternante objeto (MUNARO, 1994). Já no romeno (BLEÓTU, 2014) há

⁶⁵Conforme reportado por Gupton (c.p.), a sentença equivalente a (44) em galego também é habitual, uma vez que se refere a situações bastante corriqueiras, reforçando a hipótese de que a presunção de um argumento instrumento na sentença depende de fatores pragmáticos.

⁶⁶De fato, a projeção aplicativa é um elemento funcional, propício à mudança linguística, o que, no caso da AL pode indicar uma evidência real de mudança em curso, no sentido de que as preposições empregadas estão em variação. (SALLES, comunicação pessoal)

construções em que ambas as alternantes da AL são prefixadas, em especial verbos denominais, formados pela adjunção de uma preposição a um nome, a exemplo de *a îmbutelìa* ‘engarrafar’ (cf. seção 1.2). O PB, por sua vez aproxima-se nesse aspecto do romeno, no sentido de que apresenta também P-prefixos, preposições que se adjungiram ao nome na forma de prefixo para formar um item verbo, como em “enlaçar”. Nesses casos, a preposição que etimologicamente é adlativa, combina-se com verbos de superfície/contato, que são ablativos por definição.⁶⁷

- (45) a. A menina enlaçou o cabelo com a fita.
b. A menina enlaçou a fita no cabelo.

Além disso, também participam da AL no PB verbos derivados de outros verbos por prefixação, os quais também denotam sentido ablativo, como é o caso do verbo de remoção “descarregar”. Tal característica parece ser uma evidência empírica do traço abstrato de aspectualidade [+EM], que em alemão é checado na projeção aspectual, mas em português, estaria codificado na raiz verbal de certos verbos, explicitando a existência desse componente nas línguas românicas.

- (46) a. O ajudante descarregou a caminhonete.
b. O ajudante descarregou as compras da caminhonete.

⁶⁷ Cf. seção 1.1.1, na tradução para o verbo *to swarm*, que obedece ao mesmo processo de derivação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, abordamos as estruturas sintáticas conhecidas como alternância locativa (AL), com foco no português brasileiro (PB). Na introdução, distinguimos a AL de outros tipos de alternância de objeto e apresentamos suas características mais gerais, além de apontar os principais problemas envolvidos na caracterização desse fenômeno, quais sejam: o efeito holístico/partitivo e o mapeamento dos argumentos do predicado em cada estrutura alternante.

Na ausência de estudos robustos sobre a AL no português, em especial na variante brasileira, apresentamos, no capítulo 1, como essa alternância se comporta em outras línguas, contrastando dois grupos linguísticos: as línguas germânicas e românicas. Esse primeiro olhar distanciando acerca do fenômeno permitiu-nos estabelecer analogias e contrastes, e obviamente, muitos questionamentos, para a AL no PB a partir de dados da introspecção, que mais tarde, no capítulo metodológico, cederam lugar aos julgamentos de aceitabilidade dos falantes.

Antes porém de iniciar uma investigação empírica sobre os dados, realizamos, no capítulo 2, um breve panorama sobre as propostas teóricas de base formalista e seus desdobramentos para a análise da AL o qual guiou-se pelo problema do mapeamento. Grosso modo, a questão fundamental é como as informações semânticas e sintáticas se relacionam e qual delas é determinante para a outra. Inicialmente, discutimos as abordagens projecionistas, isto é, guiadas pela semântica, e finalizamos com as abordagens configuracionais, guiadas pela sintaxe.

No capítulo 3, apresentamos o aporte teórico da metodologia sobre os julgamentos de aceitabilidade e suas variações; apresentamos as nossas hipóteses de trabalho, relatamos a metodologia estatística utilizada na interpretação dos dados obtidos nos experimentos; reportamos e analisamos os resultados produzidos em cada um dos três experimentos.

O capítulo 4 retomou as questões iniciais sobre a descrição da alternância locativa no PB, o mapeamento e a identidade das estruturas alternantes, conjugando os resultados obtidos nos experimentos com a literatura apresentada previamente nos capítulos 1 e 2. Por fim, encerramos o capítulo 4 com uma proposta de análise para as estruturas alternantes da AL, em uma perspectiva translinguística. À luz dos trabalhos de Pylkkänen (2000) e de Salles e Naves (2009), nossa

proposta combinou a postulação de um núcleo aplicativo baixo à projeção de núcleos funcionais de natureza aspectual, AspEM e AspOR, responsáveis pela aspectualidade do evento.

Essa proposta tem a vantagem de relacionar sintaticamente o argumento interno e o aplicado de forma assimétrica, mantendo a relação metonímica continente/conteúdo, típica da AL, ao mesmo tempo que confia à preposição selecionada pelo verbo o papel de definir o mapeamento dos argumentos em cada uma das estruturas alternantes, pressupondo-se a derivação independente de cada uma delas. A proposta de um núcleo aplicativo também buscou lidar com a característica morfossintática de certas línguas (entre as germânicas) de apresentarem um afixo como elemento definidor de uma das estruturas alternantes, em lugar da preposição.

Acreditamos que o nosso trabalho cumpriu o intuito de fornecer um quadro descritivo mais abrangente da alternância locativa no português do Brasil, fornecendo evidências empíricas, coletadas por meio de metodologia experimental, sobre a realização desse fenômeno. Além disso, a nossa proposta de análise apresenta um tratamento translinguístico unificado para as estruturas da AL, explicando o efeito holístico/partitivo, bastante discutido na literatura sobre o tema. Desse modo, buscamos satisfazer a adequação descritiva e explicativa, tão caras às pesquisas linguísticas na vertente gerativista.

Diante dos resultados dos testes experimentais nos permitem concluir sobre a alternância locativa no PB:

(i) Trata-se de uma alternância legítima na sua versão objeto ou oblíqua, uma vez que a leitura locativa (transferência de local ou de posse) é latente nessas estruturas, conforme demonstrado no experimento I.

(ii) As preposições introdutoras dos argumentos oblíquos atuam em conjunto com o verbo para gerar as estruturas independentemente, sendo a seleção da preposição o fator determinante para a realização da alternante, como se verificou no experimento II: as possibilidades de preenchimento do núcleo aplicativo por uma preposição é bastante restrita (“com” ou “de”, raramente).

(iii) A interpretação das estruturas alternantes não pode ser definida em termos de efeito holístico/partitivo, o que se infere do experimento III. Embora a alternante objeto produza uma leitura holística preferencialmente, a leitura partitiva está disponível conforme o contexto pragmático, a não ser nos casos em que o verbo especifica lexicalmente alguma propriedade em relação ao complemento.

No que tange à aquisição, o modelo sintático aqui proposto é compatível com a perspectiva minimalista de aquisição de língua, dado que a criança não adquiriria distintas estruturas argumentais para os verbos que permitem a AL, mas sim, adquiriria o verbo em combinação com a preposição, a partir daí produzindo cada uma das estruturas alternantes. As preposições ou locuções prepositivas que ocupam o núcleo do sintagma aplicativo atuariam como uma pista para a criança sobre qual estrutura alternante pode ser gerada: se determinado verbo combina-se à preposição “em”, a ordem dos argumentos internos deve ser Tema objeto e locativo oblíquo. Por sua vez, se esse mesmo verbo é combinado à preposição “com”, então a ordem é a oposta.

Muitas questões ainda permanecem em aberto e carecem de mais estudos, notadamente sobre: a ambiguidade genitivo/Locativo; a correlação entre os traços massivo e contável, relacionados ao DP Tema, na aceitabilidade de verbos de remoção e de disposição; a variação entre as preposições “com” e “de” nas estruturas LOD com verbos de disposição; a ambiguidade das interpretações holística/partitiva em ambas as alternantes. Deixamos essas questões para pesquisas futuras.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, S.R. *On the role of deep structure semantic interpretation*. *Foundation of language* 7, 1971. pp. 387-396.
- ARAD, M. A minimalist view of syntax-lexical semantics interface. In: *UCL Working Papers in Linguistics* 8, 1996. Disponível em: <<https://www.ucl.ac.uk/pals>>. Acesso em 17 de fev 2016.
- _____. *VP Structure and Syntax-lexicon interface*. Tese de doutorado. University College London. 1998.
- BAKER, M. *Incorporation: a theory of grammatical function changing*. Chicago: University of Chicago Press, 1988.
- _____. Thematic roles and syntactic structure. In: Haegman, L. (Ed.), *Elements of Grammar*, Kluwer, 1997. pp.73-137.
- BEAVERS, J. Scalar Complexity and the Structure of Events, In: J. Dolling and T. Heyde-Zybatow, eds., *Event Structures in Linguistic Form and Interpretation*, Mouton de Gruyter. Berlin. 2008.
- BICKEL, Balthasar; COMRIE, Bernard; HASPELMATH, Martin. *The Leipzig Glossing Rules*. Conventions for interlinear morpheme by morpheme glosses. Revised version of February, 2008.
- BLEOTU, A.C. Location, Locatum Verbs and the Locative Alternation in English and Romanian. In: *Special Issue 78A*. Universitat Wien.. 2014. pp. 178-197. Disponível em:<<https://www.univie.ac.at>>. Acesso em 07 de jan de 2016.
- BOONS, J.P. Acceptability, interpretation and Knowledge of the world: remarks on the verb planter (to plant). *Cognition* 2:2, 1973, pp. 183-211.
- BORER, H. The projection of arguments. In: Benedicto, E. and J. Runner (eds.). *Functional projections*. University of Massachusetts Occasional Papers 17. Umass: Amherst, 1994. p.19-47.
- BOUCHARD, D. *The semantics of syntax: A minimalist approach to grammar*. University of Chicago Press, 1995.
- BRESNAN, J. and KANERVA, J.M. 'Locative Inversion in Chichewa: a case study of factorization in Grammar', *Linguistic Inquiry*, 1989.
- BRINKMANN, U. *The locative alternation in German: its structure and acquisition*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1997.
- CANÇADO, M.; AMARAL, L.; MEIRELLES, L.; e colaboradores. 2017. *Programa de pesquisa sobre a classificação sintático-semântica dos verbos do português brasileiro*. UFMG. Acesso em: 31 de jul de 2018. Disponível em:<<http://www.lettras.ufmg.br/verboweb>>
- CHOMSKY, N. *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge: Mass: MIT Press, 1965.
- _____. *Lectures on government and Binding*. Berlin: Mouton de Gruyter. 1981.
- _____. *The minimalist program*. Cambridge: Mass: MIT Press, 1995.

CIFUENTES HONRUBIA, J. L. Removal verbs and locative alternations in Spanish. *Estudios de lingüística*, n. 22, 2008. pp. 37-64. Disponível em: <<http://cervantes.cpd.ua.es>>. Acesso em 26 de nov de 2015.

COWART, Wayne. *Experimental syntax: applying objective methods to sentence judgments*. Thousand Oaks, CA. 1997.

DAMONTE, F. Classifier Incorporation and the Locative Alternation. In: Brugé, L. et al. (eds.), *Contributions to the 30^o Incontro di Grammatica Generativa*. Venezia: Libreria Editrice Cafoscarina. 2005. pp. 83-103.

DAVIES, Mark; PRETO-BAY, Ana Maria Raposo. *A frequency dictionary of Portuguese*. Routledge, 2007.

DOWTY, D. *Word meaning and Montague Grammar: The semantics of verbs and times in generative semantics and in Montague's PTQ (Studies in Linguistics and Philosophy)*. Dordrecht, Holland: D. Dordrecht: Reidel, 1979.

_____. Thematic proto-roles and argument selection. *Language*, 1991.

_____. 'The Garden Swarms with Bees' and the Fallacy of 'Argument Alternation'. In Y. Ravin and C. Leacock, eds., Polysemy. *Theoretical and Computational Approaches*. Oxford: Oxford University Press. 2000.

DUARTE, I. Verbos causativos de alternância locativa. *Veredas: revista de Estudos Linguísticos* (vol.2, nº1), 1998. p. 91-101. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaveredas>>. Acesso em 19 de ago de 2013.

DUARTE, I. e BRITO, A. M. Predicação e classes de predicadores verbais. In: MATEUS, M. H. M. et al. *Gramática da língua portuguesa*, 5. ed. rev. e aum. Coimbra: Almedina, 2003.

DUDCHUK, P. & PSHEHOTSKEYA, E. *Introducing Arguments within VP: spray/load alternation in Russian*. Handout não publicado. LESCOL MPI EVA, Leipzig, 2006.

FILLMORE, C. J. *Indirect object constructions in English and the ordering of transformations*. Mouton, 1965.

_____. The case for case. In: Emmon Bach & Robert T. Harms (eds.), *Universals in linguistic theory*, New York: Holt, Rinehart and Winston, 1968.

FOLEY, W and VAN VALIN, R. *Functional Syntax and Universal Grammar*, Cambridge University Press, Cambridge, 1984.

FRASER, B. A note on the spray paint cases. *Linguistic Inquiry*, v. 2, n. 4, 1971. pp. 604-607.

FRENSE, J.; BENNETT, P. Verb alternations and semantic classes in English and German. *Language sciences*, v. 18, n. 1, 1996. pp. 305-317.

FUKUI, N.; MIYAGAWA, S.; TENNY, C. Verb classes in English and Japanese: A case study in the interaction of syntax, morphology and semantics. *Lexicon Project Working Papers*, MIT, 1985.

GRIMSHAW, J. *Argument structure*. MIT Press, 1990.

GROPEN, J. et al. Syntax and semantics in the acquisition of locative verbs. *Journal of Child Language*, v. 18, n. 01, p. 115-151, 1991.

GUERSSEL, M. On Berber Verbs of Change'. *Lexicon Project Working Papers*, MIT, 1986.

GUPTON, Timothy; LEAL-MÉNDEZ, Tania Leal. Experimental methodologies: Two case studies investigating the syntax-discourse interface. *Studies in Hispanic and Lusophone Linguistics*, v. 6, n. 1, p. 139-164, 2013.

HALE, K.; KEYSER, J. Some transitivity alternations in English. *Lexicon Project Working Papers* 7. Cambridge, MA: Center for Cognitive Science. 1986.

HIRSCHBÜLER, P. Cross-linguistic variation patterns in the locative alternation. Handout não publicado. 13th *Colloquium on Generative Grammar*, Ciudad Real, Madrid. 2003.

HOEKSTRA, T.; MULDER, R. Unergatives as copular verbs; locational and existential predication. *The linguistic review*, v. 7, n. 1, 1990. pp. 1-80.

HUANG, Yi Ting; SNEDEKER, Jesse; SPELKE, Elizabeth. What exactly do numbers mean?. In: *Proceedings of the Annual Meeting of the Cognitive Science Society*. 2004.

HUNTER, D.C. *Locative Alternations: a cross-linguistic look at the syntax-semantic interface*. Amsterdã. Dissertação de mestrado. 2008. Disponível em: <<http://dare.uva.nl>>. Acesso em 20 de maio de 2016.

ILARI, Rodolfo; NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática do português culto falado do Brasil*, vol. 2: Classes de palavras e processos em construção. Editora da UNICAMP, 2008.

IWATA, S. *Locative alternation: A lexical-constructional approach*. Amsterdam: John Benjamins, 2008.

JACKENDOFF, R. *Semantic interpretation in generative grammar*. Cambridge: MIT Press, 1972.

_____. *Semantics and cognition*. MIT press, 1983.

_____. On Larson's treatment of the double object construction. *Linguistic Inquiry*, v. 21, n. 3, 1990. pp. 427-456

KIM, Meesook. *A cross-linguistic perspective on the acquisition of locative verbs*. Tese de Doutorado. University of Delaware. 1999.

KISHIMOTO, Hideki. Locative alternation and verb compounding in Japanese. *Athanasios Karasimos*, 2009. p. 38.

LARSON, R. On the double object construction. *Linguistic Inquiry*, v. 19, n.3, 1988, p. 335-39.

LENCI, A. Argument alternations in Italian verbs: A computational study. In: Valentina Bambini, Irene Ricci, Pier Marco Bertinetto & Collaborators (eds.). *Linguaggio e cervello – Semantica / Language and the brain – Semantics, Atti del XLII Convegno della Società di Linguistica Italiana* (Pisa, Scuola Normale Superiore, 25-27 settembre 2008). Roma: Bulzoni. Volume 2. 2012.

LEVIN, B. *English verb classes and alternations: A preliminary investigation*. University of Chicago press, 1993.

_____. Objecthood: An event structure perspective. *Proceedings of CLS*, v. 35, 1999. p. 223-247. Disponível em: <<http://web.stanford.edu>>. Acesso em 20 de maio de 2016.

_____. *Objecthood and object alternations*. Handout from a talk presented at the Department of Linguistics, University of California, Los Angeles, v. 2, 2003. Disponível em: <<http://web.stanford.edu>>. Acesso em 20 de maio de 2016.

_____. *English object alternations: A unified account*. Unpublished ms., Stanford University: Stanford, CA, 2006.

LEVIN, B.; RAPPAPORT HOVAV, M. "What to Do with Theta-Roles", in W. Wilkins, ed., *Syntax and Semantics 21: Thematic Relations*, Academic Press, New York, NY, 7-36.n. 1988.

_____. *Argument realization*. Cambridge University Press, 2005.

MAIA, L. *Verbos de alternância locativa no português*. Universidade do Porto: 1996. Dissertação de Mestrado.

_____. "Reflexões sobre a alternância locativa no português." *Actas do 1º Encontro Internacional de Linguística Cognitiva*. Porto, 1998. p. 155-164.

MATEU, J. *Lexicalization patterns and the locative alternation*. Unpublished ms., Universitat Autònoma de Barcelona, 2000.

MOENS, M. and STEEDMAN, M. 'Temporal Ontology and Temporal Reference', in *Computational Linguistic*, 14-2, MIT Press, Cambridge, MA, 1988. pp. 15-28

MORAVCSIK, E. A. On the case marking of objects. *Universals of human language*, v. 4, p. 249-289, 1978.

MULDER, R. H. *The aspectual nature of syntactic complementation*. Holland Institute of Generative Linguistics, 1992.

MUNARO, N. "Alcuni casi di alternanza di struttura argomentale in Inglese". In Gianluigi Borgato (ed.) *Teoria del Linguaggio e Analisi Linguistica: XX Incontro di Grammatica Generativa*. 341-370. Padova, Unipress. 1994.

NAVES, R. R. *Alternâncias sintáticas: questões e perspectivas de análise*. Tese de doutorado, Universidade de Brasília, Departamento de Linguística, Línguas Clássicas e Vernácula, 2005.

PAO, Yin-Yin. Delimitedness and the locative alternation in Chinese. *Mid-America Linguistics Conference*, 1994.

PARTEE, B. *Subject and Object in Modern English*. Ph.D. thesis, MIT: primeiros estudos. 1965.

PERLMUTTER, D.; POSTAL, P. The advancement exclusiveness law. *Studies in relational grammar*, v. 2, p. 81-125, 1984.

PESETSKY, D. *Zero Syntax: Experiencers and Cascades*. Cambridge, MA: MIT Press, 1995.

PINKER, S. *Learnability and Cognition: The Acquisition of Argument Structure*, MIT Press, Cambridge, MA, 1989.

PLATÃO. *Crátilo*. Lisboa: Instituto Piaget, [séc V a.C.] 2001.

PYLKKÄNEN, Liina. What applicative heads apply to. *University of Pennsylvania working papers in linguistics*, V. 7, N. 1, P. 18, 2000.

RAPPAPORT HOVAV, M.; LEVIN, B. Building verb meanings. *The projection of arguments: Lexical and compositional factors*, p. 97-134, 1998.

_____. Change of state verbs: Implications for theories of argument projection. *The syntax of aspect*, p. 274-286, 2002. Disponível em: <<http://web.stanford.edu>>. Acesso em 20 de maio de 2016.

- _____. Reflections on manner/result complementarity. *Syntax, lexical semantics, and event structure*. Eds. M. Rappaport Hovav–E. Doron–I. Sichel. Oxford: oxford University Press, p. 21-38, 2008. Disponível em: <<http://web.stanford.edu>>. Acesso em 20 de mai de 2016.
- RODRIGUES, A. F.; WACHOWICZ, T. C. *Aquisição de estruturas locativas no PB*. Apresentação oral no I EXFA (Experimental Psycholinguistics). Campinas: Unicamp, IEL, 2010.
- ROSEN, S.T. Events and verb classification. *Linguistics*, v. 34, n. 2, p. 191-224, 1996.
- SALLES, H. M. M. L.; NAVES, R. R. O estatuto da preposição ‘com’ em construções com alternância sintática. *Polifonia* (UFMT), v. 17, 2009. pp. 9-27.
- SAUSSURE, F. de; BALLY, C.; SECHEHAYE, A.; RIEDLINGER, A. *Curso de linguística geral*. 28. ed. São Paulo: Cultrix, [1916] 2012.
- SCHÜTZE, Carson T.; SPROUSE, Jon. Judgment data. In: PODESVA, Robert J.; SHARMA, Devyani (Ed.). *Research methods in linguistics*. Cambridge University Press, 2014. p.27-50
- SWEEP, J. Transitive locative alternations in Dutch and German. Slides não publicados. *Germanic Sandwich 2010: Dutch between English and German, a comparative linguistic conference*. 17-18 september, 2010. University of Oldenburg (Germany).
- TALMY, L. Lexicalization patterns: Semantic structure in lexical forms. *Language typology and syntactic description*, v. 3, p. 57-149, 1985. Disponível em: <<http://linguistics.buffalo.edu>>. Acesso em 10 de jul de 2016.
- _____. Path to realization: A typology of event conflation. In: *Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*. 1991. p. 480-519. Disponível em: <<http://journals.linguisticsociety.org>>. Acesso em 20 de mai de 2016.
- TENNY, C. *Grammaticalizing aspect and affectedness*. 1987. Tese de Doutorado. Massachusetts Institute of Technology. Disponível em: <<https://dspace.mit.edu>>. Acesso em 20 de mai de 2016.
- _____. The aspectual interface hypothesis. *Lexical matters*, ed. by Ivan A. Sag and Anna Szabolcsi, 1-27. 1992. Disponível em: <<http://www.linguist.org>>. Acesso em 20 de mai de 2016.
- _____. *Aspectual roles and the syntax-semantics interface*. Dordrecht: Kluwer, 1994
- THORTON, Rosalind; CRAIN, Stephen. Levels of representation in child grammar. *The Linguistic Review*, v. 16, n. 1, p. 81-123, 1999.
- TORRES MORAIS, M. A. Argumentos dativos: um cenário para o núcleo aplicativo no português europeu. *Revista da ABRALIN*, São Paulo, v. 5, P. 239-266, 2006.
- VASSAR COLLEGE. R. L.. *VassarStats: Website for Statistical Computation*. Disponível em:< >. Acesso 24 de abr.2018.
- VENDLER, Z. Facts and events. *Linguistics in philosophy*, p. 122-146, 1967.
- ZUBIZARRETA, M. L. *Levels of Representation in the Lexicon and in the Syntax*. Foris, 1987.

APÊNDICE A – Material de recrutamento

Participe de uma pesquisa sobre o português!

Quem pode participar?

Você pode participar se: 1) o Português é a sua primeira língua;
2) Você nasceu no Brasil; 3) Você nunca morou fora do Brasil;
4) Você não é fluente em outras línguas;
5) Você tem mais de 18 anos.

O que eu tenho que fazer?

Basta preencher anonimamente uma sequência de três questionários online, o que tomará cerca de 30 minutos do seu tempo.

O que eu ganho com isso?

Você participará de um sorteio de um cartão-presente do site da Amazon no valor de R\$50.

Existe algum risco para mim?

O procedimento não é invasivo, por isso, não existe nenhum risco ou desconforto.

Como posso participar?

Para receber o link do questionário, envie um email para:

leticiacsilva@uga.edu

Assunto: Quero participar da pesquisa

Pesquisadores Responsáveis:

Letícia da Cunha Silva - Programa de Doutorado em Linguística-UnB
Dra. Rozana Reigota Naves - Programa de Doutorado em Linguística-UnB
Ph.D. Timothy Gupton - Departamento de Línguas Românicas-UGA



UNIVERSITY OF
GEORGIA



Universidade de Brasília



APÊNDICE B – Ficha de perfil de participante

FICHA DE PERFIL DE PARTICIPANTE

1. Sexo: () Masculino () Feminino
2. Idade: _____
3. Local de Nascimento (País/Cidade): _____
4. Nacionalidade
5. Nacionalidade dos pais:
 - () Ambos brasileiros
 - () Ambos estrangeiros (especificar as nacionalidades): _____
 - () Apenas um dos pais é brasileiro (especificar a nacionalidade do outro): _____
6. Escolaridade:
 - () Ensino Superior () completo () incompleto
 - () Ensino Médio () completo () incompleto
 - () Ensino Fundamental () completo () incompleto
- 6.1. Área de conhecimento (no caso de ensino superior): _____
7. Você já morou fora do Brasil?
 - () Sim () Não
8. Você fala outros idiomas?
 - () Sim () Não
9. Que outro(s) idioma(s) você fala? _____
10. Qual seu nível de fluência em outros idiomas?
 - () Iniciante () Básico
 - () Intermediário () Avançado

APÊNDICE C – Ficha de avaliação de participação**AVALIAÇÃO DE PARTICIPAÇÃO NO ESTUDO****Sua opinião é muito importante para nós!****Por favor, avalie o procedimento do qual você acabou de participar quanto aos aspectos a seguir:**

1. As instruções para executar a tarefa foram claras?
 sim não
2. As tarefas solicitadas foram fáceis?
 sim não
3. O tempo para executar a tarefa foi suficiente?
 sim não
4. Você compreendeu todas as palavras e situações propostas na tarefa?
 sim não
5. Se alguma das respostas acima foi NÃO ou se você teve alguma dificuldade durante o experimento, qual foi?

APÊNDICE D - Relação de estímulos - experimento I

SENTENÇAS-ALVO

Condição 1: Tema singular	Condição 2: Tema plural
1. A enfermeira retirou paciente da cama.	1. A dona de casa retirou flores do vaso.
2. A babá afastou criança da escada.	2. O marceneiro afastou móveis da parede.
3. A faxineira limpou mancha da mesa.	3. A professora limpou rabiscos da lousa.
4. A polícia libertou refém do cativoiro.	4. O carcereiros libertou prisioneiros da cela.
5. O carpinteiro extraiu prego da tábua.	5. A esteticista extraiu cravos da testa da cliente.
6. O fazendeiro removeu caixa da varanda.	6. A menina removeu talheres da mesa.

SENTENÇAS DISTRATORAS

Condição 1: Tema singular	Condição 2: Tema plural
1. *O diretor observou turma da porta.	1. *O pesquisador observou aves de longe.
2. *A mãe chamou filha da janela.	2. *O anfitrião chamou convidados para dentro.
3. *José assinou documento à mesa.	3. O empresário assinou contratos no jantar.
4. *O noivo beijou noiva no altar.	4. *O escravo beijou pés do senhor.
5. *A mulher pegou bolsa no cabide.	5. *O mendigo pegou caronas na estrada.
6. *Janaína cortou cabelo no salão.	6. O jardineiro cortou ramos da planta.
7. Priscila tomou sorvete na praça.	7. *Karen tomou chás na varanda.
8. A criança teve cárie no dente.	8. O estudante teve dores de cabeça.
9. Alice leu poesia na rede.	9. Paulo leu notícias na internet.
10. Jorge comeu pastel de feira.	10. O trabalhador comeu petiscos no bar.
11. Nicole ouviu música no metrô.	11. *O pedestre ouviu sinos da igreja.
12. A bailarina dançou valsa no palco.	12. O grupo dançou músicas regionais no festival.

APÊNDICE E - Relação de estímulos - experimento II

SENETENÇAS- ALVO

<p>1. Lúcia encheu a bacia ___ castanhas de caju.</p> 	<p>2. O marceneiro revestiu o sofá ___ um tecido brega.</p> 
<p>3. A menina plantou o jardim ___ rosas vermelhas.</p> 	<p>4. Os moradores cobriram a rua ___ bandeirinhas coloridas.</p> 
<p>5. Roberto carregou a traseira da van ___ brinquedos.</p> 	<p>6. O artesão banhou o colar ___ cristais.</p> 

SENTENÇAS DISTRATORAS

1. A tenista jogou ____
noite no Rio de Janeiro.



2. Pedro abriu a garrafa de cerveja ____ o
dente.



3. O garoto comprou o celular novo ____ loja
virtual.



4. A professora ensinou piano ____ a aluna.



5. Eduardo escolheu a estampada _ as gravatas
da loja.



6. Érica bebeu caipirinha ____ amigas no
quiosque da praia.



7. Dalva fez o bolo ____ milho verde.



8. A criança birrenta bateu a cabeça ____
parede.



9. Fábio pagou a conta__ amigo no bar.



10. O rapaz apaixonado deu um bombom__ namorada.



11. O garçom trouxe a conta__ o casal.

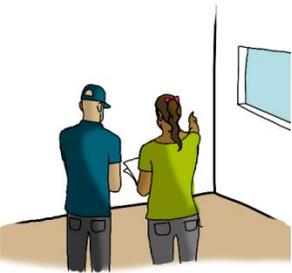
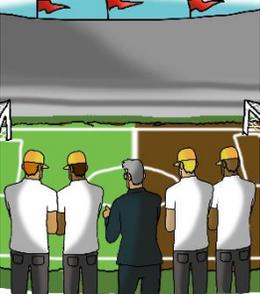
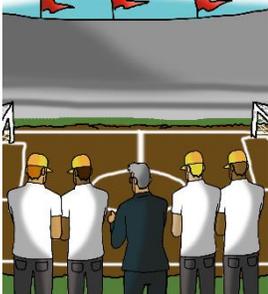


12. O gato preto estava deitado __poltrona velha.



APÊNDICE F - Relação de estímulos - experimento III

SETENÇAS-ALVO

Contexto	Figuras/ Perguntas/ Opções de resposta
<p>1. Maria pediu que João enchesse a taça com vinho tinto.</p> 	<div style="display: flex; justify-content: space-around;"> <div style="text-align: center;"> <p>Figura 1</p>  </div> <div style="text-align: center;"> <p>Figura 2</p>  </div> </div> <p>Em qual das figuras, o João fez o que a Maria pediu?</p>
<p>2. Bia pediu que o decorador revestisse a parede com papel estampado.</p> 	<div style="display: flex; justify-content: space-around;"> <div style="text-align: center;"> <p>Figura 1</p>  </div> <div style="text-align: center;"> <p>Figura 2</p>  </div> </div> <p>Em qual das figuras, o decorador fez o que a Bia pediu?</p>
<p>3. O presidente da confederação mandou que plantassem o campo com grama.</p> 	<div style="display: flex; justify-content: space-around;"> <div style="text-align: center;"> <p>Figura 1</p>  </div> <div style="text-align: center;"> <p>Figura 2</p>  </div> </div> <p>Em qual das figuras, realizaram o desejo do presidente da confederação?</p>

4. A moça pediu que a costureira cobrisse o vestido com pluma de ganso.



Figura 1



Figura 2



Em qual das figuras, a costureira fez o que a moça pediu?

5. O patrão mandou que o empregado carregasse o caminhão com areia branca.



Figura 1



Figura 2



Em qual das figuras, o empregado cumpriu a ordem do patrão?

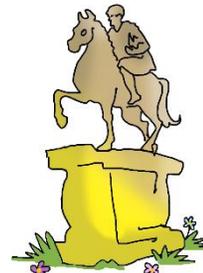
6. O prefeito ordenou que o artista banhasse a estátua com ouro 18 quilates.



Figura 1

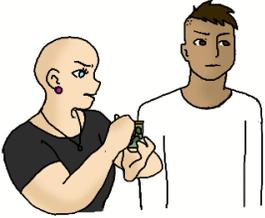


Figura 2



Em qual das figuras, o artista cumpriu a ordem do prefeito?

SENTENÇAS DISTRATORAS

Contexto	Figuras/ Perguntas/ Opções de resposta
<p>1. O amigo pediu que Luana comprasse um vinho branco importado.</p> 	<div style="display: flex; justify-content: space-around; align-items: flex-start;"> <div style="text-align: center;"> <p>Figura 1</p>  </div> <div style="text-align: center;"> <p>Figura 2</p>  </div> </div> <p>Em qual das figuras, o amigo fez o que a Luana pediu?</p>
<p>2. A cliente pediu que o decorador lhe desse um desconto especial.</p> 	<div style="display: flex; justify-content: space-around; align-items: flex-start;"> <div style="text-align: center;"> <p>Figura 1</p>  </div> <div style="text-align: center;"> <p>Figura 2</p>  </div> </div> <p>Em qual das figuras, o decorador provavelmente concordou com o desconto?</p>
<p>3. Laura pediu que o marido abrisse o vidro de azeitona para ela.</p> 	<div style="display: flex; justify-content: space-around; align-items: flex-start;"> <div style="text-align: center;"> <p>Figura 1</p>  </div> <div style="text-align: center;"> <p>Figura 2</p>  </div> </div> <p>Em qual das figuras, o marido atendeu ao pedido da esposa?</p>

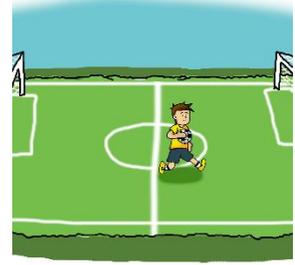
4. O pai mandou que o Maurinho não jogasse na rua.



Figura 1



Figura 2



Em qual das figuras, o Maurinho obedeceu ao pai?

5. O chefe mandou que o caminhoneiro estivesse atento ao volante.



Figura 1



Figura 2



Em qual das uras, o caminhoneiro cumpriu a ordem do chefe?

6. A mãe pediu que a filha ensinasse matemática ao irmãozinho.



Figura 1



Figura 2



Em qual das figuras, a filha fez o que a mãe pediu?.

7. A modelo pediu que a estilista fizesse um vestido curto para o desfile.



Figura 1



Figura 2



Em qual das figuras, a estilista fez o que a modelo pediu?

8. As crianças pediram que a velhinha não batesse no senhor com a bengala.



Figura 1



Figura 2



Em qual das figuras, a velhinha não atendeu ao pedido das crianças?

9. O rapaz pediu que o garçom lhe trouxesse um prato.



Figura 1



Figura 2



Em qual das figuras, o garçom atendeu ao pedido do rapaz?.

10. Ana pediu que o decorador escolhesse dois quadros grandes na loja.



Figura 1



Figura 2



Em qual das figuras, o decorador fez o que a Ana pediu?

11. A costureira exigiu que a jovem lhe pagasse o vestido em dinheiro.



Figura 1



Figura 2



Em qual das figuras, a jovem cumpriu a exigência da costureira?

12. Carol pediu que Carlos bebesse o suco guardado na geladeira.



Figura 1



Figura 2



Em qual das figuras, o Carlos fez o que a Carol pediu?

APÊNDICE G - Respostas dos participantes - experimento I

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M
1	Experimento I												
2	Response ID	Retirar sg	Retirar pl	Afastar sg	Afastar pl	Limpar sg	Limpar pl	Libertar sg	Libertar pl	Extrair sg	Extrair pl	Remover sg	Remover pl
3	22	1	5	5	1	1	5	2	5	4	5	1	5
4	26	4	5	3	4	3	5	4	5	5	5	3	3
5	29	1	4	1	4	3	3	2	3	4	4	3	3
6	30	1	5	4	2	2	4	5	5	3	5	5	4
7	31	4	5	5	3	5	5	4	1	5	3	4	5
8	34	4	5	4	4	5	4	5	4	4	4	4	5
9	37	2	5	2	5	2	5	2	4	4	5	1	5
10	39	3	4	3	2	4	3	5	4	3	5	4	5
11	43	1	2	1	1	1	5	1	3	1	5	1	4
12	46	1	1	2	3	1	5	2	2	2	5	3	3
13	48	3	3	4	3	4	4	3	4	3	1	3	3
14	49	4	5	3	4	5	3	5	3	5	5	5	5
15	53	1	5	5	5	1	5	5	5	1	1	5	1
16	54	1	1	2	2	3	2	5	3	2	3	2	3
17	57	5	5	5	1	5	5	5	5	5	5	5	5
18	60	1	2	1	2	1	4	2	4	2	1	1	2
19	62	3	3	4	2	3	5	4	4	4	5	3	4
20	63	5	5	5	4	5	5	5	5	5	4	4	5
21	64	3	3	3	3	3	5	3	5	5	5	5	5
22	66	1	5	1	4	2	4	1	5	1	5	1	3
23	68	1	5	1	5	1	5	5	3	5	5	1	5
24	69	4	5	4	4	4	5	4	5	5	5	4	5
25	72	3	3	2	3	2	2	3	2	2	5	2	3
26	75	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	4	5
27	79	3	4	5	3	5	1	3	1	4	4	3	3
28	81	2	5	3	3	1	5	5	1	5	3	1	5
29	83	5	5	1	5	1	5	1	1	5	5	5	5
30	89	3	5	3	5	3	5	3	5	3	5	1	5
31	93	1	5	1	1	5	5	1	5	5	5	5	5
32	94	4	3	3	3	3	3	3	3	3	5	3	3
33	95	4	5	5	3	1	5	5	5	4	5	3	5
34	97	1	5	1	4	1	4	1	5	1	5	1	1
35	99	1	1	1	1	1	1	4	1	1	1	1	5
36	101	1	1	1	1	1	1	1	1	1	5	1	1
37	104	1	5	3	5	2	5	5	5	5	5	1	2
38	105	1	5	1	1	5	5	5	1	1	5	1	1
39	106	4	4	2	4	4	5	3	4	5	5	4	4
40	108	4	5	5	5	5	5	5	5	5	5	2	5
41	109	4	5	5	3	3	5	3	5	4	5	3	5
42	110	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5
43	111	5	5	3	5	5	5	5	5	5	5	3	5
44	112	4	5	3	3	4	5	3	5	3	5	5	3
45	113	1	5	1	3	1	5	1	3	3	5	1	5
46	114	3	4	3	3	3	4	3	3	3	4	3	4
47	115	2	5	1	1	1	5	1	5	5	5	1	1
48	118	3	4	4	5	5	5	5	5	5	5	4	5
49	119	2	4	2	4	2	2	4	4	4	4	3	4
50	121	4	5	5	4	5	5	5	4	5	5	3	5
51	122	1	3	1	3	1	3	2	1	4	1	1	2
52	124	1	4	1	2	2	3	3	3	2	5	1	3
53	125	2	2	1	2	2	3	3	5	4	3	2	2
54	130	3	5	3	3	3	5	3	5	5	5	3	5
55	131	1	5	3	5	1	3	3	3	4	2	1	2
56	132	5	5	1	5	1	5	5	5	5	5	1	5
57	133	1	5	1	5	1	5	5	5	5	5	1	5
58	134	2	5	1	4	2	5	2	5	5	5	2	2
59	136	2	5	4	1	2	2	2	1	4	4	2	1
60	140	4	3	3	5	4	4	4	5	4	4	3	4
61	142	2	5	2	4	3	4	4	3	5	5	2	3
62	143	1	1	1	1	1	3	1	5	1	5	1	5

APÊNDICE H - Respostas dos participantes - experimento II

	A	B	C	D	E	F	G
1	Response ID	banhar	carregar	cobrir	encher	plantar	revestir
2	22	d	d	d	d	a	a
3	26	c	a	a	b	d	a
4	29	d	a	a	a	a	a
5	30	a	a	c	a	a	a
6	31	c	c	c	d	c	c
7	34	c	a	d	a	a	d
8	37	c	c	d	d	c	a
9	39	c	a	d	a	c	a
10	43	d	d	d	d	a	d
11	46	c	c	c	c	c	a
12	48	d	d	d	d	a	a
13	49	a	a	a	a	a	a
14	53	b	a	a	b	b	a
15	54	c	c	a	b	d	d
16	57	b	a	a	b	a	b
17	60	a	a	c	a	a	a
18	62	c	a	a	c	a	a
19	63	b	a	d	c	b	d
20	64	a	a	a	b	a	a
21	66	b	d	d	d	a	a
22	68	a	b	c	a	a	a
23	69	c	c	d	d	c	a
24	72	a	a	a	a	a	a
25	75	b	c	c	c	c	c
26	79	a	a	a	a	a	a
27	81	a	a	a	a	a	a
28	83	c	a	c	c	c	a
29	89	c	b	a	c	a	a
30	93	b	a	b	b	a	b
31	94	c	a	c	c	a	a
32	95	a	d	c	d	a	a
33	97	c	c	a	d	d	c
34	99	e	e	d	b	a	c
35	101	c	c	d	c	c	d
36	104	a	a	a	d	a	a
37	105	a	c	d	d	d	d
38	106	e	a	a	a	d	a
39	108	c	d	d	d	d	c
40	109	a	a	a	a	a	a
41	110	c	c	c	c	c	d
42	111	d	d	c	b	a	a
43	112	b	d	d	d	a	d
44	113	c	d	d	d	a	d
45	114	c	d	c	c	c	a
46	115	a	b	a	d	b	a
47	118	c	d	c	c	c	d
48	119	a	a	a	a	a	a
49	121	c	c	d	d	c	c
50	122	c	d	a	a	a	a
51	124	a	b	a	b	a	a
52	125	a	d	a	d	a	a
53	130	b	a	a	a	a	a
54	131	b	a	a	a	a	a
55	132	a	a	a	a	b	a
56	133	c	d	a	d	a	a
57	134	c	a	d	a	a	a
58	136	a	d	d	d	a	d
59	140	a	a	a	a	a	a
60	142	b	a	c	c	a	a
61	143	d	d	d	d	a	a

APÊNDICE I - Respostas dos participantes - experimento III

	A	B	C	D	E	F	G
1	Response ID	banhar	carregar	coobrisse	encher	plantar	revestir
2	22	b	c	b	b	b	b
3	26	b	c	c	b	c	b
4	29	b	c	c	b	b	c
5	30	b	c	b	b	b	b
6	31	c	c	c	b	c	c
7	34	b	b	b	b	b	b
8	37	b	b	b	c	b	c
9	39	b	c	c	b	b	c
10	43	b	c	c	c	b	b
11	46	b	c	c	c	c	c
12	48	b	c	c	c	a	c
13	49	b	a	b	b	b	b
14	53	a	b	c	c	b	a
15	54	b	c	b	c	c	b
16	57	d	d	b	b	b	b
17	60	b	c	c	c	a	c
18	62	b	b	b	b	c	b
19	63	b	c	b	b	b	b
20	64	b	d	a	c	a	b
21	66	b	c	b	c	b	c
22	68	b	b	b	c	b	c
23	69	b	b	b	b	b	b
24	72	a	a	c	c	b	b
25	75	b	c	b	b	c	b
26	79	b	c	b	a	b	b
27	81	b	b	b	b	a	c
28	83	b	a	b	b	b	b
29	89	b	c	c	b	b	b
30	93	b	b	b	b	b	a
31	94	b	c	b	b	b	c
32	95	b	a	b	c	b	c
33	97	b	c	d	c	b	b
34	99	b	a	b	d	c	c
35	101	b	b	b	c	b	b
36	104	b	c	b	b	a	c
37	105	a	b	b	b	b	b
38	106	b	c	b	b	b	c
39	108	b	b	b	b	b	d
40	109	b	c	c	c	b	b
41	110	b	b	b	b	b	b
42	111	b	c	b	b	b	b
43	112	b	b	b	c	b	c
44	113	b	d	c	c	b	b
45	114	b	c	c	b	b	b
46	115	b	b	b	b	b	b
47	118	b	b	b	b	b	b
48	119	b	c	b	b	c	c
49	121	c	c	c	c	c	c
50	122	c	c	c	c	b	c
51	124	b	c	c	c	b	c
52	125	b	c	b	b	b	c
53	130	b	b	c	b	b	c
54	131	c	b	c	b	b	c
55	132	b	c	c	c	c	c
56	133	b	c	b	c	c	c
57	134	d	b	b	c	a	b
58	136	b	c	c	c	c	c
59	140	b	c	c	b	c	c
60	142	d	c	b	c	b	b
61	143	b	b	b	b	b	b

APÊNDICE J - Output estatístico - Teste Wilcoxon com sinais - experimento I

Verbo "retirar"

Pairs	Data Cells		S/R of
	X_a	X_b	$ X_a - X_b $
1	5	1	+36.5
2	5	4	+9.5
3	4	1	+26.5
4	5	1	+36.5
5	5	4	+9.5
6	5	4	+9.5
7	5	2	+26.5
8	4	3	+9.5
9	2	1	+9.5
10	1	1	---
11	3	3	---
12	5	4	+9.5
13	5	1	+36.5
14	1	1	---
15	5	5	---
16	2	1	+9.5
17	3	3	---
18	5	5	---
19	3	3	---
20	5	1	+36.5
21	5	1	+36.5

22	5	4	+9.5
23	3	3	---
24	5	5	---
25	4	3	+9.5
26	5	2	+26.5
27	5	5	---
28	5	3	+20.5
29	5	1	+36.5
30	3	4	-9.5
31	5	4	+9.5
32	5	1	+36.5
33	1	1	---
34	1	1	---
35	5	1	+36.5
36	5	1	+36.5
37	4	4	---
38	5	4	+9.5
39	5	4	+9.5
40	5	5	---
41	5	5	---
42	5	4	+9.5
43	5	1	+36.5
44	4	3	+9.5
45	5	2	+26.5
46	4	3	+9.5

47	4	2	+20.5
48	5	4	+9.5
49	3	1	+20.5
50	4	1	+26.5
51	2	2	---
52	5	3	+20.5
53	5	1	+36.5
54	5	5	---
55	5	1	+36.5
56	5	2	+26.5
57	5	2	+26.5
58	3	4	-9.5
59	5	2	+26.5
60	1	1	---

Reload	W= 865		
Reset	$n_{s/r}$ = 42	P(1-tail)	P(2-tail)
Calculate	z= 5.4	<.0001	<.0001

Fonte: <http://vassarstats.net/>

Verbo “afastar”

Pairs	Data Cells		S/R of
	X_a	X_b	$ X_a - X_b $
1	1	5	-37.5
2	4	3	+6.5
3	4	1	+31.5
4	2	4	-20.5
5	3	5	-20.5
6	4	4	---
7	5	2	+31.5
8	2	3	-6.5
9	1	1	---
10	3	2	+6.5
11	3	4	-6.5
12	4	3	+6.5
13	5	5	---
14	2	2	---
15	1	5	-37.5

16	2	1	+6.5
17	2	4	-20.5
18	4	5	-6.5
19	3	3	---
20	4	1	+31.5
21	5	1	+37.5
22	4	4	---
23	3	2	+6.5
24	5	5	---
25	3	5	-20.5
26	3	3	---
27	5	1	+37.5
28	5	3	+20.5
29	1	1	---
30	3	3	---
31	3	5	-20.5
32	4	1	+31.5
33	1	1	---
34	1	1	---
35	5	3	+20.5
36	1	1	---
37	4	2	+20.5
38	5	5	---
39	3	5	-20.5
40	5	5	---
41	5	3	+20.5
42	3	3	---
43	3	1	+20.5
44	3	3	---
45	1	1	---

46	5	4	+6.5
47	4	2	+20.5
48	4	5	-6.5
49	3	1	+20.5
50	2	1	+6.5
51	2	1	+6.5
52	3	3	---
53	5	3	+20.5
54	5	1	+37.5
55	5	1	+37.5
56	4	1	+31.5
57	1	4	-31.5
58	5	3	+20.5
59	4	2	+20.5
60	1	1	---

Reload	W= 309		
Reset	$n_{s/r}$ = 40	P(1-tail)	P(2-tail)
Calculate	z= 2.07	0.0192	0.0385

Fonte: <http://vassarstats.net/>

Verbo "limpar"

Pairs	Data Cells		S/R of
	X_a	X_b	$ X_a - X_b $
1	5	1	+34
2	5	3	+16.5
3	3	3	---
4	4	2	+16.5
5	5	5	---
6	4	5	-5.5
7	5	2	+25
8	3	4	-5.5
9	5	1	+34
10	5	1	+34
11	4	4	---
12	3	5	-16.5
13	5	1	+34
14	2	3	-5.5
15	5	5	---
16	4	1	+25
17	5	3	+16.5
18	5	5	---
19	5	3	+16.5
20	4	2	+16.5

21	5	1	+34
22	5	4	+5.5
23	2	2	---
24	5	5	---
25	1	5	-34
26	5	1	+34
27	5	1	+34
28	5	3	+16.5
29	5	5	---
30	3	3	---
31	5	1	+34
32	4	1	+25
33	1	1	---
34	1	1	---
35	5	2	+25
36	5	5	---
37	5	4	+5.5
38	5	5	---
39	5	3	+16.5
40	5	5	---
41	5	5	---
42	5	4	+5.5
43	5	1	+34
44	4	3	+5.5
45	5	1	+34

46	5	5	---
47	2	2	---
48	5	5	---
49	3	1	+16.5
50	3	2	+5.5
51	3	2	+5.5
52	5	3	+16.5
53	3	1	+16.5
54	5	1	+34
55	5	1	+34
56	5	2	+25
57	2	2	---
58	4	4	---
59	4	3	+5.5
60	3	1	+16.5

Reload	W= 686		
Reset	n_s/r = 40	P(1-tail)	P(2-tail)
Calculate	z= 4.61	<.0001	<.0001

Fonte: <http://vassarstats.net/>

Verbo “libertar”

Pairs	Data Cells		S/R of $ X_a - X_b $
	X_a	X_b	
1	5	2	+29.5
2	5	4	+7
3	3	2	+7
4	5	5	---
5	1	4	-29.5
6	4	5	-7
7	4	2	+20.5
8	4	5	-7
9	3	1	+20.5
10	2	2	---
11	4	3	+7
12	3	5	-20.5
13	5	5	---
14	3	5	-20.5
15	5	5	---
16	4	2	+20.5
17	4	4	---
18	5	5	---

19	5	3	+20.5
20	5	1	+35
21	3	5	-20.5
22	5	4	+7
23	2	3	-7
24	5	5	---
25	1	3	-20.5
26	1	5	-35
27	1	1	---
28	5	3	+20.5
29	5	1	+35
30	3	3	---
31	5	5	---
32	5	1	+35
33	1	4	-29.5
34	1	1	---
35	5	5	---
36	1	5	-35
37	4	3	+7
38	5	5	---
39	5	3	+20.5
40	5	5	---
41	5	5	---
42	5	3	+20.5
43	3	1	+20.5
44	3	3	---
45	5	1	+35

46	5	5	---
47	4	4	---
48	4	5	-7
49	1	2	-7
50	3	3	---
51	5	3	+20.5
52	5	3	+20.5
53	3	3	---
54	5	5	---
55	5	5	---
56	5	2	+29.5
57	1	2	-7
58	5	4	+7
59	3	4	-7
60	5	1	+35

Reload	W=	221		
Reset	n_s/r =	38	P(1-tail)	P(2-tail)
Calculate	z=	1.6	0.0548	0.1096

Fonte: <http://vassarstats.net/>

Verbo “extrair”

Pairs	Data Cells		S/R of
	X_a	X_b	$ X_a - X_b $
1	5	4	+5.5
2	5	5	---
3	4	4	---
4	5	3	+15.5
5	3	5	-15.5
6	4	4	---
7	5	4	+5.5
8	5	3	+15.5
9	5	1	+27.5
10	5	2	+22.5
11	1	3	-15.5
12	5	5	---
13	1	1	---
14	3	2	+5.5
15	5	5	---
16	1	2	-5.5
17	5	4	+5.5
18	4	5	-5.5

19	5	5	---
20	5	1	+27.5
21	5	5	---
22	5	5	---
23	5	2	+22.5
24	5	5	---
25	4	4	---
26	3	5	-15.5
27	5	5	---
28	5	3	+15.5
29	5	5	---
30	5	3	+15.5
31	5	4	+5.5
32	5	1	+27.5
33	1	1	---
34	5	1	+27.5
35	5	5	---
36	5	1	+27.5
37	5	5	---
38	5	5	---
39	5	4	+5.5
40	5	5	---
41	5	5	---
42	5	3	+15.5
43	5	3	+15.5
44	4	3	+5.5
45	5	5	---

46	5	5	---
47	4	4	---
48	5	5	---
49	1	4	-22.5
50	5	2	+22.5
51	3	4	-5.5
52	5	5	---

53	2	4	-15.5
54	5	5	---
55	5	5	---
56	5	5	---
57	4	4	---
58	4	4	---
59	5	5	---
60	5	1	+27.5

Reload	W=	263		
Reset	$n_{s/r}$ =	30	P(1-tail)	P(2-tail)
Calculate	z=	2.7	0.0035	0.0069

Fonte: <http://vassarstats.net/>

Verbo “remover”

Pairs	Data Cells		S/R of
	X_a	X_b	$ X_a - X_b $
1	5	1	+36
2	3	3	---
3	3	3	---
4	4	5	-10.5
5	5	4	+10.5
6	5	4	+10.5
7	5	1	+36
8	5	4	+10.5
9	4	1	+29.5
10	3	3	---
11	3	3	---
12	5	5	---
13	1	5	-36
14	3	2	+10.5
15	5	5	---
16	2	1	+10.5

17	4	3	+10.5
18	5	4	+10.5
19	5	5	---
20	3	1	+24.5

21	5	1	+36
22	5	4	+10.5
23	3	2	+10.5
24	5	4	+10.5
25	3	3	---
26	5	1	+36
27	5	5	---
28	5	1	+36
29	5	5	---
30	3	3	---
31	5	3	+24.5
32	1	1	---
33	5	1	+36
34	1	1	---
35	2	1	+10.5
36	1	1	---
37	4	4	---
38	5	2	+29.5
39	5	3	+24.5
40	5	5	---
41	5	3	+24.5
42	3	5	-24.5
43	5	1	+36
44	4	3	+10.5
45	1	1	---
46	5	4	+10.5
47	4	3	+10.5
48	5	3	+24.5
49	2	1	+10.5
50	3	1	+24.5

51	2	2	---
52	5	3	+24.5
53	2	1	+10.5
54	5	1	+36
55	5	1	+36
56	2	2	---
57	1	2	-10.5
58	4	3	+10.5
59	3	2	+10.5
60	5	1	+36

<input type="button" value="Reload"/>	W= <input type="text" value="698"/>		
<input type="button" value="Reset"/>	$n_{s/r}$ = <input type="text" value="41"/>	P(1-tail)	P(2-tail)
<input type="button" value="Calculate"/>	z= <input type="text" value="4.52"/>	<.0001	<.0001

Fonte: <http://vassarstats.net/>

APÊNDICE K - Output estatístico do teste da binomial exata para o Experimento II

Verbo “banhar”

Comparação entre as respostas exclusivas

n	k	p	q
58	29	.5	0.5

Parameters of binomial sampling distribution:

mean = 29
variance = 14.5
standard deviation = 3.8079
binomial z-ratio = 0 (if applicable)

P: 29 or more out of 58	
Method 1. exact binomial calculation	0.552158393055
Method 2. approximation via normal	0.551788
Method 3. approximation via Poisson	

Comparação entre as preposições “com” e “de”

n	k	p	q
29	19	.5	0.5

Parameters of binomial sampling distribution:

mean = 14.5
variance = 7.25
standard deviation = 2.6926
binomial z-ratio = +1.49 (if applicable)

P: 19 or more out of 29	
Method 1. exact binomial calculation	0.068022973835
Method 2. approximation via normal	0.068112
Method 3. approximation via Poisson	

Comparação entre as preposições “com” e “de” em sentidos iguais ou diferentes

n	k	p	q
29	23	.5	0.5

Parameters of binomial sampling distribution:

mean = 14.5	
variance = 7.25	
standard deviation = 2.6926	
binomial z-ratio = +2.97 (if applicable)	
P: 23 or more out of 29	
Method 1. exact binomial calculation	0.001157850027
Method 2. approximation via normal	0.001489
Method 3. approximation via Poisson	

Fonte: <http://vassarstats.net/>

Verbo “carregar”

Comparação entre as respostas exclusivas

n	k	p	q
59	32	.5	0.5

Parameters of binomial sampling distribution:

mean = 29.5	
variance = 14.75	
standard deviation = 3.8406	
binomial z-ratio = +0.52 (if applicable)	
P: 32 or more out of 59	
Method 1. exact binomial calculation	0.301461600629
Method 2. approximation via normal	0.301532
Method 3. approximation via Poisson	

Comparação entre as preposições “com” e “de”

n	k	p	q
32	28	.5	0.5

Parameters of binomial sampling distribution:

mean = 16
variance = 8
standard deviation = 2.8284
binomial z-ratio = +4.07 (if applicable)

P: 28 or more out of 32	
Method 1. exact binomial calculation	0.000009650597
Method 2. approximation via normal	0.000024
Method 3. approximation via Poisson	

Comparação entre as preposições “com” e “de” em sentidos iguais ou diferentes

n	k	p	q
27	11	.5	0.5

Parameters of binomial sampling distribution:

mean = 13.5
variance = 6.75
standard deviation = 2.5981
binomial z-ratio = -0.77 (if applicable)

P: 11 or more out of 27	
Method 1. exact binomial calculation	0.876105718315
Method 2. approximation via normal	0.875934
Method 3. approximation via Poisson	

Fonte: <http://vassarstats.net/>

Verbo “cobrir”

Comparação entre Comparação entre as respostas exclusivas

n	k	p	q
60	27	.5	0.5

Parameters of binomial sampling distribution:

mean = 30
variance = 15
standard deviation = 3.873
binomial z-ratio = -0.65 (if applicable)

P: 27 or more out of 60	
Method 1. exact binomial calculation	0.816852996648
Method 2. approximation via normal	0.818113
Method 3. approximation via Poisson	

Comparação entre as preposições “com”e “de”

n	k	p	q
27	26	.5	0.5

Parameters of binomial sampling distribution:

mean = 13.5
variance = 6.75
standard deviation = 2.5981
binomial z-ratio = +4.62 (if applicable)

P: 26 or more out of 27	
Method 1. exact binomial calculation	2.08616e-7
Method 2. approximation via normal	0.000002
Method 3. approximation via Poisson	

Comparação entre as preposições “com” e “de” em sentidos iguais ou diferentes

n	k	p	q
33	14	.5	0.5

Parameters of binomial sampling distribution:

mean = 16.5
variance = 8.25
standard deviation = 2.8723
binomial z-ratio = -0.7 (if applicable)

P: 14 or more out of 33	
Method 1. exact binomial calculation	0.8518968157
Method 2. approximation via normal	0.852716
Method 3. approximation via Poisson	

Fonte: <http://vassarstats.net/>

Verbo “encher”

Comparação entre as respostas exclusivas

n	k	p	q
60	28	.5	0.5

Parameters of binomial sampling distribution:

mean = 30
variance = 15
standard deviation = 3.873
binomial z-ratio = -0.39 (if applicable)

P: 28 or more out of 60	
Method 1. exact binomial calculation	0.740520998405
Method 2. approximation via normal	0.741572
Method 3. approximation via Poisson	

Comparação entre as preposições “com” e “de”

n	k	p	q
28	19	.5	0.5

Parameters of binomial sampling distribution:

mean = 14
variance = 7
standard deviation = 2.6458
binomial z-ratio = +1.7 (if applicable)

P: 19 or more out of 28	
Method 1. exact binomial calculation	0.043579276651
Method 2. approximation via normal	0.044565
Method 3. approximation via Poisson	

Comparação entre as preposições “com” e “de” em sentidos iguais ou diferentes

n	k	p	q
32	12	.5	0.5

Parameters of binomial sampling distribution:

mean = 16
variance = 8
standard deviation = 2.8284
binomial z-ratio = -1.24 (if applicable)

P: 12 or more out of 32	
Method 1. exact binomial calculation	0.944907917408
Method 2. approximation via normal	0.944482
Method 3. approximation via Poisson	

Fonte: <http://vassarstats.net/>

Verbo “plantar”

Comparação entre as respostas exclusivas

n	k	p	q
60	42	.5	0.5

Parameters of binomial sampling distribution:

mean = 30
variance = 15
standard deviation = 3.873
binomial z-ratio = +2.97 (if applicable)

P: 42 or more out of 60	
Method 1. exact binomial calculation	0.001335218141
Method 2. approximation via normal	0.001489
Method 3. approximation via Poisson	

Comparação entre as preposições “com”e “de”

n	k	p	q
42	38	.5	0.5

Parameters of binomial sampling distribution:

mean = 21
variance = 10.5
standard deviation = 3.2404
binomial z-ratio = +5.09 (if applicable)

P: 38 or more out of 42	
Method 1. exact binomial calculation	2.8266e-8
Method 2. approximation via normal	<0.000001
Method 3. approximation via Poisson	

Comparação entre as preposições “com” e “de” em sentidos iguais ou diferentes

n	k	p	q
18	12	.5	0.5

Calculate

Reset

Parameters of binomial sampling distribution:

mean = 9
variance = 4.5
standard deviation = 2.1213
binomial z-ratio = +1.18 (if applicable)

P: 12 or more out of 18	
Method 1. exact binomial calculation	0.118942260742
Method 2. approximation via normal	0.119
Method 3. approximation via Poisson	

Fonte: <http://vassarstats.net/>

Verbo “revestir”

Comparação entre as respostas exclusivas

n	k	p	q
60	43	.5	0.5

Calculate

Reset

Parameters of binomial sampling distribution:

mean = 30
variance = 15
standard deviation = 3.873
binomial z-ratio = +3.23 (if applicable)

P: 43 or more out of 60	
Method 1. exact binomial calculation	0.00053288289
Method 2. approximation via normal	0.000619
Method 3. approximation via Poisson	

Comparação entre as preposições “com” e “de”

n	k	p	q
43	41	.5	0.5

Parameters of binomial sampling distribution:

mean = 21.5
variance = 10.75
standard deviation = 3.2787
binomial z-ratio = +5.79 (if applicable)

P: 41 or more out of 43	
Method 1. exact binomial calculation	1.08e-10
Method 2. approximation via normal	<0.000001
Method 3. approximation via Poisson	

Comparação entre as preposições “com” e “de” em sentidos iguais ou diferentes

n	k	p	q
17	6	.5	0.5

Parameters of binomial sampling distribution:

mean = 8.5
variance = 4.25
standard deviation = 2.0616
binomial z-ratio = -0.97 (if applicable)

P: 6 or more out of 17	
Method 1. exact binomial calculation	0.928268432617
Method 2. approximation via normal	0.927175
Method 3. approximation via Poisson	

Fonte: <http://vassarstats.net/>

APÊNDICE L - Output estatístico do teste da binomial exata para o Experimento III

Verbo “banhar”

Comparação entre as interpretações holística e partitiva em relação a interpretação ambígua

n	k	p	q
57	4	0.5	0.5

Calculate

Reset

Parameters of binomial sampling distribution:

mean = 28.5
variance = 14.25
standard deviation = 3.7749
binomial z-ratio = -6.36 (if applicable)

P: 33 or more out of 57

Method 1. exact binomial calculation	0.144621873555
Method 2. approximation via normal	0.144572
Method 3. approximation via Poisson	

Comparação entre a interpretação holística em relação a interpretação partitiva

n	k	p	q
53	50	0.5	0.5

Calculate

Reset

Parameters of binomial sampling distribution:

mean = 26.5
variance = 13.25
standard deviation = 3.6401
binomial z-ratio = +6.32 (if applicable)

P: 50 or more out of 53

For hypothesis testing	One-Tail	Two-Tail
Method 1. exact binomial calculation	3e-12	6e-12
Method 2. approximation via normal	<0.000001	<0.000001
Method 3. approximation via Poisson		

Fonte: <http://vassarstats.net/>

Verbo “carregar”

Comparação entre as interpretações holística e partitiva em relação a interpretação ambígua

n	k	p	q
57	33	0.5	0.5

Parameters of binomial sampling distribution:

mean = 28.5
variance = 14.25
standard deviation = 3.7749
binomial z-ratio = +1.06 (if applicable)

P: 4 or more out of 57	
Method 1. exact binomial calculation	>.999999
Method 2. approximation via normal	>.999999
Method 3. approximation via Poisson	

Comparação entre a interpretação holística em relação a interpretação partitiva

n	k	p	q
24	19	0.5	0.5

Parameters of binomial sampling distribution:

mean = 12
variance = 6
standard deviation = 2.4495
binomial z-ratio = +2.65 (if applicable)

P: 19 or more out of 24

For hypothesis testing	One-Tail	Two-Tail
Method 1. exact binomial calculation	0.003305375576	0.006610751152
Method 2. approximation via normal	0.004024	0.008049
Method 3. approximation via Poisson		

Fonte: <http://vassarstats.net/>

Verbo “cobrir”

Comparação entre as interpretações holística e partitiva em relação a interpretação ambígua

n	k	p	q
59	22	0.5	0.5

Parameters of binomial sampling distribution:

mean = 29.5
variance = 14.75
standard deviation = 3.8406
binomial z-ratio = -1.82 (if applicable)

P: 22 or more out of 59	
Method 1. exact binomial calculation	0.981828410021
Method 2. approximation via normal	0.981254
Method 3. approximation via Poisson	

Comparação entre a interpretação holística em relação a interpretação partitiva

n	k	p	q
37	36	0.5	0.5

Parameters of binomial sampling distribution:

mean = 18.5
variance = 9.25
standard deviation = 3.0414
binomial z-ratio = +5.59 (if applicable)

P: 36 or more out of 37

For hypothesis testing	One-Tail	Two-Tail
Method 1. exact binomial calculation	2.76e-10	5.52e-10
Method 2. approximation via normal	<0.000001	<0.000001
Method 3. approximation via Poisson		

Fonte: <http://vassarstats.net/>

Verbo “encher”

Comparação entre as interpretações holística e partitiva em relação a interpretação ambígua

n	k	p	q
59	25	0.5	0.5

Parameters of binomial sampling distribution:

mean = 29.5
variance = 14.75
standard deviation = 3.8406
binomial z-ratio = -1.04 (if applicable)

P: 25 or more out of 59	
Method 1. exact binomial calculation	0.903736771119
Method 2. approximation via normal	0.903264
Method 3. approximation via Poisson	

Comparação entre a interpretação holística em relação a interpretação partitiva

n	k	p	q
34	33	0.5	0.5

Parameters of binomial sampling distribution:

mean = 17
variance = 8.5
standard deviation = 2.9155
binomial z-ratio = +5.32 (if applicable)

P: 33 or more out of 34

For hypothesis testing	One-Tail	Two-Tail
Method 1. exact binomial calculation	2.037e-9	4.074e-9
Method 2. approximation via normal	<0.000001	<0.000001
Method 3. approximation via Poisson		

Fonte: <http://vassarstats.net/>

Verbo “plantar”

Comparação entre as interpretações holística e partitiva em relação a interpretação ambígua

n	k	p	q
60	13	0.5	0.5

Parameters of binomial sampling distribution:

mean = 30
variance = 15
standard deviation = 3.873
binomial z-ratio = -4.26 (if applicable)

P: 13 or more out of 60	
Method 1. exact binomial calculation	0.999998408186
Method 2. approximation via normal	0.999997
Method 3. approximation via Poisson	

Comparação entre a interpretação holística em relação a interpretação partitiva

n	k	p	q
47	41	0.5	0.5

Parameters of binomial sampling distribution:

mean = 23.5
variance = 11.75
standard deviation = 3.4278
binomial z-ratio = +4.96 (if applicable)

P: 41 or more out of 47

For hypothesis testing	One-Tail	Two-Tail
Method 1. exact binomial calculation	8.8585e-8	1.7717e-7
Method 2. approximation via normal	<0.000001	<0.000001
Method 3. approximation via Poisson		

Fonte: <http://vassarstats.net/>

Verbo “revestir”

Comparação entre as interpretações holística e partitiva em relação a interpretação ambígua

n	k	p	q
59	27	0.5	0.5

Parameters of binomial sampling distribution:

mean = 29.5
variance = 14.75
standard deviation = 3.8406
binomial z-ratio = -0.52 (if applicable)

P: 27 or more out of 59	
Method 1. exact binomial calculation	0.782503597439
Method 2. approximation via normal	0.782416
Method 3. approximation via Poisson	

Comparação entre a interpretação holística em relação a interpretação partitiva

n	k	p	q
32	30	0.5	0.5

Parameters of binomial sampling distribution:

mean = 16
variance = 8
standard deviation = 2.8284
binomial z-ratio = +4.77 (if applicable)

P: 30 or more out of 32

For hypothesis testing	One-Tail	Two-Tail
Method 1. exact binomial calculation	1.23167e-7	2.46334e-7
Method 2. approximation via normal	<0.000001	0.000002
Method 3. approximation via Poisson		

Fonte: <http://vassarstats.net/>

ANEXO A – PARECER DO INSTITUTIONAL REVIEW BOARD (IRB – UGA)



Tucker Hall, Room 212
310 E. Campus Rd.
Athens, Georgia 30602
TEL 706-542-3199 | FAX 706-542-5638
IRB@uga.edu
<http://research.uga.edu/hso/irb/>

Office of Research
Institutional Review Board

EXEMPT DETERMINATION

October 17, 2017

Dear [Timothy Gupton](#):

On 10/17/2017, the IRB reviewed the following submission:

Type of Review:	Initial Study
Title of Study:	LOCATIVE ALTERNATION IN BRAZILIAN PORTUGUESE
Investigator:	Timothy Gupton
Co-Investigator:	Leticia Cunha Silva
IRB ID:	STUDY00005184
Funding:	Name: CAPES FOUNDATION / BRAZIL
Grant ID:	
Review Category:	Exempt Flex 7

The IRB approved the protocol from 10/17/2017 to 10/16/2022.

Please close this study when it is complete.

In conducting this study, you are required to follow the requirements listed in the Investigator Manual (HRP-103).

Sincerely,

Kate Pavich, IRB Analyst
Human Subjects Office, University of Georgia

ANEXO B – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA (CEP – IH/UNB)

UNB - INSTITUTO DE
CIÊNCIAS HUMANAS E
SOCIAIS DA UNIVERSIDADE



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Em busca de uma caracterização da alternância locativa no Português Brasileiro

Pesquisador: LETÍCIA DA CUNHA SILVA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 74722317.6.0000.5540

Instituição Proponente: Instituto de Letras

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.471.818

Apresentação do Projeto:

Inalterado em relação ao Parecer Consubstanciado do dia 24 de novembro de 2017 emitido pelo CEP/CHS, salvo pelo fato da pesquisadora ter alterado alguns procedimentos em relação à proposta original - alterações estas, segundo ela, refletidas em cinco dos documentos anexos. Não é de todo o caso, pois se alguns aspectos foram padronizados – como o cronograma – permanecem algumas diferenças importantes entre as formulações do projeto detalhado e as que constam no formulário de informações básicas deste. Além disso, alguns dos aspectos só se encontram – desculpando-me pelo pleonismo – explicitamente claros na carta de encaminhamento – como teremos a oportunidade de observar a seguir, em outros itens deste parecer.

Objetivo da Pesquisa:

Inalterado em relação ao Parecer Consubstanciado do dia 24 de novembro de 2017 emitido pelo CEP/CHS – inclusive mantidas as variações importantes nas formulações dos objetivos da pesquisa entre o projeto detalhado e o formulário de informações básicas do projeto.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Inalterado em relação ao Parecer Consubstanciado do dia 24 de novembro de 2017 emitido pelo CEP/CHS.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Inalterado em relação ao Parecer Consubstanciado do dia 24 de novembro de 2017 emitido pelo

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT 03/1 (Ao lado da Direção)
Bairro: ASA NORTE **CEP:** 70.910-900
UF: DF **Município:** BRASÍLIA
Telefone: (61)3107-1592 **E-mail:** cep_chs@unb.br

UNB - INSTITUTO DE
CIÊNCIAS HUMANAS E
SOCIAIS DA UNIVERSIDADE



Continuação do Parecer: 2.471.818

CEP/CHS, salvo pelo fato da pesquisadora ter excluído a “solicitação excepcional” em carta específica e ter atualizado os cronogramas. Embora a pesquisadora tenha esclarecido que o local de recrutamento e coleta de dados será no Brasil, que o tamanho mínimo da amostra é de 50 participantes e que a coleta de dados será via internet (por meio de link a ser disponibilizado aos participantes), permanece a ausência de menção explícita às formas de recrutamento dos participantes (bem como permanece no orçamento a previsão de impressão de cartazes coloridos para recrutamento de participantes – e isso no contexto de uma pesquisa que passou a ser on line). Quanto ao cronograma, embora haja a previsão de início da fase de coleta de dados em período anterior a manifestação deste Comitê (aplicação de um piloto em 02/01/2018), na carta de encaminhamento a pesquisadora se compromete a iniciar a coleta apenas quando houver aprovação por este Comitê. Quanto à mudança substantiva na forma de coleta de dados (presencial para virtual), além da informação que consta na carta de encaminhamento, o projeto detalhado limita-se a duas menções lacônicas de que a “hipótese pode ser testada via corpus eletrônico” e que a “terceira fase” da pesquisa será “de corpus eletrônico (a definir)”. De todo modo, os instrumentos foram muito bem adaptados e adequados a essa nova circunstância da pesquisa.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Inalterado em relação ao Parecer Consubstanciado do dia 24 de novembro de 2017 emitido pelo CEP/CHS, salvo pelo fato da pesquisadora ter: (i) excluído a “carta de solicitação excepcional”; (ii) modificado a estratégia de sedução dos participantes e os termos desta de “incentivo ou compensação” para “ressarcimento ou restituição” (embora só no projeto detalhado, pois aqueles termos permanecem no anexo que traz o orçamento); (iii) incluído o currículo Lattes da orientadora e o documento de aprovação do projeto pelo conselho de ética em pesquisa com sujeitos humanos da instituição parceira (o IRB da Universidade da Georgia); (iv) qualificado os instrumentos de trabalho; (v) adaptado o TCLE para a linguagem e o formato (FAQs – frequently asked questions) de pesquisa on line de um modo muito original e sagaz; e (vi) padronizado os cronogramas entre os diferentes documentos, que, apresentados no formato exigido e apesar de preverem coleta de dados antes da manifestação deste Comitê, estão lastreados no compromisso da pesquisadora de só iniciar as atividades após a nossa manifestação. Tais documentos substituem e/ou se somam aos demais já apresentados na submissão original.

Recomendações:

Não há recomendações específicas em relação ao desenho teórico-metodológico da pesquisa, cujo desenho experimental mudou para melhor. Não obstante, não fossem pelos esclarecimentos

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT 03/1 (Ao lado da Direção)
Bairro: ASA NORTE **CEP:** 70.910-900
UF: DF **Município:** BRASILIA
Telefone: (61)3107-1592 **E-mail:** cep_chs@unb.br

**UNB - INSTITUTO DE
CIÊNCIAS HUMANAS E
SOCIAIS DA UNIVERSIDADE**



Continuação do Parecer: 2.471.818

oferecidos na carta de encaminhamento sobre os procedimentos que foram alterados em relação à proposta original, haveriam ainda algumas poucas inconsistências a sanar, pois, diferente do que diz a pesquisadora na carta, os desdobramentos advindos das alterações feitas não estão adequada e integralmente refletidos nos documentos que compõem o dossiê. Por fim, sugere-se que no texto do TCLE, primeira página, pergunta 3, item (a), substitua-se o termo “informações bibliográficas” por “informações biográficas”.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Levando-se em conta o mencionado nos dois itens anteriores deste parecer e o esforço da pesquisadora em sanar as pendências e inadequações da versão original, nada obsta a aprovação da nova versão do projeto.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_909270.pdf	28/11/2017 00:38:19		Aceito
Outros	LCS_Carta_de_Encaminhamento.pdf	28/11/2017 00:37:44	LETÍCIA DA CUNHA SILVA	Aceito
Outros	EXEMPT_LETTER.pdf	27/11/2017 23:44:46	LETÍCIA DA CUNHA SILVA	Aceito
Outros	LCS_Instrumentos_Atualizados.pdf	27/11/2017 23:40:38	LETÍCIA DA CUNHA SILVA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	LCS_Projeto_Atualizado.pdf	27/11/2017 23:36:39	LETÍCIA DA CUNHA SILVA	Aceito
Orçamento	LCS_Orçamento_Atualizado.pdf	27/11/2017 23:34:55	LETÍCIA DA CUNHA SILVA	Aceito
Outros	Lattes_Rozana_Naves.pdf	27/11/2017 23:31:59	LETÍCIA DA CUNHA SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	LCS_TCLE_online_Atualizado.pdf	27/11/2017 23:29:07	LETÍCIA DA CUNHA SILVA	Aceito
Cronograma	LCS_Cronograma_Atualizado.pdf	27/11/2017 14:43:23	LETÍCIA DA CUNHA SILVA	Aceito
Outros	LCS_CurriculoLattes.pdf	22/08/2017 19:32:09	LETÍCIA DA CUNHA SILVA	Aceito
Outros	LCS_AceiteInstitucionalEmIngles.pdf	22/08/2017 19:30:38	LETÍCIA DA CUNHA SILVA	Aceito

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT 03/1 (Ao lado da Direção)
Bairro: ASA NORTE **CEP:** 70.910-900
UF: DF **Município:** BRASÍLIA
Telefone: (61)3107-1592 **E-mail:** cep_chs@unb.br

UNB - INSTITUTO DE
CIÊNCIAS HUMANAS E
SOCIAIS DA UNIVERSIDADE



Continuação do Parecer: 2.471.818

Outros	LCS_AceiteInstitucionalPortugues.pdf	22/08/2017 19:28:53	LETÍCIA DA CUNHA SILVA	Aceito
Outros	LCS_CartaDeRevisaoEtica.pdf	22/08/2017 19:27:03	LETÍCIA DA CUNHA SILVA	Aceito
Folha de Rosto	LCS_FolhadeRosto.pdf	22/08/2017 19:23:09	LETÍCIA DA CUNHA SILVA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BRASILIA, 23 de Janeiro de 2018

Assinado por:
Érica Quinaglia Silva
(Coordenador)

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT 03/1 (Ao lado da Direção)
Bairro: ASA NORTE **CEP:** 70.910-900
UF: DF **Município:** BRASILIA
Telefone: (61)3107-1592 **E-mail:** cep_chs@unb.br

ANEXO C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCALRECIDOS *ONLINE*

Consentimento livre e esclarecido para participação em pesquisa

Título do estudo: Alternância locativa no Português brasileiro (STUDY00005184)

Pesquisador responsável: Dr. Timothy Gupton
 Departamento de Línguas Românicas/UGA
 E-mail: gupton1@uga.edu
 Telefone: 706.542.4730 (Estados Unidos - código do país +1)

Co-pesquisador: Leticia da Cunha Silva
 Estudante de doutorado - Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas/UnB
 Pesquisadora visitante - Departamento de Línguas Românicas/UGA
 E-mail: leticiaacsilva@uga.edu ou cunhasilva.leticia@gmail.com
 Telefones: 706.254.5676 (Estados Unidos - código do país +1) ou
 (61) 98230.6845 (Brasil - código do país +55)

Este é o Termo de Consentimento para participação nesta pesquisa, a qual está sendo conduzida com o apoio da CAPES/BRASIL. Este documento contém informações importantes sobre o presente estudo e sobre o que esperar dele, caso você decida participar. Por favor, reserve um tempo apropriado para ler as informações a seguir cuidadosamente. Antes de decidir participar desta pesquisa, sinta-se à vontade para esclarecer quaisquer dúvidas em relação à sua participação.

1. Por que este estudo está sendo desenvolvido?

O objetivo deste estudo é investigar como certas estruturas gramaticais são processadas em Português Brasileiro.

2. Quantas pessoas vão participar deste estudo?

Mais de 50 pessoas (participantes) serão recrutadas para participar deste estudo.

3. O que eu terei de fazer, se eu aceitar participar deste estudo?

Ao aceitar participar deste estudo, você será solicitado a:

- a) Preencher a *Ficha de perfil de participante*, o que levará cerca de 10 minutos. Esse documento é complementar e tem o objetivo de auxiliar na interpretação dos resultados do estudo. As perguntas consistem em informações bibliográficas. Não há perguntas pessoais ou íntimas.
- b) Preencher três *Questionários interpretativos eletrônicos*, o que levará cerca de 5 minutos cada. Esses questionários são o alvo do estudo. A seguir encontram-se as tarefas referentes à cada questionário:
 - Questionário 1: julgar as frases apresentadas de acordo com uma escala;
 - Questionário 2: escolher uma opção de acordo com um contexto prévio;
 - Questionário 3: completar as sentenças apresentadas de acordo com as figuras apresentadas previamente;
- c) Preencher a *Ficha de avaliação* ao final de cada questionário, o que levará cerca de 1 minuto cada.

IMPORTANTE: Este estudo não é uma avaliação, por isso não existem respostas certas ou erradas. É muito importante que você responda as perguntas de acordo com a sua opinião!

4. Quanto tempo levará a minha participação neste estudo?

O tempo total estimado para a sua participação neste estudo é de 30 minutos em média.

5. Que benefícios eu terei ao participar deste estudo?

Não há benefícios diretos para você ao participar deste estudo. As descobertas provenientes deste estudo ajudarão os pesquisadores a melhorar o entendimento da natureza e da relação entre semântica e sintaxe e, conseqüentemente, o conhecimento científico sobre a natureza formal das línguas naturais em geral.

6. Eu serei pago por participar deste estudo?

Não, mas você participará de um sorteio de um cartão-presente de R\$ 50 do site da Amazon, como forma de incentivo pela sua colaboração. Todavia, você não tem que participar da pesquisa a fim de concorrer ao sorteio. Nós manteremos seu e-mail e o seu código numérico para informá-lo sobre o resultado do sorteio.

7. Que alternativas eu tenho se eu não quiser participar deste estudo?

Você é livre para decidir não participar deste estudo sem nenhum prejuízo, penalidade ou perda de benefícios ou incentivos a que você tem direito.

8. Eu posso desistir de participar deste estudo?

Sua participação neste estudo é voluntária. Você é livre para se recusar a participar e para retirar seu consentimento ou desistir a qualquer momento. Independentemente da sua decisão, não haverá penalidade ou perda de benefícios para você. Sua decisão não afetará de maneira alguma seu relacionamento com a Universidade da Geórgia ou com a Universidade de Brasília no futuro. Se você é aluno ou empregado dessas instituições, sua decisão não afetará suas notas ou sua condição de trabalho.

9. O que acontecerá com minhas respostas se eu desistir de participar deste estudo?

Se você desistir de participar deste estudo depois de finalizá-lo, qualquer resposta associada a você será deletada e/ou destruída, se assim você desejar. Contudo, se você desistir antes de finalizá-lo, não será possível identificar que dados estão associados à sua participação e suas respostas serão mantidas e analisadas para este estudo.

10. Quais são os riscos, efeitos adversos ou desconfortos que eu posso enfrentar em decorrência da minha participação neste estudo?

As atividades que você realizará não acarretam riscos maiores do que aqueles encontrados no dia-a-dia. Embora os pesquisadores tenham tentado evitar riscos ou desconfortos, você pode achar algumas perguntas ou procedimentos solicitados a você estressantes ou incômodos. Você não tem que fazer nada contra a sua vontade.

11. As informações relacionadas à minha participação neste estudo serão mantidas em sigilo?

Os dados serão coletados de forma anônima neste estudo. Isso significa que a sua identidade não será revelada e o mais estrito sigilo e confidencialidade serão mantidos por meio da retirada total de informações que possam identificá-lo. Os resultados deste estudo podem ser publicados, mas seu nome ou qualquer identificação não serão usadas. Na verdade, os resultados que possam vir a ser publicados serão apresentados somente de maneira generalizada. Além disso, nós manteremos o seu e-mail e código numérico apenas para informá-lo do resultado do sorteio.

12. Quem pode responder minhas dúvidas sobre este estudo?

O contato principal deste estudo é a Sra. Letícia da Cunha Silva, estudante de doutorado da Universidade de Brasília, sob a supervisão do Professor Dr. Timothy Gupton do Departamento de Línguas Românicas da Universidade da Georgia. Por favor, se tiver alguma dúvida referente ao estudo, entre em contato imediatamente. Você pode contactar a Sra. Silva antes, durante e após a sua participação neste estudo por e-mail leticiasilva@uga.edu ou cunhasilva.leticia@gmail.com ou pelos telefones 706.254.5676 (Estados Unidos -código do país +1) ou (61) 98230.6845 (Brasil - código do país +55).

IMPORTANTE: A comunicação via internet nunca é totalmente segura, havendo um limite na confidencialidade que pode ser garantida devido às limitações da própria tecnologia. Todavia, uma vez que o seu material tenha sido recebido pelos pesquisadores, os procedimentos padronizados de confidencialidade serão empregados.

13. Quais são os meus direitos como participante deste estudo?

Caso você concorde em participar deste estudo, você pode decidir desistir a qualquer momento sem nenhum prejuízo, penalidade ou perda de benefícios ou incentivos a que você tem direito. Ao participar, você não renuncia a nenhum direito legal que você tem como participante deste estudo. Você pode obter informações adicionais sobre a sua participação neste estudo ou sobre seus direitos como participante da pesquisa entrando em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade de Brasília - CEP/CHS, pelo e-mail do cep_chs@unb.br, ou ainda, contactando *The Institutional Review Board* – IRB/UGA por meio do telefone 706.542.3199 (Estados Unidos - código do país +1) ou pelo e-mail: irb@uga.edu. Este projeto foi revisado e aprovado por ambas as instituições de ensino.

Para iniciar a sua participação, selecione o botão “CONSINTO” e clique em “ENVIAR”. Eu entendi que ao clicar no botão “CONSINTO”, estou concordando em participar deste estudo e vou receber uma cópia deste Termo de Consentimento para os meus registros. Eu entendi que se eu não consentir, basta que eu feche o navegador da internet.

ANEXO D – EXTERNAL SITE AUTHORIZATION LETTER/ UNB

EXTERNAL SITE AUTHORIZATION TO CONDUCT RESEARCH

Date: August 21st, 2017.

Dear Institutional Review Board:

The purpose of this letter is to inform you that I give *PhD Timothy Gupton and the graduate student, Leticia da Cunha Silva*, permission to conduct the research titled *Locative Alternation in Brazilian Portuguese at Department of Linguistics, Portuguese Language and Classic Languages of The institute of Letter of University of Brasilia*. We have agreed to oversee the research, in particular, the activities related to the analysis of results, as the procedure that this institution takes place in this study.

This also serves as assurance that this institution complies with all State and Federal laws regarding Human Subject Research and will ensure that these requirements are followed in the conduct of this research.

Sincerely,



Rozana Reigota Naves
Director of Institute of Letters

Profa. Dra. Rozana Reigota Naves
Diretora do Instituto de Letras
UnB

ANEXO E – OFFICIAL LETTER OF ACCEPTANCE/ UGA



OFFICIAL LETTER OF ACCEPTANCE

I, Professor Stacey Dolgin Casado, Head of the Department of Romance Languages at the University of Georgia, hereby confirm that I agree with the development of the research project entitled "Locative alternation in Brazilian Portuguese", by researcher Letícia da Cunha Silva, a Ph.D. candidate at the Department of Linguistics, Portuguese and Classical Languages at the University of Brasília, working under the guidance of Professor Rozana Reigota Naves, after review and approval from the Humanities and Social Sciences Research Ethics Committee at the University of Brasília.

I acknowledge that the aforementioned research involves conducting syntactic questionnaires with native speakers of Brazilian Portuguese during two months, from early October 2017 to late December of the same year. These questionnaires will be developed under the supervision of Professor Timothy Gupton, Associate Professor of Spanish Linguistics.

I further confirm that I understand and agree to follow Brazilian ethic codes and legal resolutions, particularly CNS 466/2012 (available at <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>) and CNS 510/2016 (available at <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>). This institution also acknowledges its co-responsibility as a co-participating institution in this research project, as well as its commitment to guarantee the safety and well-being of all research participants, providing the necessary infrastructure to ensure it.

Athens, 16 August 2017.



 Stacey Dolgin Casado

 Signature and stamp



cep_chs_Sample_official_
letter_of_acceptance

ANEXO F - COMPROVANTE DE SORTEIO - VALE-PRESENTE

M Gmail Leticia da Cunha <cunhasilva.leticia@gmail.com>

elza.silvas já está com o Vale-Presente
1 mensagem

Mercado Livre <nao-responder@mercadolivre.com> 24 de maio de 2018 05:04
Para: cunhasilva.leticia@gmail.com

 **mercado livre**

✔ Obrigado pela sua compra!



Enviamos para elza.silvas um Vale-Presente no valor de R\$ 50.
[REDACTED]@gmail.com

M Gmail Leticia da Cunha <cunhasilva.leticia@gmail.com>

fabriciofeistler já está com o Vale-Presente
1 mensagem

Mercado Livre <nao-responder@mercadolivre.com> 21 de junho de 2018 05:25
Para: cunhasilva.leticia@gmail.com

 **mercado livre**

✔ Obrigado pela sua compra!



Enviamos para fabriciofeistler um Vale-Presente no valor de R\$ 50.
[REDACTED]@hotmail.com

M Gmail Leticia da Cunha <cunhasilva.leticia@gmail.com>

Keziasmp já está com o Vale-Presente
1 mensagem

Mercado Livre <nao-responder@mercadolivre.com> 24 de maio de 2018 08:45
Para: cunhasilva.leticia@gmail.com

 **mercado livre**

✔ Obrigado pela sua compra!



Enviamos para Keziasmp um Vale-Presente no valor de R\$ 50.
[REDACTED]@gmail.com